

**APREENSÃO DO ESPAÇO ARQUITETÔNICO NO *POLO CULTURAL*  
*PRAÇA XV.***

ALINE DE OLIVEIRA MENDES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Linha de pesquisa Restauração e Gestão do Patrimônio.

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Albano Amora e Prof. Doutor Gustavo Rocha- Peixoto.

Rio de Janeiro

Março de 2014

# APREENSÃO DO ESPAÇO ARQUITETÔNICO NO *POLO CULTURAL PRAÇA XV*.

ALINE DE OLIVEIRA MENDES

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Albano Amora e Prof. Doutor Gustavo Rocha- Peixoto.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Linha de pesquisa Restauração e Gestão do Patrimônio.

Aprovado por:

---

Prof.<sup>a</sup> Ana Albano Amora (PROARQ)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Elis de Araújo Miranda (PPG)

Universidade Federal Fluminense - Polo Campos

---

Prof.<sup>a</sup> Lais Bronstein (PROARQ)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Nascentes Cabral (PROURB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Março de 2014

Mendes, Aline de Oliveira.

A Apreensão do espaço arquitetônico no *Polo Cultural Praça XV.* /  
Aline de Oliveira Mendes. - Rio de Janeiro: FAU / PROARQ 2014.

xiii,168f.: il.;

Orientador: Ana Albano Amora.

Dissertação (Mestrado) - UFRJ/ FAU/ Programa de Pós-graduação  
em Arquitetura, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 131-136.

1. Revitalização. 2. Apreensões do espaço. 3. Estruturação da imagem. 4.  
Centros culturais. I. Amora, Ana Albano. II. Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em  
Arquitetura. III. Título

## AGRADECIMENTOS

À minha sempre presente e dedicada orientadora

Prof.<sup>a</sup> Ana Albano Amora

Ao meu co-orientador

Prof. Gustavo Rocha-Peixoto

Aos membros da banca

Prof.<sup>a</sup> Elis de Araújo Miranda

Prof.<sup>a</sup> Lais Bronstein

Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Nascentes Cabral

À comissão de apoio administrativo

Maria da Guia da Silva Monteiro

Vanda Maria Soares Moreira dos Santos

Rita de Cássia da Silva Frazão

Aos queridos colegas da turma de 2012 do PROARQ pelas conversas sempre inspiradoras

A todos os usuários do *Polo Cultural Praça XV* que participaram de nossa pesquisa

Aos amigos pelo incentivo, palavras de conforto, pela ajuda em momentos de dificuldades e segurança de poder contar com uma família carioca

Daniela Lima Vargas

José Roque Coimbra Dias

Simone Langie dos Santos

Carolina Andrade de Oliveira

E um agradecimento especial aos meus pais por todo amor, apoio e generosidade incondicional, sempre presentes e dedicados dando suporte e carinho em todos os momentos dessa jornada

Valter Machado Mendes

Janira Mitzi de Oliveira Mendes.

# APREENSÃO DO ESPAÇO ARQUITETÔNICO NO *POLO CULTURAL PRAÇA XV*.

ALINE DE OLIVEIRA MENDES

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Albano Amora e Prof. Doutor Gustavo Rocha- Peixoto.

Resumo da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Este trabalho tem por objetivo compreender a formação e o desenvolvimento de uma porção do *centro histórico* da cidade do Rio de Janeiro, que abrange o *Polo Cultural Praça XV*, identificando atributos, conflitos e qualidades desse lugar.

Também aspiramos entender como a questão cultural interferiu na revitalização desse espaço, quais elementos auxiliam na integração ou a fragmentação espacial. Por fim, procuraremos identificar a resposta da população com relação ao aprendizado proporcionado por essa paisagem e como as mudanças nesse espaço são percebidas.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa teve como base cinco aportes metodológicos que foram divididos em duas etapas. A primeira parte, segmentada em outras duas partes, refere-se à pesquisa bibliográfica e a pesquisa em fonte primária. A última teve como principal elemento no Jornal do Brasil às publicações referentes ao período entre 1980 a 2002 relativas a implantação dos centros culturais de maior visibilidade nesse núcleo, que possibilitam o entendimento do seu impacto no lugar, por meio de documentos e relatos divulgados na mídia. A segunda parte confere importância ao cruzamento das apreensões do espaço por três visões: a do pesquisador, a do usuário e a da escritora (Raquel Jardim).

Inicialmente, foi realizada a análise do roteiro desenvolvido pela escritora Raquel Jardim em 1985, que narra sua trajetória por um percurso nesse lugar, utilizando uma visão poética dos espaço e dos elementos que o compõem. Parte desse percurso, referente ao *Polo Cultural Praça XV*, foi analisado nessa pesquisa sob a ótica do pesquisador e do usuário.

Para a leitura desse espaço pelo pesquisador foi utilizada a metodologia de levantamento topoceptivo, com base na *técnica de análise seqüencial* (KOHLSDORF, 1996) e

conceitos apresentados por Cullen (1983)<sup>1</sup>. Por fim, serão aplicadas e analisadas entrevistas semi-estruturadas e mapas mentais aos usuários, com o auxílio do pesquisador.

Os delineamentos do tema foram desenvolvidos a fim de obtermos as respostas para nosso problema de pesquisa que questiona como a apreensão do espaço pode influenciar na estruturação da imagem e construção do lugar. Com os resultados obtidos pretendemos entender um pouco mais o processo de requalificação de um lugar em que os centros culturais são protagonistas, sem, com isso, termos a pretensão de realizar um estudo acabado. Assim, muitas questões poderão ficar em aberto e nosso estudo poderá ser base para futuros projetos e pesquisas futuras.

Palavras - Chave: Revitalização; Apreensões do espaço; Estruturação da imagem; Centros culturais;

---

<sup>1</sup> Confecção de uma tabela: Na tabela "Técnica de Análise Seqüencial" utilizada por Kohlsdorf (1996) serão acrescentados conceitos apresentados por Cullen (1983) que observa as seguintes características no ambiente: cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam o edifício e setores da malha urbana.

# **APPREHENSION OF ARCHITECTURAL SPACE IN *POLO CULTURAL PRAÇA XV*.**

ALINE DE OLIVEIRA MENDES

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Albano Amora e Prof. Doutor Gustavo Rocha- Peixoto.

*Abstract* da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

This work aims to understand the formation and development of a portion of the historic center of the city of Rio de Janeiro, comprising the *Polo Cultural Praça XV*, identifying attributes, conflicts and qualities of this place.

We also aspire to understand how the cultural issue to interfere in the revitalization of this area, which elements assist in integration or spatial fragmentation. Finally, we seek to identify the response of the population with respect to learning provided by this landscape and how changes in this space are perceived.

Therefore , the development of this research was based on five methodological contributions, which have been divided into two steps. The first part , divided into two other parts , refers to a Bibliographic review and research in primary source . The latter makes use of articles published from 1983 to 2002 on *Jornal do Brasil*, focusing on the implementation of the cultural centers which had greater visibility on this nucleus, providing the basis for understanding their impact on that place through documents and reports published in the media . The second sheds light on the intersection of the awareness of space through three views : the researcher's view , the user's view and the writer's view (Raquel Jardim) .

First , the analysis focus on the script created by Rachel Jardim in 1985 narrating her trajectory through a route on that place, displaying a poetic view of space and the elements that compose it. Part of this route, comprising the *Polo Cultural Praça XV* , was analyzed in this study from the perspective of the researcher and the user .

For the researcher to be able to read this space, topoceptive survey methodology was used, based on the technique of sequential analysis ( Kohlsdorf , 1996) and concepts

presented by Cullen (1983)<sup>2</sup> . Finally, semi-structured interviews are to be applied and analyzed, as well as mental maps for the users, with the researcher's help .

The outlines of the theme have been developed in order to obtain the answers to our research question, drawing on how the apprehension of space can influence on the structure of the image and construction of the place. With the obtained results we seek to understand the upgrading process of a place in which the cultural centers are the protagonists ; there is no pretense of claiming that this is a conclusive study, however, since many questions will remain unanswered and this paper may serve as the basis for future projects and future research .

Kew-words: Revitalization; Apprehension of space; Structure of the image; Cultural centers;

---

<sup>2</sup> To the "Técnica de Análise Sequencial" table created by Kohlsdorf (1996), concepts presented by Cullen (1983) will be added, observing the following characteristics on the environment: colors, textures, scales, styles that characterize the building and sectors of the urban network.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Panorama da cidade do Rio de Janeiro, 1753.....	10
Figura 02 – Imagem do Largo do Paço e sua atividade portuária.....	10
Figura 03 – Coexistência de edifícios novos e antigos – Vista a partir do cruzamento entre a Rua Primeiro de Março e a Avenida Presidente Vargas.....	15
Figura 04 – Limites do Corredor Cultural.....	16
Figura 05 – Principais Centros Culturais do Rio de Janeiro dentro dos círculos azuis, centros culturais destacados na análise.....	17
Figura 06 – Cronologia de implantação de museus desde a época de 1980.....	18
Figura 07 – Recorte do Jornal do Brasil com fotos e depoimentos de empreendedores.....	26
Figura 08 – Espaços culturais Praça XV.....	39
Figura 09 – Fachada principal do Paço Imperial .....	49
Figura 10 – a) Paço Imperial, como sede dos Correios e Telégrafos em 1922; a) Paço Imperial, como sede dos Correios e Telégrafos após a reforma de 1929.....	50
Figura 11 – Plantas Baixas atuais do Centro Cultural Paço Imperial com zoneamento de usos.....	51
Figura 12 – Imagens internas do Centro Cultural do Paço Imperial.....	51
Figura 13 – Fachada Principal Paço Imperial.....	52
Figura 14 – Maquetes Paço Imperial.....	53
Figura 15 – Salão Nobre da Diretoria do Banco do Brasil (1926), 2º pavimento, onde hoje é o Teatro II.....	55
Figura 16 – Setor do funcionalismo (1926), Térreo, onde hoje é o Cinema.....	55
Figura 17 – A) Prédio Sede do Banco do Brasil 1926; B) Prédio após reforma;.....	56
Figura 18 – Setor de Expediente/Agência Centro do Rio de Janeiro, Térreo, onde hoje é Foyer, Bombonière, loja e restaurante.....	57
Figura 19 – A) Planta Baixa CCBB Atual com zoneamento de Usos /Segundo Pavimento; B) Planta Baixa CCBB Atual com zoneamento de Usos /Primeiro Pavimento;.....	58
Figura 20 – Imagens internas do Centro Cultural do Banco do Brasil.....	58
Figura 21 – Prédio da Antiga Alfândega em 1954.....	60
Figura 22 – Casa França-Brasil – 2013.....	61
Figura 23 – Análise Formal - Casa França-Brasil.....	62
Figura 24 – Planta Baixa da Antiga Alfândega em 1972.....	63
Figura 25 – Planta Baixa Atual do Centro Cultural Casa França-Brasil com zoneamento de usos.....	63
Figura 26 – Imagens internas do Centro Cultural Casa França-Brasil.....	64
Figura 27 – Vista Frontal do Acesso ao Centro Cultural - 2013.....	65
Figura 28 – Elevador do Centro Cultural dos Correios.....	66
Figura 29 – Imagens internas do Centro Cultural dos Correios.....	66
Figura 30 – Plantas Baixas atuais do Centro Cultural dos Correios com zoneamento de usos.....	67
Figura 31 – Praça do Centro Cultural dos Correios.....	68

Figura 32 – Roteiro da área pesquisada.....	73
Figura 33 – Ilustração com a localização das estações.....	79
Figura 34 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 01</i> .....	80
Figura 35 – Aclive referente ao Morro do Castelo.....	80
Figura 36 – Fluxo e usos - <i>Estação 01</i> .....	81
Figura 37 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	82
Figura 38 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 02</i> .....	82
Figura 39 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	83
Figura 40 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito. 84	
Figura 41 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 03</i> .....	85
Figura 42 – Locais que necessitam de manutenção da <i>Estação 03</i> .....	85
Figura 43 – Croqui - Beco dos Barbeiros.....	86
Figura 44 – A) Estação 02; B) Estação 03;.....	87
Figura 45 – Beco dos Barbeiros.....	87
Figura 46 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	88
Figura 47 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 04</i> .....	89
Figura 48 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 05</i> .....	89
Figura 49 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	91
Figura 50 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	91
Figura 51 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 06</i> .....	92
Figura 52 – Rua Primeiro de Março em direção à Av. Presidente Vargas - chegada à Praça Pio XI.....	93
Figura 53 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 07</i> .....	93
Figura 54 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	94
Figura 55 – Rua Visconde de Itaboraí. Dentro do retângulo vermelho em destaque fachada do Restaurante Cais do Oriente.....	95
Figura 56 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 08</i> .....	95
Figura 57 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	96
Figura 58 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 09</i> .....	96
Figura 59 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	97
Figura 60 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	98
Figura 61 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 10</i> .....	99

Figura 62 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	99
Figura 63 – Apropriação do espaço na <i>Estação 10</i> .....	100
Figura 64 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 11</i> .....	101
Figura 65 – Arco do Teles.....	101
Figura 66 – Croqui - Beco dos Barbeiros.....	102
Figura 67 – Sobrados Arco do Teles.....	103
Figura 68 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 11</i> .....	103
Figura 69 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	104
Figura 70 – Largo do Paço.....	104
Figura 71 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 13</i> .....	105
Figura 72 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	105
Figura 73 – <i>Estação 13</i> , esquina entre Rua Dom Manuel e a Rua da Assembleia.....	106
Figura 74 – Ilustração dos efeitos visuais da <i>Estação 14</i> .....	107
Figura 75 – <i>Estação 14</i> , esquina entre Rua Dom Manuel e a Avenida Erasmo Braga.....	107
Figura 76 – A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.....	108
Figura 77 – Vista frontal <i>Estação 14</i> .....	109
Figura 78 – Relação morador / trabalhador / visitante.....	111
Figura 79 – Local de Habitação.....	111
Figura 80 – Nível de Escolaridade.....	111
Figura 81 – Faixa Etária.....	111
Figura 82 – Figura 82 a – Mapa Mental :Trabalhador ;Tipo Semi - Estruturado;.....	118
Figura 82 b – Mapa Mental : Visitante; Tipo Semi - Estruturado;.....	118
Figura 82 c – Mapa Mental : Trabalhador ; Tipo Semi - Estruturado;.....	119
Figura 82 d – Mapa Mental : Trabalhador ;Tipo Simbólico;.....	119
Figura 82 e – Mapa Mental : Trabalhador ; Tipo Semi - Estruturado;.....	119
Figura 82 f – Mapa Mental : Visitante;Tipo Simbólico;.....	119

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Efeitos Topológicos.....	77
Tabela 02 – Efeitos Perspectivos.....	78

## SUMÁRIO

Resumo	v
Abstract	vii
Lista de Ilustrações	ix
Lista de Tabelas	xi
Sumário	xii

### **INTRODUÇÃO** 1

#### **CAPÍTULO 1. O *Polo Cultural da Praça XV*: O lugar, sua formação e instrumentos para sua leitura na atualidade** 8

##### 1.1 A formação histórica do lugar 9

###### 1.1.1 As repercussões na imprensa acerca do processo de revitalização 19

##### 1.2 Instrumentos para a análise 27

###### 1.2.1 Conceitos e termos metodológicos importantes para a análise 28

###### 1.2.2 Instrumentos produzidos para a pesquisa 34

#### **CAPÍTULO 2. *Polo Cultural Praça XV* e suas edificações protagonistas:** 37

##### 2.1 Listagem de equipamentos culturais, patrimônio e atividades culturais ao ar livre 39

##### 2.2 *Polo Cultural Praça XV* e suas edificações protagonistas 48

###### 2.2.1 O Paço Imperial 48

###### 2.2.2 O Centro Cultural Banco do Brasil 53

###### 2.2.3 Casa França-Brasil 59

###### 2.2.4 O Centro Cultural dos Correios 64

##### 2.3 Síntese do capítulo 68

#### **CAPÍTULO 3. *Apreensão do Espaço na Estruturação da Imagem*** 70

##### 3.1 Aos olhos da escritora Rachel Jardim 73

##### 3.2 Aos olhos do pesquisador 75

3.2.1 Efeitos topológicos e os efeitos perspectivados	76
3.3 Aos olhos do usuário	109
3.3.1 Procedimentos e limitações	112
3.4 Informações Inter relacionais	120
3.4.1 Ambiências	121
3.4.2 Proximidades e centralidades	121
3.4.3 Barreiras físicas e psicológicas	122
3.4.4 Ambiguidades	123
3.4.5 Experiência Ambiental	123
3.4.6 Dualidades	123
3.4.7 Usos e Apropriações	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	126
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	131
<b>ANEXO I</b> Modelo da Planilha para <i>Levantamento Topoceptivo</i>	137
<b>ANEXO II</b> Modelo de Mapa mental/questionário	139
<b>ANEXO III</b> Descobertas das Entrevistas <i>Polo Cultural Praça XV</i>	141
<b>ANEXO IV</b> Roteiro Rachel Jardim	150

## INTRODUÇÃO

Com a intenção de compreender como se formou historicamente, permaneceu reconhecido como importante e fundamental na identidade cultural da cidade do Rio de Janeiro, o aqui denominado *Polo Cultural Praça XV*<sup>3</sup> nos suscitou a intenção de aprofundar o estudo sobre este recorte urbano e desvendar como ele é reconhecido por seus usuários.

Assim, com este trabalho pretendemos contribuir, não só para uma compreensão da formação e desenvolvimento do local, mas para a identificação de conflitos e incompatibilidades, bem como de atributos da qualidade do lugar.

Nesse sentido, analisamos o quanto os equipamentos culturais, o patrimônio e as atividades culturais ao ar livre, localizados no *Polo Cultural Praça XV*, contribuíram para consolidar a importância deste espaço na opinião de seus usuários.

Procuramos ainda apontar a resposta da população<sup>4</sup> às interferências na paisagem urbana e a qualidade de aprendizado oferecida por esse lugar.

Assim, primeiramente, nossa intenção foi reconhecer o *Polo Cultural Praça XV* por meio de sua história e compreender como se manteve por muito tempo como local adequado para o uso na contemporaneidade como patrimônio cultural, mesmo diante das mudanças de uma urbe grande e populosa como o Rio de Janeiro.

Para desenvolvimento da pesquisa foi necessária a divisão do estudo em etapas, iniciando com consulta bibliográfica, visita aos centros culturais e análise de jornais. Nas principais instituições culturais do *Polo Cultural da Praça XV* foram disponibilizados material histórico, documental e iconográfico, capazes de elucidar dúvidas e apontar questões a serem discutidas na dissertação, além de informações e contatos de profissionais aptos a prestarem subsídios sobre a origem de cada instituição e suas relações institucionais e de vizinhança.

Ainda foram realizadas visitas aos setores educativos do Paço Imperial e Museu de Arte do Rio (MAR)<sup>5</sup>, na busca de informações sobre iniciativas de integração de espaços de caráter cultural no centro da cidade Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> Como *Polo Cultural Praça XV* na atual pesquisa, consideramos a área definida em artigo de Cabral (2012) que é delimitada por uma aglomeração significativa de equipamentos culturais em torno da Praça XV e adjacências, que abrangem quatro quarteirões no sentido sudeste, quatro quarteirões no sentido noroeste à esta praça, bem como um quarteirão em direção a rua da Quitanda e, no sentido oposto, o espaço compreendido do lado da perimetral.

<sup>4</sup> População usuária da Praça XV e seu entorno - espaço que corresponde ao recorte de estudo.

Em entrevista no dia 29 de maio de 2013, a historiadora e gerente de educação do MAR Janaína Melo, responsável pelo projeto de um circuito cultural para a cidade do Rio de Janeiro, ainda em fase embrionária, relatou que se trata de uma iniciativa que está na etapa anterior ao pré-projeto – momento em que os museus e outras instituições dentro do espectro de interesse do projeto estão sendo convocados a participarem - do roteiro, que se formará a partir de eixos culturais.

Juntamente com essa pesquisa *in loco*, se desenvolveu a análise de fontes primárias, que objetivou acessar informações em Jornais Impressos desde a década de 1980 até o ano de 2002. O período foi definido como o de dez anos após a fundação da última instituição cultural, entre as quatro apontadas como de maior visibilidade nos meios de comunicação – ou seja, o Paço Imperial, o Centro Cultural Banco do Brasil, o Centro Cultural Casa França Brasil e o Centro Cultural dos Correios - de forma a auxiliar na compreensão da formação deste polo cultural, por meio de documentos e relatos divulgados na mídia.

A base de dados definida como a principal fonte para o estudo foi o Jornal do Brasil, visto que, no material em *clipping*, encontrado no acervo do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), esse periódico possuía maior índice de publicações, importantes para o estudo que foi desenvolvido.

Na pesquisa em jornais encontramos dados que apontaram a transição de função do espaço, que migrava de polo administrativo para um local com uso diversificado e atrativo por suas ofertas culturais. Utilizamos esse material, sobretudo, no *Capítulo 1*, fazendo o contraponto entre a história publicada nos livros e o que foi divulgado na mídia entre o período de 1980 a 2002, momento em que se consolidam as instituições culturais.

Por outro lado, alguns conceitos foram fundamentais para fomentar o desenvolvimento da pesquisa e construir nosso entendimento do objeto. Apontaremos brevemente aqui os que alavancaram a discussão, para auxiliar a compreensão do que será desenvolvido na dissertação, iniciando pelo significado atribuído a expressão *espaço arquitetônico* que é utilizado em vários momentos de nosso trabalho.

---

<sup>5</sup> Cabe esclarecer que apesar do MAR não estar localizado na área de estudo da dissertação foi visitado porque o museu teve a iniciativa de fomentar o intercâmbio entre as instituições culturais, dado de interesse para a atual pesquisa e que nos levou a buscar mais informações no educativo deste museu.

Essa expressão não pode ser explicada a partir de definições dessas palavras separadamente encontradas em um dicionário. Pois, a palavra espaço, dependendo do contexto e da área de atuação possui diferentes conotações. Assim, para que possamos estudar o tema devemos nos ater a complexidade do assunto apontando conceitos que podem nos ajudar no entendimento do significado do espaço para arquitetura e sua implicação para a concepção da forma arquitetônica e suas qualidades, sem a pretensão de esgotar o tema ou dar respostas absolutas.

Para isso, observamos o que apontou Bruno Zevi (1996) sobre o tema, afirmando que o *espaço arquitetônico* implica no "... homem que se movendo no edifício, estudando-o de pontos de vista sucessivos, cria, por assim dizer a quarta dimensão, dá ao espaço sua realidade integral." (ZEVI, 1996, pg. 23).

Já para Christian Norberg-Schulz (2006, pag. 449), que trata em seu trabalho não apenas do edifício, mas da cidade, haveria na literatura corrente duas acepções, a do *espaço como geometria tridimensional* e a do *espaço como campo perceptual*. O autor, entretanto, alerta para o fato de que "... as ações concretas das pessoas não têm lugar num espaço isotrópico homogêneo, mas ocorrem em um espaço que se caracteriza por diferenças qualitativas..."

Outro conceito que também foi importante para o desenvolvimento da pesquisa é o de *lugar*, que confere identidade e atmosfera ao espaço, conforme observamos nas palavras de Christian Norberg-Schulz (2006, pag. 445) em citação:

[...] nos referimos a algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos numa totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas essas coisas determinam uma "qualidade ambiental" que é a essência do lugar. [...] Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo "total", que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta.

Portanto, entendemos que o espaço arquitetônico é mais que a "tridimensionalização" da forma em que o homem se insere e aprecia, é na verdade um "sistema de relações", como identificado por Norberg-Schulz (op.cit., pag. 452). O conceito de lugar implica na existência de um determinado *caráter* do espaço, suas qualidades e sua constituição formal e material. É o que confere identidade a uma parcela do espaço e o que o torna único. O autor considera que os sentimentos de pertencimento e de reconhecimento que uma pessoa tem de um determinado lugar estão



conectados a sua *orientação* - saber onde está - e *identificação* – saber como se sente em um determinado lugar (ibidem, pag. 555).

Entretanto, diz o autor “a estrutura dos lugares não é fixa e eterna” e é normal que mudem, isso podendo ocorrer muitas vezes rapidamente (idem, pag. 554). Colaborando para essa assertiva, Milton Santos (1988), em sua abordagem do espaço e da paisagem, considera as possibilidades de diversas percepções das formas da cidade de acordo com os períodos do dia, da noite e das estações, relata ainda a importância dos efeitos dos modos de produção, processos e instrumentos de trabalho sobre a configuração dos aspectos visíveis do espaço.

Para buscar as qualidades do *Polo Cultural da Praça XV* e o que pode caracterizá-lo como um *lugar* no centro da cidade do Rio de Janeiro, buscamos entender as características de sua espacialidade e como ela é apreendida pelos seus usuários.

Assim, com o intuito de organizar o material desenvolvido a partir desse estudo, a dissertação foi dividida em três capítulos, suas considerações finais e esta introdução.

Procuramos, inicialmente, conhecer o objeto de estudo, cercando-o pelas informações bibliográficas disponíveis, para depois partir para a pesquisa de campo, munido de instrumental que permitisse sua leitura. Esse reconhecimento que se deu sob o ponto de vista histórico, bem como os instrumentos para a análise desse objeto da pesquisa estão descritos no *Capítulo 1* da dissertação e, dessa forma, foi dividido em duas partes.

Nesse capítulo, na primeira parte, apresentamos sinteticamente os processos e fatos históricos que definiram o objeto, descrevendo como o *Polo Cultural Praça XV* se formou, sua importância histórica, cultural e política. Em um segundo momento, elucidamos quais foram e como os instrumentos de análise e quais os princípios norteadores que sustentaram as metodologias, como também quais adaptações foram necessárias para a realidade da nossa pesquisa.

Já o *Capítulo 2*, ainda no sentido de caracterizar o objeto de estudo, tratamos dos espaços culturais apontados por Maria Cristina Cabral (2012) em seu levantamento de 2008, comparado com o que observamos no mesmo lugar em 2013. Dissertamos

brevemente sobre todos os espaços culturais<sup>6</sup> encontrados nesse local, aprofundando o estudo das quatro instituições de maior visibilidade nos meios de comunicação<sup>7</sup>.

Assim, essa análise mais detalhada das quatro instituições culturais mais importantes e com maior presença nas mídias e suas edificações, teve como base investigativa: a linguagem arquitetônica do edifício, as interferências sofridas e possíveis perdas ou alterações estilísticas; sua importância histórica, os usos anteriores e seu programa original, e as modificações sofridas, entre outros aspectos significativos para o entendimento da matriz da edificação.

Vale acrescentar que Cabral (op.cit) apresenta o *Polo Cultural Praça XV* como um dos principais roteiros culturais da área central e o que possui maior número de equipamentos culturais dos sete polos indicados pela autora. Essa quantidade de instituições dedicadas à cultura instauradas em bens patrimoniais e as permanências de edifícios históricos no seu entorno contribuiu para a configuração de um espaço com características especiais, em que o novo convive com o antigo, formando uma cidade submersa em signos capazes de gerar diferentes níveis de impacto nos usuários. A autora se refere, sobretudo, às atividades culturais alojadas em edifícios, tombados ou não.

Buscamos contribuir para esse precioso trabalho de Cabral (op.cit.) e, além de atualizarmos esse levantamento, acrescentando as mudanças ocorridas nos últimos cinco anos, apresentaremos os usos com a finalidade cultural, que a população faz dos lugares. Dessa forma, indicaremos desde os edifícios, considerados como patrimônio, até as atividades e usos ao ar livre que se estabeleceram fruto do emaranhado de relações dos grupos sociais que se apropriaram dos elementos do espaço.

As principais instituições culturais no *Polo Cultural da Praça XV* consideradas protagonistas, nem sempre possuíram a mesma importância e significado, mas detiveram a característica de serem reinventadas de acordo com as peculiaridades e

---

<sup>6</sup> Em nossa pesquisa consideramos espaços culturais todos os locais em que ocorram manifestações que façam parte da tradição do local, institucionalizadas ou não.

<sup>7</sup> Paço Imperial, Centro Cultural do Banco do Brasil, Casa França Brasil e Centro Cultural dos Correios.

necessidades de cada momento da história, e se estabelecerem como *fato urbano* na acepção de Aldo Rossi (2001)<sup>8</sup>

Por fim, no terceiro capítulo permeamos a questão da apreensão do espaço do *Polo Cultural da Praça XV* por diversos pontos de vista. Assim, o capítulo foi dividido em quatro partes, sendo as três primeiras dedicadas a olhares específicos e a última de fechamento do capítulo.

Assim, a primeira delas foi dedicada a análise da apreensão do espaço na estruturação da imagem aos olhos da escritora Rachel Jardim, a segunda referiu-se à sistematização dos resultados obtidos com o *levantamento topoceptivo* e, portanto, foi analisada segundo a visão do pesquisador. Já a terceira foi desenvolvida a partir dos dados coletados juntos aos usuários.

Para fechamento desse capítulo, optou-se por acrescentar uma quarta e última parte, que abarcou o cruzamento das informações, pretendendo entrelaçar os olhares e buscando obter pontos de união entre os significados apreendidos no local.

O olhar sensível do artista apresentado pela escritora Raquel Jardim, como sugestão de roteiros para se percorrer o centro da cidade que integram o *Rio de Janeiro. Guia Histórico do centro da cidade*.(1991), é um rico material para compreensão da poética do espaço e suas contradições, que foi expresso por meio de um texto com as características de estilo da narrativa literária da autora. Os roteiros compreendem as áreas do Projeto Corredor Cultural e utilizamos especificamente a parte que corresponde à área da Praça XV e adjacências. Tal material foi utilizado não só como texto sobre uma forma de olhar a cidade, mas serviu de base para demarcar o espaço que foi percorrido e analisado por nós como pesquisadores.

Um outro olhar apresentado é o técnico do *levantamento topoceptivo*<sup>9</sup>, proposto por Kohlsdorf (1996), mas enriquecido pelas leituras de outros autores, como Cullen

---

<sup>8</sup> Encontramos esse conceito desenvolvido no item 1.2 do capítulo 1. É importante destacar que o conceito de *fato urbano* abordado é tratado em uma publicação intitulada "A Arquitetura da Cidade" que teve sua primeira edição em Italiano no ano de 1966 e só foi traduzido para a língua portuguesa em 1977 (Portugal) e em 1995 (Brasil).

<sup>9</sup> A percepção do mundo pelo indivíduo se dá por meio de relações topológicas e o *levantamento topoceptivo* faz parte de uma metodologia proposta por Kohlsdorf (1996) que se baseia na análise nos níveis da percepção visual do espaço urbano, investigando profundamente a identidade configurativa do sítio a partir de sua forma física, fazendo a ponte entre os dois modos de apreensão topoceptiva: a imagem mental e informações mais elaboradas (projetuais).

(1983) e Lynch (1982). Tal levantamento foi realizado no percurso do mesmo roteiro descrito por Raquel Jardim (op.cit) e as estações, em que as qualidades do lugar foram analisadas, foram escolhidas a partir dos pontos que se destacaram também aos olhos do pesquisador, durante o percurso.

O terceiro olhar é o da apreensão pelo usuário, captado por meio de mapas mentais e entrevistas. O mapa mental foi aplicado com o auxílio do pesquisador. A proposta implicou que o usuário descrevesse como enxerga o lugar, quais os pontos que considera como referenciais, entendidos como aquilo que mais lhe chama a atenção, como ele costuma se apropriar do espaço, quais as suas aspirações e como ele imagina o lugar no futuro. Para complementar o mapa mental foram utilizadas ainda entrevistas semi-estruturadas, pois por meio delas o usuário poderia acrescentar histórias que presenciou no local, suas próprias vivências e sua identificação e compreensão do lugar.

Por fim, buscamos fazer a síntese desses estudos na nossa conclusão, objetivando responder as nossas questões iniciais de pesquisa, ao pensarmos as possibilidades de integração dos usuários com uma dada realidade arquitetônica e urbana.

Um aporte para essas considerações finais é a compreensão do lugar como parte de uma estrutura maior, na qual são fundamentais as interações e trocas entre os usuários que nela convivem, tornando-se importante a qualidade do espaço e desses intercâmbios. Igualmente, as atividades e ações dos homens na cidade ao longo do tempo, conferem história, deixam marcas e significados no lugar, implicando em buscarmos os reflexos dessas condições nas vivências das pessoas, como também o papel destas na configuração do espaço.

Não queremos aqui adiantar o nosso fechamento dessa dissertação e privar o leitor da descoberta. Preferimos deixar na leitura desse texto a possibilidade de fazê-lo acompanhar a nossa trajetória de pesquisa pelos capítulos acima descritos e, por si, ir traçando suas próprias conjecturas. Sabemos que são múltiplas as possibilidades de cruzamento das informações e, assim, apresentaremos a nossa, mas deixaremos em aberto para que o façam também nossos interlocutores e as futuras pesquisas sobre esse rico objeto.

# CAPÍTULO 1

## *O Polo Cultural da Praça XV:*

O lugar, sua formação e instrumentos para sua leitura na atualidade



Largo do Passo atual Praça XV, em 1839. Obra de Johann Jacob Steinmann.  
Disponível em: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=J&cd=3596>  
Acesso em: 06 de Jan. 2014

Neste primeiro capítulo ponderamos sobre a formação do *Polo Cultural Praça XV*, perpassando sua importância política, cultural e na formação da cidade. Além disso, apresentamos a metodologia de pesquisa, explicando o porquê de sua escolha e apontando os conceitos utilizados como base para a análise, bem como suas aplicações na prática metodológica.

Para isso, o capítulo foi dividido em duas partes e organizado da seguinte forma: na primeira parte dissertamos sobre a formação desse espaço que abarca o *Polo Cultural Praça XV*, e na segunda parte mostramos, a partir de preceitos metodológicos, como essa área será analisada.

### **1.1 A formação histórica do lugar**

A partir do final do século XVI, a expansão da cidade do Rio de Janeiro teve seu início com a ocupação da várzea que compreendia o espaço litorâneo entre o Morro São Bento e o Morro do Castelo, conforme refere Rachel Sisson (2008).

Essa urbanização ocorreu em função da importância da costa atlântica da América do Sul, tanto para sobrevivência comercial por meio da exploração do porto, quanto em termos políticos, sendo a localização da cidade do Rio de Janeiro estratégica, pois facilitava a comunicação com Portugal.

No início da formação da cidade, o Largo do Carmo, depois Largo do Paço e atual Praça XV de Novembro, era o ponto de acesso à cidade que se tornou sede do poder colonial e era um local privilegiado para as trocas entre a metrópole e colônia (Figura 01). Segundo Ana Amora e Augusto Ivan Pinheiro (1991), no final do século XVIII, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, o Rio de Janeiro adquiriu projeção como porto de embarque do metal para a metrópole (Figura 02).

FIGURA 01  
Panorama da cidade do Rio de Janeiro, 1753



Fonte: Obra de Lluchar Desmons. In Sisson, 2008.

Com a importância que esse espaço adquiriu, cresceram as ameaças de invasão à Colônia no século seguinte e aumentou a preocupação com a proteção do local. Com a importância que a cidade conquistou, o eixo econômico descolou-se do nordeste para o sudeste da colônia, e o porto do Rio tornou-se intermediário entre o Brasil e a metrópole, abastecendo a capitania de mercadorias e enviando minério para Portugal. Esse lugar tornou-se ainda mais importante e representativo da instância de poder no ano de 1808, quando a corte portuguesa se transferiu para o Brasil, onde permaneceu até 1822 – ano da Independência do país.

FIGURA 02

Imagem do Largo do Paço e sua atividade portuária.



Fonte: Obra de Debret. In: SISSON, 2008.

Rachel Sisson (2008) afirma que o mais importante eixo viário dos primeiros séculos de formação da cidade do Rio de Janeiro acompanhava sua orla. Dessa forma, com a convergência de caminhos e a concentração de espaços representativos da autoridade colonial em diversas instâncias, pode-se considerar o largo como um núcleo, Universidade Federal do Rio de Janeiro | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

possuidor de elementos remanescentes da história que atuavam e ainda atuam como geradores de configurações espaciais historicamente significantes e valiosas. Sisson (op. Cit) afirma ainda que essas unidades espaciais, que se mantiveram constantes, acompanharam o crescimento complexo da cidade, e que cada novo centro se desenvolveu a partir da reafirmação do centro anterior.

A mesma autora acrescenta ainda que a policentralidade histórica, da cidade do Rio de Janeiro, ocorreu em consequência da formação de três antigos centros<sup>10</sup> - agora hierarquicamente equivalentes - e contribuiu para a condição da cidade como metrópole nacional.

Porém, com a vinda da corte portuguesa em 1808, o Rio de Janeiro, que tinha uma população de 5.000 habitantes, sofreu com o aumento repentino de sua população ao abrir seus portos e teve que ser adaptada para uma população de 15.000 pessoas. Isso originou algumas medidas urbanísticas, como, por exemplo, o incentivo ao aterramento de pântanos e a construção de sobrados, conforme salientam Ana Amora e Augusto Pinheiro (1991).

Após a independência do Brasil de Portugal, o processo de modernização se intensificou, o país passou por mudanças econômicas e isso impulsionou mais transformações técnicas no espaço urbano, ao longo do século XIX e durante os dois períodos do Império, como os novos sistemas de transporte - a estrada de ferro e as barcas à vapor - a iluminação a gás e o início da construção de redes de esgoto.

Já no Brasil republicano, o progresso e a evolução dos transportes possibilitou a expansão da cidade, dando origem a novos bairros. Na última década do século XIX, a cidade teve mais uma explosão demográfica, duplicando sua população entre 1872 e 1890 para aproximadamente 500.000 habitantes, e alcançando um número de 811.444 em 1900. Isso ocasionou problemas de circulação, salubridade e moradia para a população do Rio de Janeiro.

Segundo David Cardeman e Rogerio Goldfeld Cardeman (2006), até metade do século XIX, a cidade sofria com a ausência de saneamento básico e infraestrutura. Foi no período entre 1903 e 1906, na administração do prefeito Pereira Passos, que se

---

<sup>10</sup> Segundo Sisson (2008) , o desenvolvimento dos três centros, em momentos diferentes - a Praça XV de Novembro, o Campo de Santana e a Praça Floriano- foram fundamentais para a evolução da cidade e de seus marcos de poder.



iniciaram as primeiras renovações urbanas na cidade, uma desenvolvida pelo governo federal, que modernizou o porto da cidade, e outra desenvolvida por Pereira Passos, prefeito da cidade – fortemente influenciado pelas reformas de Haussmann, com a demolição de cerca de 1.600 prédios residenciais para possibilitar o alargamento e abertura de novas vias, visando o urbanismo, o saneamento e o embelezamento da cidade.

Segundo Amora e Pinheiro (1991), essas demolições causaram grande crise habitacional, elevando o preço dos aluguéis e expulsando as classes populares para regiões distantes. Ainda assim, apesar da reforma do início do século XX, em 1922 o centro encontrava-se novamente densificado e é no governo do prefeito Carlos Sampaio que se inicia a demolição do Morro do Castelo. Nesse mesmo período, começaram as construções em concreto armado, dando início à verticalização do antigo centro da cidade.

Quinze anos depois, o país passou por um processo de mudanças políticas, com a Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, dando início ao primeiro governo de Getúlio Vargas, que durou 15 anos. De acordo com Amora e Pinheiro (1991). Durante esse governo, Henrique Dodsworth assumiu a prefeitura da capital e, entre outras obras, construiu a Avenida Presidente Vargas. Para a realização dessa modificação, foi necessário mais uma vez a expulsão de moradores do centro, dando lugar a uma nova época de modernização, abrindo as portas para a circulação de veículos automotores.

Os mesmos autores apontam que, em 1955, após a eleição de Juscelino Kubitschek, é desencadeada uma era desenvolvimentista com a construção da nova capital. Assim, depois da transferência da capital federal para Brasília é criado o Estado da Guanabara<sup>11</sup>, configurando-se o período na cidade do Rio de Janeiro pelos impactos do urbanismo rodoviarista, com a construção de viadutos e vias expressas. Isso intensificou ainda mais a destruição de antigos espaços no centro da cidade. Podemos citar como exemplo desse processo a construção do Elevado da Perimetral, que teve sua obra já iniciada em 1950.

---

<sup>11</sup> Unidade administrativa de nível estadual do Brasil de 1960 a 1975. Refere-se ao atual território do município do Rio de Janeiro. Em sua área, esteve localizado o antigo Distrito Federal (1891-1960).

Encontramos em David Cannadine (1994) a contextualização desse fenômeno de urbanização como um processo mundial, pois, nesse período<sup>12</sup>, se passava por um processo de êxodo rural e as grandes cidades aumentavam sua taxa de crescimento populacional.

No caso do Rio de Janeiro, após as reformas urbanísticas na área central no século XX, em que foram abertas avenidas, derrubados morros, e renovado o tecido urbano com a verticalização, a população foi levada a migrar para os bairros, com maior ênfase na segunda metade do século. Os mais ricos procuraram locais mais próximos da praia – zona sul – e os mais pobres se deslocaram para a zona norte e subúrbios, deixando o centro como local, sobretudo, de trabalho. Nesses bairros multifuncionais, com uso residencial, de comércio e serviços, surgiram mais recentemente centros comerciais e shoppings centers, e assim já não se fazia necessário para muitos o deslocamento ao centro.

Segundo o urbanista Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, em entrevista ao *Jornal do Brasil* (2001)<sup>13</sup>, a concentração da elite na zona sul da cidade e o desenvolvimento do comércio nos bairros foram aos poucos esvaziando o centro.

As melhores lojas passaram a ser abertas em Copacabana e Ipanema e, num segundo momento, em São Conrado e na Barra da Tijuca [...] O Centro deixou de ser um local comercial. (*Jornal do Brasil* - 19 de agosto de 2001)

Em 1970, o antigo centro do Rio encontrava-se em processo de degradação e é apenas na década de 1980, que ocorrem as primeiras iniciativas para a sua revitalização, a exemplo de casos semelhantes na Europa e nos Estados Unidos.

Como projeto de intervenção preservacionista de maior visibilidade em área de interesse histórico, destacamos o Corredor Cultural idealizado em 1979 pelo urbanista

---

<sup>12</sup> O Autor Eric Hobsbawm (1994) faz algumas ressalvas no capítulo 10 de seu livro “O breve século XX” como por exemplo a exceção da Grã-Bretanha, camponeses e agricultores continuavam sendo uma parte maciça da população empregada, mesmo em países industrializados, até bem adiantado século XX. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, só havia um país industrial, além da Alemanha, onde a agricultura e a pesca empregavam menos de 20% da população: a Bélgica. Diz ainda o autor: “[...] Contudo a previsão de Marx de que a industrialização eliminaria o campesinato estava por fim evidentemente se concretizando em países de rápida industrialização. [...] Na América Latina, a porcentagem de camponeses se reduziu a metade em vinte anos na Colômbia (1951-73), no México (1960-80) e – quase – no Brasil (1960-1980).[...] Só três regiões do globo permanecem essencialmente dominantes por aldeias e campos: a África subsaariana, o sul e o sudoeste da Ásia continental e a China.” (HOBSBAWM, 1994, pg. 284 - 286).

<sup>13</sup> JANSEN, Roberta. Retomada de uma tradição carioca. *Jornal do Brasil*, 19 de agosto de 2001, pág.26.

Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, e que, segundo Vicente Del Rio (1990, pág.164), “não se limitava a meramente propor o tombamento de edificações isoladas por seu valor arquitetônico, mas entendia o valor do conjunto urbanístico em sua ambiência total.”

Esses preceitos estão de acordo com a Carta de Veneza de 1964, aprovada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, em que é notada a preocupação com relação ao valor dos conjuntos históricos edificados e da importância cultural da apreensão dos elementos integrantes desse espaço em sua ambiência, destacada principalmente em artigos 1º e 7º, conforme citação:

"Artigo 1º - A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não somente às grandes criações, mas também às obras modestas que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural. [...] Artigo 7º- O monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa. [...] " (Carta de Veneza, 1964, pg. 1 - 2).

Segundo Amora e Pinheiro (1991), a criação do projeto tinha como objetivo resgatar referências sociais, culturais e arquitetônicas, procurando recuperar a ambiência do patrimônio remanescente, assumindo, assim, uma nova abordagem de planejamento urbano, cuja base é a compatibilização entre o crescimento da cidade e a preservação de ambientes tradicionais, em contraponto às renovações implantadas até então, nas quais a tônica era a renovação, com a destruição das áreas mais antigas.

Dessa forma, os idealizadores do projeto tinham consciência da importância do tratamento das intervenções em espaços preservados, tanto para a recuperação de uma edificação antiga como para a inserção de novas edificações, atentando para as diversidades de cada espaço em uma cidade com características especiais como o Rio de Janeiro, em que prédios modernos convivem com prédios históricos, conforme podemos observar na Figura 03 e que ressaltamos com a citação a seguir:

Neste espaço urbano, os edifícios modernos e os prédios antigos, as amplas avenidas de grande tráfego e as estreitas ruas de pedestres convivem e se articulam, oferecendo uma viva documentação da história carioca. (Rioarte, 2002, pg.08)

Milton Santos (1988, pg. 23) explica essa diversidade, apontando que "Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos", assim, segundo o autor, a

cidade se apresenta como um mosaico heterogêneo de formas, constituído de acréscimos e substituições, que seguem a lógica de produção de cada momento da história.

FIGURA 03:

Coexistência de edifícios novos e antigos –  
Vista a partir do cruzamento entre a Rua Primeiro de Março e a Avenida Presidente Vargas.



Foto: Aline Mendes.

O livro *Como recuperar, reformar ou construir seu imóvel no corredor cultural* (2002) aponta que o projeto Corredor Cultural considera a divisão do centro histórico em quatro áreas com características particulares: 1) Lapa – Cinelândia; 2) Praça XV; 3) Largo de São Francisco e imediações e 4) SAARA. Essa demarcação levou em consideração fatores como usos e atividades, arquitetura e ambiência. A área de interesse para a nossa pesquisa está na que foi demarcada em azul na ilustração abaixo, chamada área da Praça XV, conforme podemos observar na Figura 04.

FIGURA 04

Limites do Corredor Cultural.

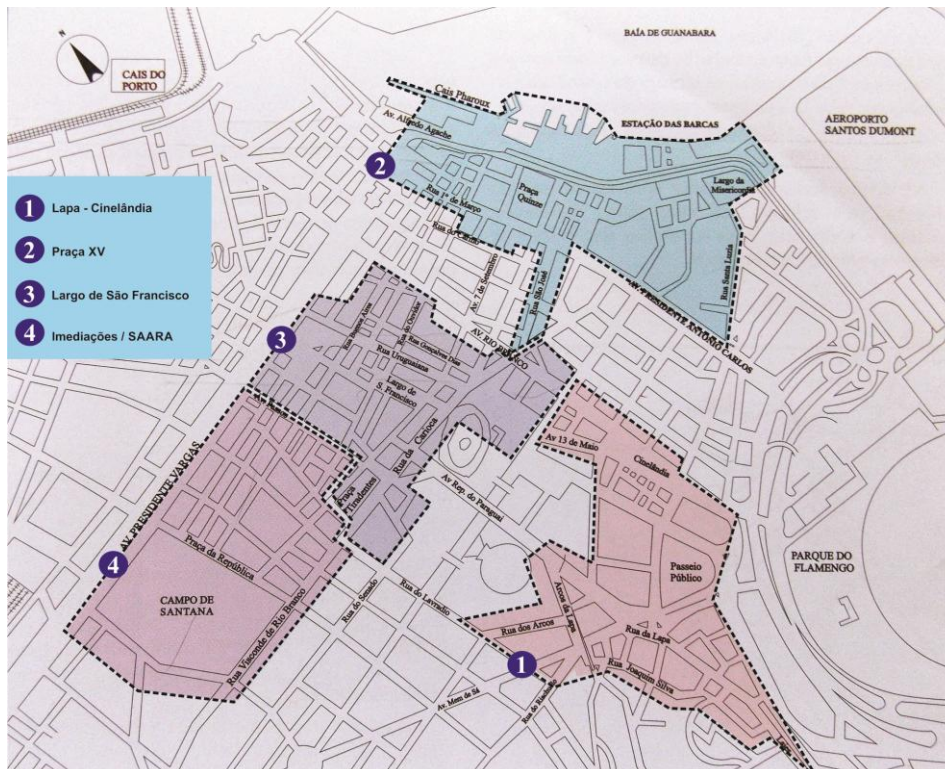


Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de material impresso

Fonte: Rioarte, 2002.

Nesta mesma publicação, foi destacada a qualidade ambiental desse lugar que corresponde a zona da Praça XV, pois possuiria atrativos para comerciantes que desejassem explorar um local perto do antigo porto e cercado pela atmosfera histórica.

A qualidade ambiental de certas ruas está sendo explorada para acolher requintados bares, restaurantes e boutiques. A manutenção das características locais através de seus usos e da escolha de um melhor tratamento visual é uma alternativa viável e necessária para valorizar este importante patrimônio. (Rioarte, 2002, p. 15)

Diante disso, salientamos que o autor Vicente Del Rio (1991) aborda o termo *requalificação urbana*, que nos parece pertinente no âmbito do projeto Corredor Cultural, apontando que

[...] estamos diante de uma nova postura que se distancia igualmente tanto dos processos traumáticos de renovação quanto das atitudes exageradamente conservacionistas. Na revitalização urbana convivem práticas tão diferentes quanto a renovação seletiva de áreas deterioradas, o desenvolvimento de áreas desocupadas, a preservação de interesse histórico e cultural, a reciclagem cuidadosa de usos em

imóveis históricos, a promoção de novos usos, a recuperação ambiental etc. (Del Rio, 1991, p. 36)

Com relação aos usos culturais, Cêça Guimaraens e Nara Iwata (2001, s. p.), acrescentam que é nesse período, entre o final da década de 1980 e a de 1990, que ocorre a renovação conceitual das atividades culturais, sendo reconhecido o papel da cultura na constituição da imagem das cidades. Na Figura 05, as autoras apresentam os principais centros culturais do Rio de Janeiro, que formam o que chamam “cinturão cultural” estabelecido nas proximidades da orla marítima.

FIGURA 05

Principais Centros Culturais do Rio de Janeiro dentro dos círculos azuis, centros culturais destacados na análise.

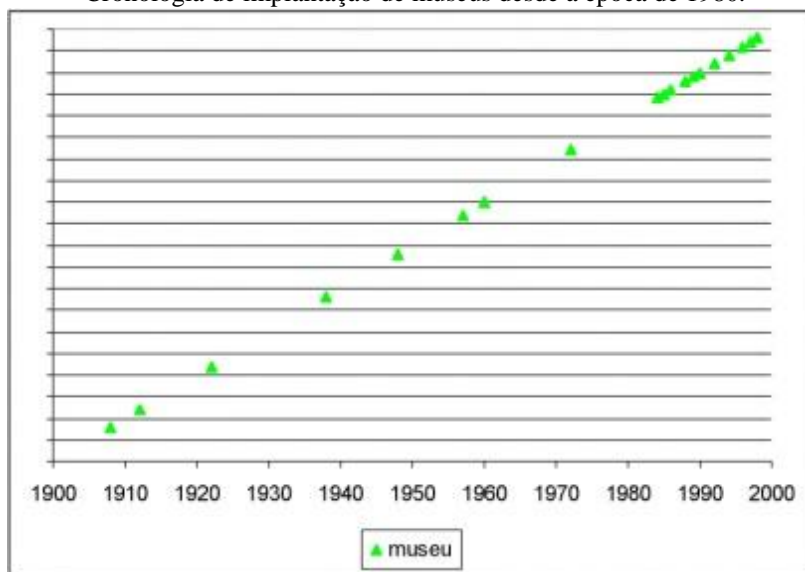


Ilustração desenvolvida por Aline Mendes partir de mapa criado por GUIMARAENS e IWATA (2001).

Podemos aferir que isso pode ter contribuído para alavancar o aumento de intervenções em bens arquitetônicos tombados da área, modificando o uso original dos prédios e instituindo, em boa parte dos casos, centros culturais e serviços, seja pela facilidade de adaptação dos espaços, pela busca da mínima intervenção, por motivos econômicos ou de ambiência. É o que nos mostra a cronologia de implantação de museus desde meados da década de 1980 no Rio de Janeiro (FIGURA 06), que revitalizaram o antigo centro da cidade.

FIGURA 06

Cronologia de implantação de museus desde a época de 1980.



Fonte: GUIMARAENS, Cêça; e IWATA, Nara, 2001.

Ao analisar o gráfico, notamos que a incidência de instituições culturais ocorre desde a década de 1900, porém de forma pouco significativa se comparada com meados da década de 1980, em que observamos alta concentração de inaugurações dessas instituições.

Contribuindo para essa análise, Guimaraens e Iawata (op.cit, s. p.) apontam alguns aspectos no processo de revitalização de centros urbanos degradados, no alto índice de criação de instituições culturais e na ligação desses dados com a intenção de modificação do espaço de acordo com interesses econômicos no centro da cidade do Rio de Janeiro. Dizem as autoras:

A perspectiva de sucesso do movimento de revitalização dos centros denominados históricos ou tradicionais, apesar de impressa em ideias protecionistas e preservacionistas, visa o crescimento da economia das cidades por meio da ampliação das "ofertas" ou possibilidades de investimento.

[...] Para tanto, há dois séculos, os surtos de criação de espaços museológicos acompanham as fases de grande concentração de capitais aliando-as à necessidade de exibir a produção geradora e representativa de expansão econômica e comercial. (Guimaraens e Iawata 2001.)

Complementando o entendimento desse processo de transformação, Ribeiro e Cardoso (1996) tratam sobre o tema da reestruturação de grandes cidades e citam

exemplos da ocupação e transformações de áreas centrais de algumas metrópoles do mundo, usando como modelo o caso de Nova York – regiões de Soho, Upper West Side e Lower West Side. Os autores destacam a questão da revalorização simbólica dessas áreas, que ocasionou a procura por aluguéis e atraiu profissionais emergentes interessados em residirem nesses locais, desenvolvendo o mercado imobiliário, gerando a expulsão da população pobre e substituindo usos menos qualificados por outros que atendessem às novas demandas<sup>14</sup>.

### **1.1.1 As repercussões na imprensa acerca do processo de revitalização**

Para mais, no intuito de agregar material empírico à análise, temos como contribuição dados levantados a partir de fonte primária (*Jornal do Brasil*), que podem servir de apoio para esse enfoque sobre a reestruturação do antigo centro, pois, nas publicações da época, notamos a concepção dos gestores sobre o investimento e crescimento do lugar, que voltava a ser apreciado a partir do apoio e de interferências do projeto Corredor Cultural e de outras iniciativas de revitalização do local.

A análise desses periódicos, buscou informações em Jornais Impressos desde a década de 1980 até o ano de 2002. O período foi definido como o de dez anos após a fundação da última instituição cultural, entre as quatro apontadas como de maior visibilidade nos meios de comunicação – ou seja, o Paço Imperial, o Centro Cultural Banco do Brasil, o Centro Cultural Casa França Brasil e o Centro Cultural dos Correios - de forma a auxiliar na compreensão da formação deste polo cultural, por meio de documentos e relatos divulgados na mídia.

Todos os periódicos que foram utilizados foram apontados em nota como referência, pois nem todas as publicações que mencionavam as instituições foram utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Fizemos uma seleção baseada em artigos que tinham conteúdos relacionados às mudanças ocorridas no local, relacionados de forma direta ou indireta com a implantação dos centros de cultura. Dessa forma, não foram utilizados e nem citados aqueles jornais que repetiam informações ou que tinham apenas anúncios de eventos que não contribuía de forma relevantes para a pesquisa.

---

<sup>14</sup> Esse fenômeno é chamado *gentrification*, sem palavra equivalente na língua portuguesa foi adaptada para *gentrificação*, e nada mais é do que a expulsão dos antigos moradores e usuários de áreas urbanas requalificadas, que antes estavam deterioradas e agora passam ser consideradas como "nobres".



Em 1980, aparecem as primeiras publicações que têm como "protagonista" o prédio do antigo Paço Imperial, onde na época funcionavam os Correios. Na edição do dia 9 de setembro de 1980<sup>15</sup>, já se falava sobre o projeto Corredor Cultural e sua atuação na Praça XV, o qual coordenava intervenções necessárias para a preservação histórica e ambiental do sítio.

Outrossim, é mencionado em publicação<sup>16</sup> do dia 25 do mesmo mês e ano que a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro pretendia localizar suas instalações no antigo Paço, que deixara de ser da empresa dos Correios para se tornar patrimônio dos cariocas. Porém, nessa mesma matéria foram apontados o descaso com o patrimônio histórico, as péssimas condições do prédio e a necessidade de reformas urgentes. Tanto que, até o final desse mesmo ano e durante o ano de 1982, as publicações referentes ao Paço tratam sobre seu estado de abandono e sua restauração, que é iniciada no dia 22 de novembro de 1982, segundo relatava Julio Bandeira no *Jornal do Brasil* do dia seguinte<sup>17</sup>.

Quase seis meses depois, no *Caderno Cidade* do dia 5 de junho, Bruno Thys fazia referência à escritora Raquel Jardim, que acompanhou desde o início o projeto Corredor Cultural<sup>18</sup>. A autora sugere um passeio pelo antigo centro do Rio, de preferência no domingo pela manhã, iniciando-se pela Praça XV e atravessando o Saara. No caso de o passeio ser feito durante a semana, a escritora sugere que o transeunte deveria, após o trabalho, passar pela Rua da Carioca e terminar seu passeio nos Arcos da Lapa.

No mês seguinte, em matéria de Julio Bandeira<sup>19</sup> do dia 14 julho de 1983, é debatida a legislação do projeto Corredor Cultural no centro da cidade do Rio de Janeiro, que abordava o uso do solo, delimitando áreas de renovação urbana detentoras de prédios históricos do período colonial, imperial e republicano. É importante para nosso estudo o enfoque dado à Praça XV, área onde estavam localizados os principais marcos do período colonial, sendo considerado prevaiente o antigo Paço.

---

<sup>15</sup> *Jornal do Brasil* (1980). Corredor Cultural reserva 16 ruas do centro para os pedestres até o fim do ano. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1980, 1º Caderno, pág. 9.

<sup>16</sup> *Jornal do Brasil* (1980). Paço Imperial, na Praça 15, precisa de reformas para servir à Prefeitura. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1980, Caderno Cidade, pág. 14.

<sup>17</sup> BANDEIRA, Júlio. Paço Imperial da Praça 15 começa a ser restaurado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1982, 1º Caderno, pág. 19.

<sup>18</sup> THYS, Bruno. "Corredor" guarda memória do velho Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1983, 1º Caderno, pág. 25.

<sup>19</sup> BANDEIRA, Júlio. Município normaliza Corredor Cultural. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1983, Caderno Cidade, pág. 6.

Assim, após dois anos fechado para reformas, o Paço Imperial foi entregue inteiramente restaurado e requalificado ao público pela Secretaria de Cultura do MEC, com espaço para exposições, concertos musicais, apresentações de teatro, um mercado de produtos culturais e uma cantina de culinária luso-brasileira.

A inauguração contou com uma primeira exposição simbólica, que ocorreu na quarta-feira do dia 6 de março de 1985<sup>20</sup>. Após uma semana do evento, o Paço já recebera mais de 3.500 visitantes; porém, é somente na quinta-feira, dia 30 de maio de 1985, que o edifício revitalizado começou a funcionar oficialmente como centro de atividades culturais, conforme anúncio em jornal do mesmo dia.<sup>21</sup>

Dessa forma, até a sua inauguração, as instituições com maior visibilidade na área da Praça XV compreendiam o prédio do Paço e os monumentos mais próximos. Entretanto, a partir do ano de 1988, aparecem nos jornais as primeiras notícias sobre as possíveis repercussões das atividades culturais no local. A criação do CCBB prometia grandes transformações no espaço e na sociedade, como pode ser observado na edição do jornal de 16 de janeiro de 1988, em artigo do jornalista Bruno Thys intitulado “Bons ventos Sopram no Rio”, no *Caderno Cidade*<sup>22</sup>.

Nesse texto, a área que compreende a Praça XV é mencionada como o principal polo de atividades culturais e de lazer do centro antigo, que teve como fomento para sua projeção investimentos da prefeitura aplicados no fechamento de ruas, pavimentação de calçadas, melhoria da iluminação e incentivo à recuperação de antigos prédios, ampliando o tempo de permanência da população nesses locais, a qual passava a consumir mais os serviços prestados nas redondezas e aumentando, assim, a demanda por bares e restaurantes que atenderiam a região.

Além disso, as opções de espaços agradáveis para descanso e sociabilidade, associados à cultura em horários variados, possibilitariam ao público lazer antes e após o expediente de trabalho, gerando maior fluxo de pessoas no local. Paulo Bastos, proprietário do Beira do Cais (bar e restaurante estabelecido no local), um dos

---

<sup>20</sup> COUTINHO, Wilson. Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 de março de 1985, Caderno B, pág. 1.

<sup>21</sup> *Jornal do Brasil* (1985). Camerata no Paço. Rio de Janeiro. 30 de maio de 1985, Caderno B, pág. 4.

<sup>22</sup> THYS, Bruno. Bons ventos Sopram no Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1988, Caderno Cidade, pág. 1.

entrevistados, faz menção no artigo ao Les Halle<sup>23</sup>, dizendo que a Praça XV poderia se comparar no futuro a esse local parisiense, apontando ainda outros estabelecimentos, todos instalados em antigas edificações, restauradas com a supervisão de gestores municipais.

A perspectiva dos investidores, como empresários, comerciantes e técnicos da prefeitura, era de que em dois anos a área se tornasse o local mais jovem e moderno do Rio de Janeiro.

No mesmo texto, Marco Polo Moreira Leite, empresário da área, argumentava que o mercado de peixes, antes instalado no local, foi o responsável, ao mesmo tempo, pelo isolamento da Praça XV do restante da cidade e por sua preservação, já que poucos se arriscavam a investir para modificar e descaracterizar antigas edificações.

Outro artigo, parte da mesma página do *Caderno Cidade*, intitulado uma “Explosão de Centros de Cultura”<sup>24</sup>, destacou o CCBB e a Casa França Brasil como exemplos de instituições inauguradas em tempos próximos, ressaltando assim a grande incidência de espaços culturais fixados no entorno na Praça XV, que poderíamos indicar como *nó* cultural, açulado pela convergência de caminhos, atividades e espaços relacionadas à cultura, como feiras, exposições e museus, entre outras manifestações de mesmo cunho.

Sobre o projeto de restauração do CCBB, uma publicação do dia 20 de julho de 1988, escrita por Angela Romito<sup>25</sup>, aponta as intenções iniciais dessa interferência. Pelas próprias palavras de Osvaldo de Azevedo Braga, à época chefe adjunto do gabinete da Presidência e coordenador executivo do projeto do centro cultural, já se pretendia obter uma central informatizada, para que a partir desse sistema os usuários pudessem se informar de tudo o que ocorreria em outros espaços culturais da cidade. Braga abordou, também, a importância da Lei Sarney de Incentivo à Cultura (1986), que baixaria muito o custo da restauração do prédio do CCBB, e a intenção da instituição

---

<sup>23</sup> Antigo mercado central de Paris, demolido em 1971 e transformado em um moderno Shopping Center subterrâneo com a revitalização no entorno das edificações históricas e implantação em 1977 do Centro Georges Pompidou, museu e centro cultural.

<sup>24</sup> THYS, Bruno. Explosão de Centros de Cultura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1988, *Caderno Cidade*, pág. 1.

<sup>25</sup> ROMITO, Angela. A cultura é que vai dar Lucro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1988, *Caderno Cidade*, pág. 4.

em manter convênios com outros museus e contribuir para a promoção cultural do Rio de Janeiro e do Brasil.

No artigo se destaca a preocupação com o entorno, a limpeza e a segurança da área, além da urbanização da Rua Visconde de Itaboraí e da Travessa Tocantins, realizada pela prefeitura do Rio de Janeiro.

Em 12 de março de 1989, no caderno Cidade, Bruno Thys<sup>26</sup> fez menção à grande concentração de espaços culturais na Praça XV e à mudança rápida do perfil de frequentadores do local, antes ocupado por pessoas ligadas ao comércio de peixe e, na época da publicação, cada vez mais frequentado por empresários e profissionais liberais.

Ainda nesse mesmo ano, no caderno Opinião de 27 de maio<sup>27</sup>, Helena Severo, empresária e gestora pública, discorreu sobre reestruturação urbana. A matéria abordava o crescimento caótico das grandes cidades, que quase sempre fugiria do planejamento proposto para desenvolvimento sistemático, além de ocorrerem disputas por espaço referentes à especulação imobiliária, muitas vezes acarretando a mudança de áreas habitacionais para a periferia da cidade, o que levaria ao envelhecimento de antigos centros de grandes metrópoles. Além disso, a autora discorre sobre a indústria cultural e o retorno de empreendimentos como capazes de gerar renda, desenvolvendo não só a economia interna da instituição, mas valorizando a área e trazendo mais investimentos e progresso para a região.

Assim, consideramos que se entende a cultura como mecanismo fundamental para a reativação dessas áreas, sem esquecer, é claro, de outros aportes de demais setores sejam eles governamentais ou privados. Entretanto, utilizando-se o caso do Soho em Nova Iorque, é possível exemplificar o relacionamento entre as atividades culturais e econômicas. Nesse caso, antigos armazéns tiveram seu uso substituído, dando espaço a academias, teatros e centros de cultura, o que, além de contribuir para a transformação da paisagem, influenciou diretamente o mercado imobiliário.

Relacionando essa discussão com o que ocorreu no aglomerado de centros culturais da Rua Visconde de Itaboraí, parte do *Polo Cultural da Praça XV*, podemos

---

<sup>26</sup> THYS, Bruno. Projeto confirma Praça 15 como pólo cultural do Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de março de 1989, 1º Caderno, pág. 13.

<sup>27</sup> SEVERO, Helena. Reestruturação Urbana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1989, 1º Caderno, pág. 11.

aferir que o investimento de empresários no local cresceu gradativamente em decorrência da implantação dos espaços culturais, como podemos observar na edição do *Jornal do Brasil* de 27 de maio de 1989<sup>28</sup>. Nessa publicação foi anunciada a inauguração de um novo restaurante italiano, cujo investimento teria sido motivado pelos projetos de revitalização do centro antigo, apostava-se na recuperação urbanística do local ao se abrir o estabelecimento em um sobrado do século passado (século XIX). O dono do restaurante acreditava no grande potencial da área devido às novas instituições culturais estabelecidas nas proximidades.

No caderno Cidade de 23 de janeiro de 1990<sup>29</sup>, em matéria intitulada “Polo Cultural da Praça XV”, discutiu-se sobre um projeto, de mesmo nome, que teria como articuladores representantes das principais entidades culturais do Rio de Janeiro e como objetivo integrar as programações das mesmas.

A partir disso, alguns eventos feitos em parceria entre os centros culturais estabelecidos nesse local podem ser destacados, como é o caso do Rio-92, do Festival de Cinema Rio-Cine e da Segunda Bienal Internacional dos Quadrinhos do Rio de Janeiro, que ocorreu em 1993 e na qual as mostras foram realizadas em diversas instituições da área.

Da mesma forma, a Associação de Amigos do Paço Imperial, em parceria com empresas privadas e a prefeitura do Rio, inaugurou o *Tour Cultural* – ônibus cujo roteiro percorreria pelo menos 12 pontos importantes, ou seja: CCBB, Casa França Brasil, Candelária, Mosteiro de São Bento, Museu Histórico Nacional, Arcos da Lapa, Convento de Santo Antônio, Museu Nacional de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Teatro Municipal, Paço Imperial e Museu de Arte Moderna. A passagem só poderia ser adquirida dentro dos centros culturais, o intuito era levar o público de um centro para outro e não de funcionar como transporte circular. O microônibus com ar condicionado e 30 lugares partiria diariamente de 10 às 19 horas do Paço Imperial, percorrendo diversas ruas do centro até o MAM, conforme anunciado na edição do *Jornal do Brasil* de 5 de dezembro de 1998<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> CHAVES, Sandra. No Corredor com as massas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1989, Caderno Cidade, pág. 4.

<sup>29</sup> *Jornal do Brasil*(1990). Pólo Cultural da Praça 15. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1990, Caderno Cidade, pág. 4.

<sup>30</sup> *Jornal do Brasil* (1998). TOUR CULTURAL PAÇO-MAM. Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1998, Caderno B, pág. 3.

Outro dado importante para complementar a argumentação da existência de eventos feitos em parceria, foi observado na edição do dia 9 de outubro de 2000<sup>31</sup>, em que foi citada a comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, com participação de alguns espaços culturais de maior projeção da cidade do Rio de Janeiro, entre os quais o Paço Imperial, o CCBB, a Casa França Brasil e o Centro Cultural dos Correios. No artigo se noticia que a abertura oficial do evento *Brasil + 500 em fragmentos* ocorreu na praça interna do Espaço Cultural dos Correios, que dá acesso também à Casa França Brasil.

Além disso, podem ser apontados outros eventos realizados em parceria pelas instituições culturais, como a mostra *É Tudo Verdade*, que apresentou a retrospectiva de filmes do documentarista americano Frederick Wiseman e ocorreu, conjuntamente, no CCBB e na Casa França Brasil. Outra mostra ocorrida foi o Anima Mundi, que demarcou como local principal de exibição um espaço entre a Casa França Brasil e o Centro Cultural dos Correios, com a instalação de uma tenda com 600 lugares chamada *Praça Animada*, como foi observado em anúncio do dia 17 de julho de 2000<sup>32</sup>.

Com a criação de três espaços culturais próximos um do outro – Centro Cultural Banco do Brasil, Casa França Brasil e Espaço Cultural dos Correios, e a partir dos anos seguintes à suas implantações, é possível perceber, por meio dos artigos em jornais, que eventos em parceria e roteiros culturais passam a ocorrer com certa frequência. Isso contribuiu para que o centro histórico começasse a vivenciar um processo de requalificação e revitalização implicando, cada vez mais, no incremento do fluxo de visitantes.

Aporte que comprova essa constatação pode ser encontrado no caderno *Cidade do Jornal do Brasil* de 19 de agosto de 2001, em uma matéria de Roberta Jensen, na qual a jornalista apresenta o depoimento de alguns profissionais cujas carreiras estavam diretamente ligadas a essa nova dinâmica do centro da cidade, conforme pode ser observado na Figura 07.

---

<sup>31</sup> ABREU, Gilberto de. Brasil +500 em fragmentos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2000, Caderno B, pág. 1.

<sup>32</sup> BARREIROS, Edmundo. Do Anima para a TV. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 2000, Caderno B, pág.1.

Segundo Roberta Jansen (2001)<sup>33</sup>, a criação de espaços culturais como o Centro Cultural Banco do Brasil, a Casa França Brasil e o Espaço Cultural dos Correios foi apontada por muitos como preponderante para a revitalização da área, como pode ser visto nos depoimentos abaixo, de Dalal Achcar e da empresária M. Elisa Correia de Araújo:

[...] Com as opções culturais o centro deixou de ser apenas um local de trabalho e passou a atrair outro público. (Dalal Achcar, Diretora do Teatro Municipal)

[...] Há cinco anos o centro não era nada. Agora tem uma parte cultural muito forte e tomou outra cara. (Maria Elisa Correia de Araujo, Sócia da Papel Craft)

(Entrevistas publicadas no *Jornal do Brasil* - 19 de agosto de 2001)

FIGURA 07

Recorte do *Jornal do Brasil* com fotos e depoimentos de empreendedores.



Fonte: *Jornal do Brasil*, de 19 de agosto de 2001.

Nessa mesma publicação, a autora da matéria, salienta o posicionamento do arquiteto e urbanista Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, que comparara o centro da cidade do Rio de Janeiro a um mercado persa, afirmando que a decadência chegou ao ponto de, em 1992, existirem 6.000 camelôs e 9.000m<sup>2</sup> de buracos. Nesse período, segundo ele, a prefeitura investiu R\$ 100 milhões em obras de restauração do centro, além da retirada de parte do mercado informal.

<sup>33</sup> JANSEN, Roberta. O Irresistível charme do centro chique. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2001, Caderno Cidade, pág.26.

Foi observado também, em anúncio publicado de 8 a 2 de agosto de 2002<sup>34</sup>, o convite ao público para a apreciação do restaurante Cais do Oriente, atraído pela proximidade do Corredor Cultural, da Casa França Brasil e do Centro Cultural dos Correios. Nesse anúncio, o empresário se apropriou da localização do restaurante para fazer o marketing da empresa, oferecendo várias opções de comida étnica e músicas para gostos variados.

Portanto, com base na análise desse material, foi possível ter conhecimento da expectativa dos planejadores, gestores culturais, e dos usuários e empreendedores comerciais da área naquele período. Além disso, é possível afirmar que a implantação das instituições culturais fomentou iniciativas de investimento das esferas pública e privada, e por consequência o desenvolvimento local, gerando em pouco tempo transformações no cenário cultural e social, na ambiência e no urbanismo do local.

## **1.2 Instrumentos para a análise**

Iniciamos a pesquisa buscando informações em livros e jornais, procurando formar a envergadura teórica necessária e coletar informações para construir o entendimento da formação do lugar e de sua importância na atualidade.

Depois dessa fase, mantendo ativa a pesquisa em fontes primárias e bibliográficas, iniciamos o *levantamento topoceptivo*, utilizando como base metodológica os preceitos encontrados no trabalho de Maria Elaine Kohlsdorf (1996), além de aportes conceituais de diversos autores, sobretudo de Aldo Rossi (2001), Kevin Lynch (1982) e Gordon Cullen (1983), cujos conceitos foram apreciados a luz da nossa realidade e intenção de análise.

Dessa forma, aqui serão apresentados os conceitos utilizados como base de análise e suas aplicações práticas na metodologia, de maneira que possamos esclarecer o porquê da escolha desses métodos, quais os princípios norteadores de cada um deles e como foram adaptados ao estudo em questão, de modo a obtermos as respostas para nosso problema de pesquisa que questiona como a apreensão do espaço pode influenciar na estruturação da imagem e construção do lugar.

---

<sup>34</sup> Jornal do Brasil (2002). Pela Cidade. Rio de Janeiro, de 2 a 8 de agosto de 2002, Caderno Programa, pág.15.



Buscamos aqui estabelecer uma conexão das leituras realizadas e a elaboração da pesquisa, demarcando a trajetória dos autores, textos e os seus principais conceitos, utilizados para o entendimento e desenvolvimento dos instrumentos indispensáveis à análise dos atributos do lugar do *Polo Cultural da Praça XV*.

### 1.2.1 Conceitos e termos metodológicos importantes para a análise

- ***Fato Urbano***

Durante a pesquisa utilizaremos muitas vezes o conceito de *fato urbano* para nos referirmos a edificações remanescentes de outros períodos e contextos históricos, que se conectam a nova malha da cidade e a remanências da antiga, por meio de relações de múltiplas naturezas, que deliberam as permanências e tudo que se mantém perene no contexto urbano, agora com um novo significado.

A partir da leitura *Arquitetura da Cidade* (2001) de Aldo Rossi, que teve sua primeira edição em italiano no ano de 1966, obtivemos maiores esclarecimentos sobre o termo, já que esse autor o construiu na tentativa de compreender melhor a cidade.

Rossi (2001) defende que a cidade deve ser vista como um *artefato*, a morfologia urbana como a descrição dos *fatos urbanos* e a *alma da cidade* como a qualidade do *fato urbano*. Salaria que o *fato urbano* se dá por uma diversidade de valores e signos que podem se modificar com o passar do tempo, mas que por algum motivo, seja ligado à matéria e/ou a memória, permanecem importantes como produto de uma cultura, como pode ser observado na citação abaixo do autor:

[...] a teoria das permanências esta ligada em parte a hipótese, que alavanquei no início, da cidade como artefato. Para essas considerações, devemos ter presente também que a diferença entre passado e futuro, do ponto de vista da teoria do conhecimento, consiste precisamente no fato de que o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos. (ROSSI, 2001, pág. 49)

No mesmo livro Rossi (op.cit) menciona a importância do entendimento do edifício como produto da coletividade e das relações que temos por meio dele, pois a valoração, segundo o autor, acontece a partir de conexões materiais e espirituais com o objeto.

O autor acrescenta que para o entendimento da cidade, esta deve ser dividida em trechos, cada um com características de momentos diferentes e com isso aponta a importância de sua compreensão como uma obra de arte que deve ser interpretada através de sua história, como aponta na citação abaixo:

Aqui as áreas são sempre entendidas como unidades do conjunto urbano que emergiram através de uma operação de diferentes processos de crescimento e diferenciação, ou então aqueles bairros ou partes da cidade que adquiriram características próprias. A cidade é vista como uma grande obra, identificável na forma e no espaço, mas essa obra pode ser apreendida através de seus trechos, de seus diversos momentos; é esse o levantamento que podemos efetuar com segurança. A unidade dessas partes é dada fundamentalmente pela história, pela memória que a cidade tem de si mesma.

Ora, essas áreas, essas partes, são definidas essencialmente pela sua localização: são a projeção no terreno dos fatos urbanos, a sua comensurabilidade topográfica e a sua presença. Essas áreas originais podem ser identificadas como unidades do conjunto urbano que emergiram por uma operação de diferentes momentos de crescimento e diferenciação, ou como aqueles bairros ou partes da cidade que adquiriram caráter próprio. (ROSSI, 2001, pág. 66 – 67;)

Rossi (2001) aborda ainda os elementos primários da cidade como residências, atividades fixas e o tráfego, que originalmente se expressam como funções, porém, com o processo de desenvolvimento urbano, se modificam, tornando-se memória e permanência, constituindo-se como *fato urbano*. Outra ideia importante ressaltada pelo autor é que a cidade tem a forma de sua política e os signos de sua vontade e afirma que o crescimento urbano não é espontâneo.

Desta forma, consideramos ser possível utilizar o conceito de *fato urbano* no nosso trabalho, pois na nossa área de estudo, na Praça XV e adjacências, encontramos trechos de conjuntos urbanos e edificações que possuem suas particularidades e que, por algum motivo, se tornaram perenes e permanecem importantes e providos de significado e identidade, mesmo com o passar do tempo e com o desenvolvimento da cidade.

É importante destacar que a visão de Rossi (2001) sobre a cidade estruturalista e que ele entende que as pessoas passam e a arquitetura permanece. Portanto para ele os lugares são mais importante do que as pessoas e frutos de uma vontade coletiva.

- ***Técnica de Análise Seqüencial***

A metodologia, chamada *Técnica de Análise Seqüencial*, busca elucidar as informações transmitidas pela configuração da cidade, observando seu desempenho morfológico.

Essa metodologia baseia-se na escolha de estações de observação para investigação mais aprofundada das características da apreensão das formas da cidade. Esses momentos de registros perceptivos podem ser escolhidos de acordo com três critérios:

- 1) Tempo: as estações são escolhidas de acordo com o tempo de percurso, este se mantém como invariável independente das distâncias e dos marcos visuais;
- 2) Distância: as estações são escolhidas em intervalos de espaço, ou seja, de acordo com uma distância estipulada, sendo esta constante e permitindo a variação dos outros critérios;
- 3) Marcos visuais: Independente do tempo ou da distância do percurso, toda a vez que o pesquisador detectar um destaque na paisagem que chame sua atenção, este ponto deve ser analisado.

Para conhecimento da metodologia, nos aprofundamos no estudo de textos de Maria Elaine Kohlsdorf, destacando a publicação *A apreensão da forma da cidade* (1996), na qual a autora aborda referências importantes no estudo da percepção e estruturação da imagem.

Cabe observar, abrindo um parênteses, que utilizamos em nossa pesquisa o conceito de *marcos visuais* encontrado em Kevin Lynch (1982) como baliza para a escolha das estações. Segundo este autor, *marcos visuais* são pontos de referência externos ao observador. Apresentam contraste e singularidade em relação ao restante do entorno, desta forma permitem a análise contida na relação entre figura e fundo. Assim, eles serão determinados por volumes ou espaços de imponência física, importância histórica e política na formação do *Polo Cultural Praça XV*.

Depois de demarcar as estações, segundo Kohlsdorf (1996) na descrição da sua metodologia, devem ser observadas em cada um desses pontos as sensações nos três campos visuais: *Frontal*, *Lateral Esquerdo* e *Lateral direito*. Por outro lado, em cada campo visual podem ser percebidos efeitos como: alargamento e estreitamento;

envolvimento e amplidão; direcionamento; impedimento; emolduramentos; mirante; realce e efeito y (bifurcação) <sup>35</sup>.

Durante o levantamento perceptivo os dados devem ser anotados em tabelas confeccionadas pelo pesquisador com base na desenvolvida pela autora (KOHLSDORF, 1996) para a "técnica de análise seqüencial". A esse instrumento de análise serão ainda acrescentados alguns aspectos do ambiente construído, adotados pela proposta de leitura de Gordon Cullen (1983), tais como: cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam o edifício e setores da malha urbana.

Ademais, para que a pesquisa se torne mais completa acreditamos ser importante cruzar esses dados com a apreensão do meio pelo usuário e, a partir disso, compreender a definição do lugar com o auxílio de mais de um ponto de vista. Assim, destacamos, quais os aspectos serão observados na segunda etapa de levantamento: o sentido e significação atribuídos pelos grupos que frequentam a lugar, de que maneira a população se apropria deste espaço, quais suas vivências e seu sentido de pertencimento ao lugar.

- ***Legibilidade; Imaginabilidade; Caminhos; Limites; Bairros; Pontos nodais e Marcos;***

Temos alguns conceitos abordados por Kevin Lynch (1982), como *legibilidade*, que pode ser compreendido como a clareza que o ambiente é reconhecido pelo usuário e conforme aponta o autor "oferece ao seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo a sua volta" (LYNCH, 1982, pág.5 ). Pois, um ambiente legível proporciona segurança e permite uma experiência urbana mais intensa.

Assim, segundo Lynch (op.cit), a percepção ambiental pode ser analisada segundo três componentes: estrutura, identidade e significado. Sendo identidade, a distinção do objeto com relação a outras coisas, ou seja, seu reconhecimento como entidade individual; a estrutura: relação do objeto com o observador e com os outros objetos; e o significado: o objeto deve ter algum significado para o observador, seja prático ou

---

<sup>35</sup> Esses efeitos são encontrados no Livro de Maria Elaine Kohlsdorf (1996) e utilizados na metodologia desenvolvida pela autora para apreensão do espaço, denominada "Técnica de Análise Seqüencial".

emocional, e que isso estar intimamente ligado à sua identidade e são seu papel dentro de uma estrutura mais ampla.

Outro conceito importante apontado por Lynch é o de *imaginabilidade*, em que o autor defende que "característica, em alguns objetos físicos, que lhes conferem uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente" (LYNCH, 1982, pág. 11).

Seguindo sua argumentação o autor aponta os elementos da cidade, dentre eles os *caminhos*, que segundo o urbanista podem ser linhas de trânsito, ruas, estradas de ferro, calçadas, canais. Igualmente, aponta os *limites*, que podem ser considerados como barreiras (rios, estradas, viadutos...) ou como elementos de ligação (praças lineares, ruas de pedestres...) e terem qualidades direcionais como os caminhos.

Outro elemento é o *bairro*, definido segundo o autor como "áreas relativamente grandes da cidade, nas quais o observador pode penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum" (LYNCH, 1982, pág. 74). Nesse caso, é importante destacar que essa concepção se refere a um critério visual, perceptivo, e não administrativo que define o conceito tradicional de bairro no Brasil.

Outros dois conceitos são classificados como *pontos nodais* e *marcos*, em que o primeiro se relaciona geralmente aos pontos de confluência do sistema de transporte ou a esquinas, praças, bairros, sendo locais que atuam como nós porque atraem muitas pessoas e são utilizadas como referenciais. Já o segundo, são elementos pontuais podendo ser representados por torres, domos, edifícios, esculturas e apresentarem diversas escalas, sendo sua principal característica a singularidade.

Portanto, por meio dos conceitos acima explicitados, concluímos que o estudo de Kevin Lynch confere grande aporte teórico para nossa pesquisa, na medida em que essas classificações são amplamente aplicáveis nos levantamentos e análises desenvolvidas a seguir. Como é o caso dos *mapas mentais* - instrumento proposto por Kevin Lynch (1982) – realizado com o auxílio do pesquisador e que deve expressar em desenhos e anotações a apropriação da realidade pelo usuário naquele recorte de estudo.

- ***Paisagem Urbana***

Procurando avaliar sequências visuais por meio de premissas estéticas, ou seja, buscando no meio ambiente a capacidade de provocar emoções no usuário, utilizamos em nossa pesquisa conceitos que contribuíram com parâmetros de análise do espaço.

Destacamos então, o conceito de *paisagem urbana*, que segundo Gordon Cullen (1983), é a tentativa de tornar compreensível e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios que compõem a paisagem de nossas cidades.

Cullen influenciou o campo do planejamento urbano ao desenvolver o termo que deu origem ao livro “Paisagem Urbana” (1983), publicado em primeira edição no ano de 1971, e que talvez pela simplicidade e praticidade atribuiu conceitos urbanísticos de ampla utilização no meio acadêmico e profissional da arquitetura e do urbanismo.

Este conceito, segundo o mesmo autor é estruturado em três aspectos. O primeiro é a ótica, responsável pela *visão serial*, formada por apreensões em sequência do espaço urbano. O segundo aspecto é o local e refere-se aos sentidos de localização, como por exemplo: estar dentro, estar fora, estar aqui, estar ali, e assim por diante. Essas sensações são provocadas pelos espaços altos, baixos, fechados e abertos. Por último, o terceiro aspecto se refere ao conteúdo e se relaciona a própria constituição da cidade, com sua cor, textura, escala, estilo, natureza, personalidade e tudo aquilo que a individualiza. Ainda deve ser destacado aqui, que o autor trabalha com imagens elucidando conceitos e isso é justamente o que diferencia e caracteriza a proposta do autor.

Todos esses aspectos elucidados por Cullen(1983), foram contemplados e desenvolvidos durante o estudo, auxiliando tanto no desenvolvimento dos instrumentos de análise, como também na aplicação dos métodos de pesquisa e análise do material levantado.

## 1.2.2 Instrumentos produzidos para a pesquisa

- **Mapas esquemáticos e Planilha inicial**

Para o *levantamento topoceptivo*, desenvolvido com base na percepção do pesquisador, foram confeccionados mapas esquemáticos utilizados em análise de campo para auxiliar na localização do profissional no momento do levantamento e do diagnóstico.

Durante o percurso, como o auxílio da planilha inicial<sup>36</sup>, apresentada em ANEXO I, o pesquisador foi anotando os efeitos percebidos no ambiente urbano e arquitetônico do espaço, para posterior sistematização e relato das apreensões.

Ressaltamos que o *levantamento topoceptivo* foi realizado duas vezes em cada estação, um no sábado do dia 14 de setembro de 2013 e o outro na terça-feira do dia 17 de setembro de 2013. A decisão de fazer o percurso e aplicar a técnica de *análise sequencial* nesses dois dias foi tomada para possibilitar uma visão do espaço em dois momentos diferentes, mediante a hipótese de que o local poderia ser utilizado de formas diversas conforme o dia da semana e no mesmo dia em horários diferentes, observando-se a mudança na circulação de pessoas, e esta foi confirmada e apresentada no capítulo 3.

- **Mapa mental / Entrevistas**

Antes do levantamento com o usuário do local, foi articulado de forma atenta e cuidadosa o que deveria ser questionado para serem atendidas as dúvidas da pesquisa. Baseado em estudos desenvolvidos com o auxílio dos textos: *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação* de Paulo Afonso Rheingantz et al. (2009) e *Abordagem com Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: Os Casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego* tese de Denise Alcântara (2008), confeccionamos um modelo de mapa mental<sup>37</sup>, contendo uma lista de perguntas, que não ultrapassassem quinze minutos de abordagem, de forma a manter o respondente atento ao processo sem tornar este cansativo.

---

<sup>36</sup> Na planilha foram acrescentados conceitos de Cullen (1983) que observa as seguintes características no ambiente: cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam o edifício e setores da malha urbana.

<sup>37</sup> Mapa mental complementado por algumas perguntas, ver ANEXO II. O questionário em anexo foi desenvolvido baseado no questionário apresentado por Denise Alcântara (2008) com pequenas adaptações.

Todas as perguntas eram relacionadas de forma direta ou indireta à interação do usuário com o espaço circundante, sendo que, ao final, o entrevistado era convidado a realizar um desenho situando sua localização e o que lhe chamava mais atenção naquele local.

Foi adotada uma postura atuante por parte do pesquisador, sendo que este teve papel fundamental na entrevista interagindo com o entrevistado<sup>38</sup>, sempre tomando cuidado para não interferir ou direcionar as respostas.

Com relação aos dias escolhidos para a aplicação das entrevistas, foi adotado o mesmo procedimento aplicado no *levantamento topoceptivo*. As entrevistas foram realizadas em todas as 14 estações escolhidas, sendo repetidas duas vezes em cada ponto, uma durante a semana e uma no final de semana. Os dias escolhidos para as entrevistas durante a semana foram: terça-feira do dia 10 de dezembro de 2013 e sexta-feira do dia 13 de dezembro de 2013. Já no final de semana fomos a campo no sábado do dia 14 de dezembro de 2013, sábado dia 21 de dezembro de 2014 e sábado dia 04 de janeiro de 2014. Os diferentes dias adotados justificam-se por acreditarmos que o tipo de e a quantidade de público, a apreensão do espaço e as atividades realizadas se diversificam conforme o dia da semana e isso será melhor desenvolvido e analisado no capítulo 3.

Para a análise dos dados coletados nas entrevistas buscamos aportes em outras pesquisas que utilizaram metodologias auxiliares no entendimento de significados não aparentes a primeira vista nos discursos. Segundo Alcântara (2008) existem duas formas de análise que são mais utilizadas em pesquisas qualitativas: a *Análise de Conteúdo (AC)*. (apud BARDIN,1995 e PREUSS, 1999) e a *Análise do Discurso (AD)* (apud PÊCHEUX, 2006 e ORLANDI,2004 e 2005).

Optamos, assim como Alcântara (2008) em sua tese, por trabalhar com *Análise de Conteúdo* na qual se propõe a trabalhar com as referências de Laurence Bardin, que considera "os processos de análise de conteúdo obrigam a observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa" (BARDIN,2009, pag.11). A escolha desse tipo de análise se justifica, pois tal forma de avaliação

---

<sup>38</sup> Esta postura foi necessária, pois segundo RHEINGANTZ et al. (2009), é a melhor forma de minimizar as limitações do instrumento que podem levar o pesquisador a distorcer significados atribuídos pelo entrevistado.



"simplifica o trabalho de interpretação para pesquisadores não familiarizados com os complexos aspectos da lingüística."(ALCÂNTARA,2008, pag.80). Igualmente a autora salienta que "a aplicação da Análise do Discurso demandaria um domínio mais aprofundado dos campos da lingüística e da psicologia social, para que fosse realizada com o devido aprofundamento." (ALCÂNTARA, op.cit)

## CAPÍTULO 2

*Polo Cultural Praça XV e suas edificações protagonistas:*



**Paço Imperial**



**Centro Cultural Banco do Brasil**



**Casa França Brasil**



**Centro Cultural dos Correios**

Fotos: Aline Mendes

Neste capítulo iremos estudar o *Polo Cultural Praça XV*, denominado como tal segundo a pesquisa de Maria Cristina Cabral apresentada em seu artigo *Arquitetura e Cultura: polos culturais na área central do Rio de Janeiro* (2008), do livro *Centros Urbanos: Transformações e Permanências* (VAZ, REZENDE e MACHADO, 2012). Tal artigo enriquece nossa leitura do espaço e das instituições culturais e nos possibilita o entendimento dos usos e da complexidade dessas instituições, bem como das mudanças ocorridas em um curto espaço de cinco anos – de 2008 a 2013.

Cabral (2008) comprovou nos Livros do Tombo do IPHAN<sup>39</sup>, que metade dos imóveis tombados pela instância nacional na cidade do Rio de Janeiro, localizam-se na área central da cidade. O *Polo Cultural Praça XV*, representa, segundo a autora, um dos principais roteiros culturais da área central e, pelos mapas apresentados no artigo, o que possui maior número de equipamentos culturais dos sete polos indicados.<sup>40</sup>

No artigo de Cabral (op.cit), são apontados equipamentos, que chamaremos em nossa pesquisa de equipamentos culturais, e patrimônio<sup>41</sup> que fazem parte dos elementos arquitetônicos integrante do *Polo Cultural Praça XV*, sendo que a autora concentrou sua análise em espaços edificados.

Para revisar as possíveis alterações e acréscimos de bens tombados no trecho estudado, analisamos o livro atualizado do Tombo do IPHAN<sup>42</sup>, realizamos buscas no site do INEPAC<sup>43</sup> e visita à Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro - SMC.

Ainda propusemos acrescentar outros espaços criados pela própria população, por meio do uso dos lugares com a finalidade cultural, que chamaremos em nossa pesquisa de atividades culturais ao ar livre. Assim, apresentaremos desde aqueles espaços edificados, considerados como equipamentos culturais ou patrimônio, até aqueles em que novas atividades e usos ao ar livre já se estabeleceram como parte do emaranhado

---

<sup>39</sup> Ver: "Bens Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional 1938 - 2009". Quinta edição 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>. Acesso em: 15/10/2013. Este material é citado por Maria Cristina Cabral (2012).

<sup>40</sup> Os sete polos apontados pela autora são: Polo Cultural Praça XV. Polo Cultural Campo de Santana, Polo Cultural Praça Tiradentes, Polo Cultural Largo da Carioca, Polo Cultural Cinelândia, Polo Cultural Parque do Flamengo, Polo Cultural Praça Mauá.

<sup>41</sup> Cabe esclarecermos aqui que os equipamentos apontados por Maria Cristina (2008) se referem a locais edificados, tombados ou não, onde ocorrem manifestações artísticas, e os por patrimônio foram considerados os prédios históricos tombados, que fazem parte desse espaço cultural.

<sup>42</sup> Ver "Lista dos Bens Culturais Inscritos nos Livros do Tombo (1938 - 2012) . Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3263>. Acesso em : 16/10/2013.

<sup>43</sup> Disponível em: <[http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bem\\_procurado#](http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bem_procurado#)>. Acessado em: 15/10/2013.

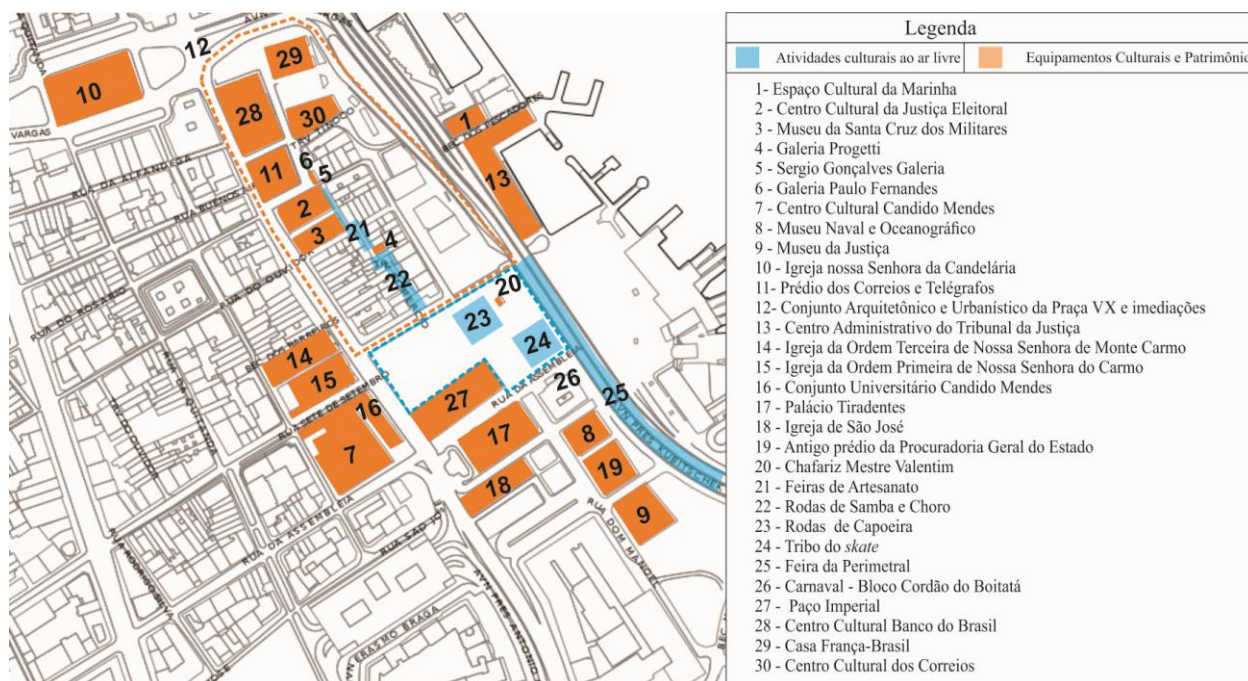
de relações de novos grupos sociais que se apropriaram do lugar. No que se refere aos equipamentos culturais e edifícios históricos, serão apresentadas cada uma das instituições, abordando-se a importância das edificações e das atividades ali desenvolvidas, dos usos anteriores aos atuais. Aprofundaremos, entretanto, o nosso estudo nos quatro centros culturais de maior visibilidade nos meios de comunicação<sup>44</sup>, considerados protagonistas desse espaço:

## 2.1 Listagem de equipamentos culturais, patrimônio e atividades culturais ao ar livre

Para a atualização dos espaços culturais, de acordo com sua presente localização e com a abertura de novas instituições, acrescentamos à lista dos espaços apontados por Cabral (2008) a Galeria Paulo Fernandes, além de alterarmos a localização da Sergio Gonçalves Galeria, que mudou de endereço, e o nome da Procuradoria Geral do Estado, atual Emerj. Sendo assim, formou-se a disposição que podemos notar na Figura 08.

FIGURA 08

Espaços culturais Praça XV



Fonte: Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de material da SMU.

<sup>44</sup> Paço Imperial, Centro Cultural do Banco do Brasil, Casa França-Brasil e Centro Cultural dos Correios.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

Abaixo listamos os equipamentos de uso cultural e bens patrimoniais, bem como as atividades desenvolvidas ao ar livre:

### **Equipamentos Culturais:**

Espaço Cultural da Marinha; Centro Cultural da Justiça Eleitoral; Museu da Santa Cruz dos Militares; Galeria Progetti; Sergio Gonçalves Galeria; Centro Cultural Candido Mendes; Museu Naval e Oceanográfico; Museu da Justiça.

1- Espaço Cultural da Marinha - Visitação de Terça- feira à domingo das 12h às 17h - Entrada franca.



Foto: Aline Mendes

Instalado no final do século XIX nas antigas Docas da Alfândega, em área aterrada, o centro cultural foi inaugurado em janeiro de 1996, e possui um acervo direcionado a expor e contar um pouco da rica história do Brasil e da navegação.

2 - Centro cultural da Justiça Eleitoral – Tombamento Federal e Estátuas possuem Tombamento Municipal - Visitação de quarta- feira à domingo das 12:00h às 19:90h - Entrada franca.



Foto: Aline Mendes

Construído 1896, o prédio foi idealizado para ser sede do Banco do Brasil, porém sem jamais ter exercido tal função. De linguagem eclética, possui portões de ferro vindos de Portugal, lustres de bronze, estátuas vindas da França e fachada em mármore Carrara. Entre 1896 e 1909 o edifício foi sede do Supremo Tribunal Federal (STF) e após esse período foi inteiramente restaurado pelo TSE recuperando o aspecto que possuía quando o Rio de Janeiro era a capital do país, para sua inauguração em 2008 como Centro Cultural da Justiça Eleitoral.

3 - Museu da Santa Cruz dos Militares – Tombamento Federal - Visitação de segunda- feira à sexta - feira das 13:30h às 15:30h - Entrada franca.



Fonte: Wikipédia

No local onde hoje se encontra o museu, havia um forte construído por Martim Correia de Sá, filho do antigo governador Salvador Correia de Sá, para proteger a entrada da Baía de Guanabara contra invasores estrangeiros que ameaçavam a cidade do Rio de Janeiro. Porém, em 1623, o forte se encontrava em ruínas e já perdia sua importância no sistema de segurança da Baía de Guanabara, sendo dessa forma aceito o pedido de oficiais e soldados para a construção de uma capela no local. Segundo o jornalista Guilherme Nunes Ferreira (2005), ao passar por obras de ampliação, a igreja da Irmandade dos Militares foi santificada, em 1811, com a invocação de “Santa Cruz”, na presença de D. João VI. Após essa data, a igreja sofreu intervenção de Antônio de Pádua e Castro, em 1853, e reforma de Werner Barth, em 1914. Passou por um incêndio em 1923, que destruiu o altar-mor de Mestre Valentim, reconstituído em 1924 por fotografias. Somente em 1984 foi inaugurado o museu da igreja, para guardar e preservar as relíquias acumuladas ao longo de sua história.

4 - Galeria Progetti – Tombamento Federal - Visitação de terça- feira à sábado das 12:00h às 18:00h - Entrada franca.

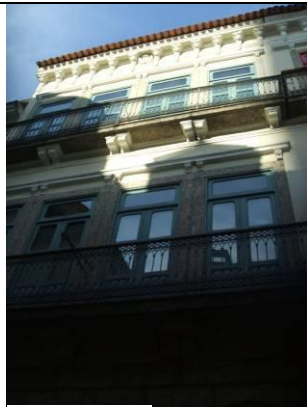


Foto:Aline Mendes

Inaugurada no dia 2 de agosto de 2008 e ocupando um sobrado de três andares construído em 1889, a Galeria Progetti faz parte de um dos conjuntos arquitetônicos mais bem preservados do Rio de Janeiro. Localiza-se na Travessa do Comércio, junto à Praça XV, próximo aos mais importantes museus e centros culturais da cidade. O projeto arquitetônico de adaptação da edificação para o uso atual é de Pedro Rivera e Daniela Brasil. Tal projeto buscou integração entre os diferentes níveis do prédio e a utilização de iluminação natural. À frente da ideia dessa galeria, estão empreendedores que apostaram na realização de exposições de artistas nacionais e internacionais, contribuindo para o crescimento do interesse do público pelas artes visuais.

5 - Sergio Gonçalves Galeria – Tombamento Federal - Visitação de terça- feira à sexta - feira das 11:00h às 19:00h e sábado das 11:00h às 18:00h - Entrada franca.



Foto:Aline Mendes

Inaugurada no dia 14 de abril de 2012, a galeria de arte Sergio Gonçalves localiza-se em um sobrado de dois pavimentos na Rua do Rosário, sendo parte de um conjunto de edifícios no espaço compreendido entre o Paço Imperial e a Praça Pio X e limitada pela Rua Primeiro de Março e pela Avenida Alfred Agache. Esse grupo de edificações recebe o nome de Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Praça XV de Novembro e Imediações, e tem tombamento por instância federal. Para a acomodação de uma galeria no local, a fachada do edifício não sofreu modificações, porém o espaço interno passou por reformulações, ganhando um novo projeto de iluminação. Isso resultou em um ambiente adequado para receber esculturas, pinturas, fotografias e instalações, além de obras desenvolvidas a partir de recursos audiovisuais.

6 - Galeria Paulo Fernandes - Visitação de terça- feira à sábado das 11:00h às 17:00h - Entrada franca.



Foto:Aline Mendes

A Galeria tem três sedes, e uma delas encontra-se, há mais de 30 anos, no mesmo prédio da Sergio Gonçalves Galeria, porém com acesso pela Rua Visconde de Itaboraí. O local é responsável por abrigar instalações do artista José Resende, encontradas na Estação 09, em ambiente ao ar livre, na esquina entre as ruas do Rosário e Visconde de Itaboraí.

7 - Centro Cultural Candido Mendes - Visitação de segunda - feira à sexta - feira das 12:00h às 19:00h - Entrada franca.

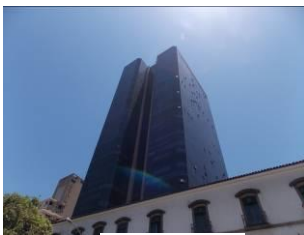


Foto:Aline Mendes

Criado no final da década de 1970, esse centro cultural possui duas unidades, instaladas nas sedes da Universidade Candido Mendes do Centro e de Ipanema. As duas unidades possuem teatro e galerias de arte com um variado acervo constituído ao longo de 35 anos, que já soma mais de 750 obras de representantes da arte brasileira contemporânea.

A grande polêmica com relação ao edifício, que abriga o centro cultural na sede do Centro, é o fato de esse estar inserido no antigo Convento do Carmo, o qual passou a possuir em seu miolo um edifício de grande altura e envidraçado – que abarca as instalações da faculdade Candido Mendes –, causando contraste não só pelas características da sua linguagem, mas também por romper com o coroamento do entorno.

8 - Museu Naval e Oceanográfico – Tombamento Estadual e Federal - Visitação de terça - feira à domingo das 13:00h às 17:00h - Entrada franca.



Foto:Aline Mendes

Destinado à preservação da memória naval brasileira, em seu acervo se encontram diversos documentos que relatam a história da Marinha do Brasil, dando prioridade a demonstrar a participação brasileira em conflitos.

O museu tem suas instalações em um prédio eclético, construído em 1868 para servir de sede ao Clube Naval, e que somente em 1972 foi ocupado pelo Museu da Marinha, passando a estar aberto ao público em 28 de setembro de 2006.

9 - Museu da Justiça - Visitação de segunda - feira à sexta - feira das 11:00h às 17:00h - Entrada franca.



Foto: Aline Mendes

Projeto do arquiteto Fernando Nereu Sampaio, o prédio de linguagem eclética foi inaugurado em 1926, com a finalidade de sediar o Palácio da Justiça do então Distrito Federal.

Com a instauração do Estado Novo, passou a funcionar no prédio o Tribunal de Apelação, o que implicou a necessidade de pequenas reformas, que incluíram mudança de pavimentação, acréscimo de elementos decorativos internos e novo mobiliário para o plenário da corte.

Com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1975, o edifício passou a ser sede do Tribunal de Alçada do Estado do Rio de Janeiro e, em 1985, Tribunal de Alçada Criminal do Estado do Rio de Janeiro (TACRIM).

Em 2008, com as obras de reforma e restauro do edifício, o Primeiro Tribunal do Júri foi desativado, e foi criado o Centro Cultural do Poder Judiciário do Rio de Janeiro, em março de 2009, estreando suas atividades em novembro de 2010, com a reabertura do Antigo Palácio da Justiça.

## Patrimônio

10 - Igreja Nossa Senhora da Candelária – Tombamento Federal - Visitação de segunda- feira à sexta - feira das 7:30h às 16:00h , sábado, das 8:00h às 12:00h. Domingo, das 9:00h às 13:00h - Entrada franca.



Foto: Aline Mendes

Localizada na Praça Pio X e com características neoclássicas, a igreja, também conhecida como Candelária, é um dos principais monumentos religiosos da cidade do Rio de Janeiro, e está situada no coração da cidade. Quando mencionado, seu nome remete a eventos marcantes ocorridos na segunda metade do século XX, como a chacina da Candelária e o movimento das Diretas Já.

Sua construção iniciou-se em 1775, com projeto original feito pelo engenheiro militar português Francisco João Roscio. Tombada em instância nacional em 1938, a igreja possui portas trabalhadas em bronze, interior revestido em mármore e fachada em cantaria.

11 - Prédio dos Correios e Telégrafos – Tombamento Federal



Foto: Aline Mendes

Situado à Rua Primeiro de Março, 64, e projetado por Antonio de Paula Freitas, teve sua pedra fundamental lançada em 1875 e sua construção terminada em 1877. A edificação, de linguagem eclética, tem o pavimento térreo tratado em cantaria de granito carioca e ritmado por pilastras jônicas, arcos plenos e grandes. No primeiro andar, foi empregada a ordem coríntia, e no segundo a compósita. O imóvel foi erguido no mesmo terreno onde existira a antiga Casa de Contos.

12 - Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Praça XV e imediações – Tombamento Federal



Foto: Aline Mendes

De arquitetura neoclássica, esse conjunto arquitetônico tem tombamento federal e faz parte do conjunto urbano preservado pelo Corredor Cultural.



## 13 - Centro Administrativo do Tribunal da Justiça – Tombamento Estadual



Foto: Aline Mendes

O prédio de autoria de Humberto Nabuco dos Santos foi inaugurado em 1941 pelo então presidente Getúlio Vargas. Possui tombamento estadual e, em sua entrada voltada para a Praça XV, encontram-se afrescos de linguagem *art déco* de autoria do escultor Armando Schnoor, os quais representam pescadores de diferentes grupos étnicos.

O prédio, que já abrigou o Entrepasto Federal de Pesca e a sede da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), passou a funcionar em 2007 como Centro Administrativo do Tribunal da Justiça.

14 - Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora de Monte Carmo – Tombamento Federal -  
Visitação de segunda- feira à sexta- feira das 8:00h às 15:30h , sábado, das 8:00h às 12:00h -  
Entrada franca.

Fonte: Wikipédia

Localizada entre o Beco dos Barbeiros e a Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo, a partir do projeto de Manuel Alves Setúbal, teve sua construção realizada entre 1755 e 1770. Ficou, entretanto, com suas torres inacabadas, as quais só seriam construídas entre 1847 e 1859 pelo arquiteto Manoel Joaquim de Mello Corte Real.

A fachada é totalmente revestida de pedra e sem o contraste entre a cantaria e o reboco branco. O interior possui uma só nave e corredores laterais, capelas laterais e capela-mor retangulares. Na Capela do Noviciado, o revestimento é em rococó de Mestre Valentim, que trabalhou na igreja até 1800.

15 - Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo – Tombamento Federal - Visitação  
com agendamento prévio, conforme será descrito abaixo.

Fonte: Wikipédia

A antiga Catedral Metropolitana, também conhecida como Antiga Sé, localiza-se entre a Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora de Monte Carmo e o antigo Convento do Carmo.

Sua história iniciou-se quando a ordem carmelita chegou à cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1590, e construiu uma capela. Mais tarde, foi construído ao lado um convento, o antigo convento do Carmo. Quase dois séculos depois, em 1761, a antiga capela deu lugar à atual igreja, por meio do projeto de Manuel Alves Setúbal, sendo sagrada em 1770.

A fachada principal da igreja é assimétrica, devido à posição da torre lateral, distante do centro da edificação. Em 1900, a fachada foi alterada, sendo mantido da proposta original apenas o primeiro pavimento. Entre 1905 e 1913, a torre foi reconstruída pelo arquiteto Rafael Rebechi e encimada pela estátua de bronze de Nossa Senhora da Conceição.

Visitação ao sítio arqueológico com agendamento prévio: de terça- feira à quinta- feira das 13:30 e 17:30; sábados e feriados de 12:00h às 13:00h; domingo de 10:00h às 13:00h; ingressos 8 reais (inteira) e 4 reais (meia entrada); escolas públicas tem visitação gratuita as terças-feiras e todo o último domingo do mês   cobrado um valor simbólico de 2 reais a entrada.

## 16 - Conjunto Universitário Candido Mendes – Tombamento Federal e Estadual

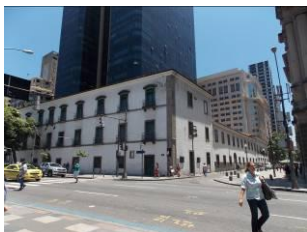


Foto: Aline Mendes

Alguns anos após sua chegada ao Brasil, as carmelitas receberam o terreno adjacente à capela que mais tarde se tornou a Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo. Dessa forma, deram início à construção do convento a partir de 1619. O convento foi reconstruído algumas vezes no período colonial e teve outros usos: com a chegada da corte portuguesa, em 1808, abrigou parte da família real, e, entre 1840 e 1896, foi sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em uma das reformas que o convento sofreu, em 1906, a fachada recebeu ornatos de linguagem eclética, que foram retirados em 1960, quando a edificação foi tombada pelo IPHAN. Atualmente, o antigo Convento do Carmo é parte do Conjunto Universitário Candido Mendes, e possui em seu miolo uma torre em altura, onde funciona a Faculdade Candido Mendes, escritórios e o centro cultural da instituição.

## 17 - Palácio Tiradentes – Tombamento Federal e Municipal - Visitação de segunda- feira à sábado das 10:00h às 17:00h , domingos e feriados das 12:00h às 17:00h - Entrada franca.



Foto: Aline Mendes

No mesmo terreno onde depois foi construído o Palácio Tiradentes, havia um edifício que foi sede do parlamento imperial, construído em 1640, e que possuía em seu pavimento inferior uma cadeia para abrigar os presos do período colonial.

Somente em 1922 o parlamento foi demolido, dando lugar ao Palácio Tiradentes. O projeto do edifício, de estilo eclético, é de Archimedes Memória e Francisco Cuchet, tendo sido inaugurado em 1926.

A edificação abrigou diversos usos e, em 1937, foi sede do Departamento de Imprensa e Propaganda. Com o fim do Estado Novo, voltou a abrigar a Câmara dos Deputados.

Quando a capital federal se mudou para Brasília, em 1960, a cidade do Rio de Janeiro passou a ser o Estado da Guanabara, e o Palácio Tiradentes passou a acolher a Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, função que exerceu até 1975, quando ocorreu a fusão com o Estado do Rio de Janeiro. Assim, o Palácio Tiradentes passou a abrigar a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

## 18 - Igreja de São José – Tombamento Federal - Visitação todos os dias de 7:00h às 17:00h - Entrada franca.



Foto:Aline Mendes

O edifício foi construído inicialmente, em 1608, para os devotos de São José, e localizava-se a beira-mar. Teve origem em uma pequena capela rústica, que a partir de 1659 passou a servir como Matriz e Sé do Rio de Janeiro.

Passando por diversas reconstruções, em 1751 passa a ser intitulada Matriz da Freguesia de São José. Em 1807, a irmandade de São José iniciou as obras da atual igreja, que foi inaugurada em 1842.

De acordo com informações do IPHAN, em 1883 ocorreram novas adições na igreja, que resultaram na fachada de dois andares e em sua aparência atual. Possui estilo barroco tardio, e seu interior se compõe de uma nave e corredores laterais, nos quais se localizam um púlpito e três tribunas. Sua decoração com talha de estilo rococó é de autoria de Simeão de Nazaré, discípulo do Mestre Valentim.

19 - Antigo prédio da Procuradoria Geral do Estado – Tombamento Provisório Estadual



Foto:Aline Mendes

Com linguagem eclética e concepção original com forte tendência classicizante, o prédio foi construído em 1884, e seu projeto é do arquiteto Francisco Bethencourt da Silva. O edifício foi idealizado para sediar a Caixa Econômica e Monte de Socorro.

Entre 1905 e 1908, após passar por reformulações geridas pelo mesmo arquiteto, o edifício passou pelo aumento de um pavimento nas alas laterais. A partir de 1940, funcionaram no local conselhos ligados ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal.

Em 1960 passou a ser utilizado pela Procuradoria Geral do Estado. Na década de 1970, voltou a sofrer modificações e, atualmente, abriga a EMERJ (Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro). Possui tombamento provisório na estância estadual, referente aos seus aspectos de volumetria.

20 - Chafariz Mestre Valentim – Tombamento Federal



Foto:Aline Mendes

Inaugurado em 1789, o chafariz encontra-se na Praça XV, próximo ao Paço Imperial, e foi testemunho da história da formação da cidade do Rio de Janeiro. Construído para substituir outro existente, sua função era atender o abastecimento de água das embarcações que atracavam no cais.

O chafariz foi recuperado em 1990, e em seu entorno foi escavado o terreno para que pudessem ser novamente visualizadas as escadarias originais de acesso ao antigo cais, antes dos sucessivos aterros. Por esse cais, a família real portuguesa aportou na cidade quando aqui chegou, em 1808.

**Atividades culturais ao ar livre:**

Feiras de artesanato; Rodas de Samba e Choro; Rodas de Capoeira; Tribo do *Skate*; Feira da Perimetral; Carnaval – Bloco Cordão do Boitotá.

21 - Feiras de Artesanato - Ocorre aos sábados a tarde.



Foto:Aline Mendes

Com início na Estação 09 – localizada na esquina entre as ruas do Rosário e Visconde de Itaboraí – e em menor parte na Estação 10, oferece produtos diversificados. O destaque está no teor artístico e cultural dos artesanatos oferecidos.

22 - Rodas de Samba e Choro - Ocorre aos sábados das 13hs as 14hrs.



Foto:Aline Mendes

Podemos encontrar com frequência, principalmente ao nos aproximarmos do Arco do Telles, músicos e admiradores reunidos em rodas de samba e choro, considerados os dois mais tradicionais estilos musicais cariocas e brasileiros.

23 - Rodas de Capoeira- Encontros quinzenais aos sábados pela manhã



Foto: Fabio Martins.  
In: www.tudonoticia.com.br

Aos finais de semana, grupos de capoeira costumam se reunir para jogar no Largo do Paço, em frente ao Paço Imperial e ao lado da estátua do General Osório, local onde se encontra a Estação 12.

24 - Tribo do *skate* - Ocorre aos sábados a partir das 10hrs.



Foto:Aline Mendes

Causando muita polêmica, esse grupo se reúne no local que chamamos de Estação 13. Apesar de se defenderem com o argumento de que ajudam a manter o local mais frequentado e, portanto, mais seguro, são criticados por funcionários do Paço Imperial e por usuários do local, que alegam que eventos organizados pelos skatistas acabam atraindo pessoas que não são os frequentadores usuais, o que contribuiria para a ocorrência de distúrbios nas imediações do centro cultural.

Em reportagem do jornal *O Globo* em versão online (2013), a repórter Barbara Marcolini explicava que não é apenas o chão liso e os obstáculos para manobras que atraíam os skatistas. Diz a matéria:

Especializado em projetar pistas de *skate*, o arquiteto Sylvio Azevedo, da empresa Rio Ramp Design, destaca a localização central da praça, que faz com que skatistas de todas as partes da cidade se encontrem ali.(MARCOLINI,2013, s.p.)

25 - Feira da Perimetral - Ocorre aos sábados a partir das 9hrs e acaba no fim da tarde.




Foto:Aline Mendes

Essa feira ocorre aos sábados pela manhã e, geralmente, termina no meio da tarde. O local pode ser considerado como um *brechó* em espaço público, em que é possível encontrar de um chapéu da Segunda Guerra Mundial, livros antigos, discos e moedas, até um móvel exclusivo *vintage*. É um espaço interessante para colecionadores e para pessoas que buscam incrementar a decoração de sua casa com peças de antiquário.

Em conversas com vendedores do local, descobrimos que a feira era inicialmente de trocas e em frente à estação das barcas. Posteriormente, mudou-se para as proximidades do Tribunal de Justiça, ocupando mais tarde o espaço sob o Elevado da Perimetral. Especula-se que, com a demolição do viaduto, a feira irá ocupar a praça em frente ao Paço Imperial.

## 26 - Carnaval - Bloco Cordão do Boitatá - Ocorre no domingo de carnaval.

 <p>Foto: Danilo Verpa. In: <a href="http://veja.abril.com.br">http://veja.abril.com.br</a></p>	<p>Reunindo de 40 a 60 mil foliões, o Cordão do Boitatá surgiu em 1996, entre artistas que tocavam samba e choro, grupo que com o tempo evoluiu e acabou lançando um CD.</p> <p>Com um repertório bem variado que homenageia músicos brasileiros, o cortejo ocorre todo domingo de carnaval e inicia-se por volta de sete e meia da manhã, acabando em torno das quatro da tarde.</p> <p>Como o formato é de cortejo, com os foliões no chão e sem carro de som, foi criado posteriormente um palco para o bloco, surgido para dar conta do grande público que passou a acompanhar o grupo. Os integrantes valorizam o uso de fantasias, o que torna o evento colorido e criativo.</p>
--	--

## 2.2 Polo Cultural Praça XV e suas edificações protagonistas

As edificações consideradas como protagonistas no *Polo Cultural da Praça XV* são aquelas que ao mesmo tempo são *fatós urbanos* e que obtiveram maior visibilidade na imprensa. Como aponta Rossi (2001), consideramos que tais edificações conseguiram se integrar a nova malha urbana e se mantêm perenes na atualidade, pois, apesar de serem remanescentes de outro período da história, possuem atualmente, um novo uso e significado.

Então, neste momento, a intenção é aprofundar as informações sobre o caráter das instituições, portanto, passamos para uma discussão mais detalhada, que tem como base investigativa as linguagens arquitetônicas; as interferências ocorridas nas edificações e possíveis perdas ou alterações estilísticas; a importância histórica de cada uma; usos anteriores; e seus programas originais e atuais, entre outros aspectos importantes para o entendimento das matrizes das linguagens arquitetônicas desses edifícios, que abrigam as principais instituições, que são as mais destacadas do conjunto.

### 2.2.1 O Paço Imperial

O Paço Imperial, projeto do engenheiro militar português José Fernandes Pinto Alpoim, teve sua construção finalizada em 1743 e passou por diversos usos. Segundo Alayde Wanderley Mariani (2004), foi inicialmente construído para abrigar a Casa dos Governadores. A edificação possuía aspecto de uma casa senhorial portuguesa, tendo sua fachada principal voltada para o mar e lateral voltada para a atual Praça XV, mantendo-se com esse uso até 1763.

Foi com a transferência da sede do Governo Geral, de Salvador para o Rio de Janeiro, que a Casa dos Governadores passou a ser a casa de despachos do vice-rei, uso que permaneceu na edificação até 1808.

Mariani (2004) aponta que, com a transferência da família real de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808, o Paço se tornou a sede administrativa do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves, e passou a se chamar Paço Real, ganhando em 1817 mais um pavimento na fachada voltada para o mar, o que deixou a edificação com a aparência que possui até os dias de hoje (FIGURA 09).

FIGURA 09

Fachada principal do Paço Imperial



Foto: Aline Mendes

No dia 7 de setembro de 1822, foi declarada a independência do Brasil, e com isso o Paço Real passou a se chamar Paço Imperial. Por essa época, não era mais utilizado como residência do imperador, e sim pelas repartições dos vários ministérios e como residência de alguns funcionários da corte.

Conforme menciona Mariani (2004), para festejos da sagração de D. Pedro II foram realizadas reformas no edifício, sendo inseridas platibandas em sua cobertura – de acordo com características da linguagem neoclássica – e modificando-se assim o aspecto do prédio.

A mesma autora aponta que, com a proclamação da República e a deposição de D. Pedro II, em 16 de novembro de 1889, o prédio do Paço perdeu sua posição de palácio ligado ao poder monárquico, e passou a ser ocupado pelo departamento dos Correios e Telégrafos já em 1890.

Nas décadas de 1920 e 1930, o prédio passou por reformas para abrigar as repartições dos Correios, acarretando danos à estrutura original com a construção, no

pátio, de um prédio de três pavimentos, além da retirada das platibandas e a inclusão de um frontão de estilo neoclássico na fachada principal, conforme podemos notar em Figura 10.

FIGURA 10

a) Paço Imperial, como sede dos Correios e Telégrafos em 1922; a) Paço Imperial, como sede dos Correios e Telégrafos após a reforma de 1929.

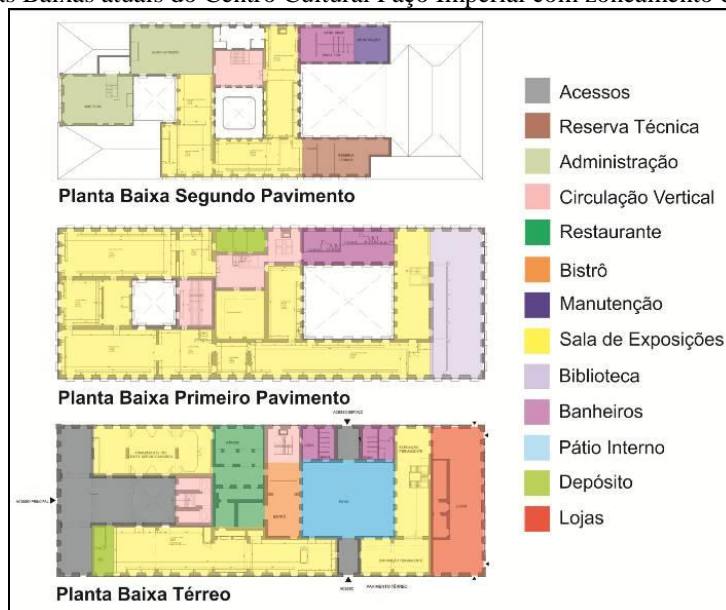


Foto: Augusto Malta. In: MARIANI, 2004.

Em 1938, o prédio foi tombado pelo IPHAN, mas mesmo assim a edificação passou por um período de subutilização e abandono. Somente anos depois, em 1982, foi proposta a sua restauração, que se iniciou nesse mesmo ano. Em 1985, o edifício passou a sediar um centro cultural, com um programa que abrange salas de exposições, biblioteca, lojas, restaurante, bistrô, reserva técnica e administração, conforme podemos observar nas plantas baixas com esquema de uso da instituição (FIGURA 11) e em imagens internas (FIGURA 12).

FIGURA 11

Plantas Baixas atuais do Centro Cultural Paço Imperial com zoneamento de usos.



Fonte: Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de desenho de Bel Lobo e Bob Neri Arquitetos.  
In: Acervo Centro Cultural Casa França-Brasil.

FIGURA 12

Imagens internas do Centro Cultural do Paço Imperial.



Fotos: Aline Mendes

Segundo o *Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica do Rio de Janeiro* (CZAJKOWSKI, 2000), o Paço é um dos mais notáveis exemplos da arquitetura colonial brasileira, tendo passado por diversas intervenções que o descaracterizaram, e voltando ao seu aspecto original apenas com a reforma de 1985.

A mesma fonte aponta que a edificação possui três corpos com a mesma composição, sendo o central composto de três pavimentos e marcado pelo acesso principal. As esquadrias possuem vergas e sobrevergas, adorno comumente utilizado em Portugal na época joanina (FIGURA 13). Acrescenta-se a isso a possibilidade de esses ornatos terem sido empregados pela primeira vez no Brasil na edificação do Paço.



FIGURA 13

Fachada Principal Paço Imperial.



Foto: Aline Mendes.

Os cunhais são de cantaria, as esquadrias do segundo e terceiro pavimentos são providas de púlpito envolto por gradil, e as esquadrias do primeiro pavimento configuram-se apenas com um peitoril – características típicas de edificações de linguagem colonial.

As obras coloniais da cidade do Rio de Janeiro dividem-se nos tipos militar, civil e religioso. Segundo Cláudia Carvalho (in: CZAJKOWSKI, 2000), o edifício do Paço Imperial enquadra-se na Arquitetura Civil, sendo um palácio que simboliza o poder, mais por ter sido testemunho de importantes momentos políticos e de formação da cidade do que propriamente por suas características formais.

A arquitetura colonial, conforme aponta a mesma autora, abrange as construções desde a fundação da cidade do Rio de Janeiro, entre 1565 e 1808 (quando o Brasil passa à condição de Reino Unido). Após esse período, o Brasil começou a sofrer fortes influências de outros países, e as edificações passaram a se adaptar aos novos estilos e linguagens em voga na Europa.

Com isso, surge no Brasil uma liberdade compositiva, incorporando influências europeias às construções, porém sempre mantendo o rigor formal de uma matriz de base geométrica, que segundo Carvalho (in: CZAJKOWSKI, 2000) pode ser atribuída ao papel que o pragmatismo dos engenheiros militares desempenhou no desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro.

O Paço Imperial também possui essas influências, o que podemos notar ao observar imagens das maquetes expostas atualmente no interior do centro cultural, mostrando sua aparência e as modificações pelas quais a edificação passou de 1743 a 1985 (FIGURA 14).

FIGURA 14

Maquetes Paço Imperial.



Foto: Aline Mendes

A mesma autora aponta as características das construções coloniais, que podemos encontrar em alguns prédios remanescentes desse período, ao nos determos na análise dos arredores da Praça XV e do prédio do Paço Imperial. Esse, apesar de ter passado por modificações em função de adaptações de uso, ainda preserva boa parte de suas características originais, conforme notamos na seguinte citação:

As principais características da arquitetura civil colonial são: [...] limitação do uso da cantaria aos cunhais e guarnições; [...] telhados em duas ou quatro águas, com telhas de capa e canal; [...] Janelas de peitoril normalmente utilizadas nos pavimentos inferiores e janelas de púlpito, com sacada em bacia de pedra, guarnecidas com guarda-corpo de ferro ou treliças de madeira, rótulas ou muxarabis, empregadas nos pavimentos superiores; [...] pouco uso de vidros, só empregados a partir do último quartel do século XVIII, em caixilhos sobrepostos às antigas janelas ou em guilhotinas. (CARVALHO, in: CZAJKOWSKI, 2000, p. 20)

### 2.2.2 O Centro Cultural Banco do Brasil

No ano de 1989 foi inaugurado o Centro Cultural Banco do Brasil, localizado no edifício da antiga sede da empresa. Segundo Reinaldo Benjamim Ferreira (1997), primeiro diretor do CCBB, a instituição participou da revitalização e da recuperação histórica do centro do Rio, investindo em cultura e fazendo marketing institucional para a empresa.

O espaço cultural foi distribuído em uma área total de 17.000 m<sup>2</sup>, abrigando dois cinemas com capacidade total para 152 pessoas, três teatros com 456 lugares no total –

incluindo espaço para cadeirantes – e salas de exposição e galerias, tornando-se um polo multimídia e local para fóruns e debates.

Ferreira (1997) menciona que o CCBB foi instalado em um antigo prédio, cuja pedra fundamental foi lançada ainda por D. Pedro II. Sua inauguração ocorreu apenas em 1906, já no período republicano, materializando o projeto de Francisco Joaquim Béthencourt da Silva<sup>45</sup>.

A edificação começou a ser construída em 1880, mas só foi inaugurada, anos mais tarde, para abrigar inicialmente a Associação Comercial da Cidade do Rio de Janeiro. Segundo Czajkowski (2000), a concepção inicial foi baseada no estilo eclético dotado de características clássicas, ou, como é chamado, eclético “classicizante”. Entretanto, ao longo dos anos, o edifício passou por muitas intervenções e modificações, até chegar ao que é hoje. Conforme Gustavo Rocha-Peixoto (in: CZAJKOWSKI, 2000, p. 13), o estilo eclético “classicizante” pode ser referido como uma preferência carioca. “Apesar do declínio do neoclassicismo, a observação do acervo carioca de arquitetura entre 1870 a 1940” atestaria a predominância dessa linguagem, que mesmo com todas as modificações, segundo o autor, se manteve com “a tipologia do corpo alongado, marcada por ritmo constante da fenestração, apenas levemente alterado para conferir dramaticidade ao centro das composições.”

Conforme já apontado, o edifício da Rua Primeiro de Março, 66, passou por diversas intervenções para ser adaptado aos diversos usos anteriores ao de banco, tais como Bolsa de Fundos Públicos, escritórios aduaneiros, Associação Comercial e Consulado de Portugal, entre outros. Até que, em 1923, a Associação Comercial do Rio de Janeiro, como pagamento de dívidas, entregou a edificação ao Banco do Brasil, que passou a utilizá-la como sede da diretoria em 1926, conforme podemos ver nas Figuras 15 e 16.

---

<sup>45</sup> Francisco Joaquim Béthencourt da Silva, nascido em 1831 em Cabo Frio (RJ) a bordo de um veleiro português, estudou arquitetura na Academia Imperial de Belas-Artes em 1845, destacou-se como discípulo de Grandjean de Montigny e conquistou uma bolsa de estudos em Roma para complementar seus estudos. Depois de formado, foi nomeado, por meio de concurso, para o cargo de arquiteto de obras públicas em 1850. Além disso, lecionou na Academia Imperial de Belas-Artes e na Escola Politécnica.

FIGURA 15

Salão Nobre da Diretoria do Banco do Brasil (1926), 2º pavimento, onde hoje é o Teatro II



Foto: Arquivo do CCBB. In: FERREIRA, 1997.

FIGURA 16

Setor do funcionalismo (1926), Térreo, onde hoje é o Cinema.



Foto: Arquivo do CCBB. In: FERREIRA, 1997.

Após algumas adaptações na edificação, em 1940, ocorreu a mudança mais significativa, quando foram acrescentados quatro andares à estrutura original do edifício, o que pode ser identificado na Figura 17.

FIGURA 17

A) Prédio Sede do Banco do Brasil 1926; B) Prédio após reforma;



Foto: Augusto Malta. In: MONTEIRO, 1985.

Ao analisar as duas imagens, percebemos que houve significativa diferença de concepção dos arquitetos entre o momento de criação do objeto arquitetônico e a nova intervenção no prédio. As adaptações da década de 1940 ocorreram em um período da história em que estava em voga o chamado *art déco*, estilo moderno que introduziu características mais racionalistas e geométricas. Isso acarretou interferências dessa linguagem na reforma, como podemos visualizar na segunda foto, que apresenta uma edificação de caráter mais sóbrio e com linhas geometricamente mais demarcadas.

A partir de 1960, com a mudança da capital do país para Brasília, a diretoria do Banco do Brasil foi transferida para a nova capital, restando para o prédio, localizado na Rua Primeiro de Março, a função de agência central do Rio de Janeiro (FIGURA 18). Depois, com o crescimento da demanda, a agência central deslocou-se para a Rua Senador Dantas, deixando na Rua Primeiro de Março uma agência de menor porte, incorporada atualmente ao prédio onde funciona o CCBB.

FIGURA 18

Setor de Expediente/Agência Centro do Rio de Janeiro, Térreo, onde hoje é Foyer, Bombonière, lojinha e restaurante.



Foto: Arquivo do CCBB. In: FERREIRA, 1997.

Somente em 1987, avaliando a situação de subutilização da edificação, Camilo Calazans de Magalhães, à época presidente do Banco do Brasil, decidiu transformar o espaço em um Centro Cultural de Documentação Financeira do Banco do Brasil.

Segundo Ferreira (1997), a criação do CCBB, em 1989, contribuiu para o processo de recuperação de parte do centro histórico do Rio de Janeiro, o que pode ter motivado outras ações preservacionistas, bem como a abertura de comércio e espaços culturais também inseridos em prédios de valor patrimonial, em uma área de importante destaque na história do Brasil e que se encontrava desvalorizada até meados da década de 1980.

Em visitas à instituição e ao arquivo do IPHAN, fomos notificados de que, por medida de segurança, não é possível ter acesso às plantas baixas da instituição antes de essa ter se tornado centro cultural, pois se trata ainda de uma agência bancária. Já as plantas atuais disponíveis são apenas as do primeiro e do segundo pavimento, as quais não acometem a localização da pequena agência em funcionamento no local e setores administrativos, conforme mostramos na Figura 19.

FIGURA 19

A) Planta Baixa CCBB Atual com zoneamento de Usos /Segundo Pavimento; B) Planta Baixa CCBB Atual com zoneamento de Usos /Primeiro Pavimento;

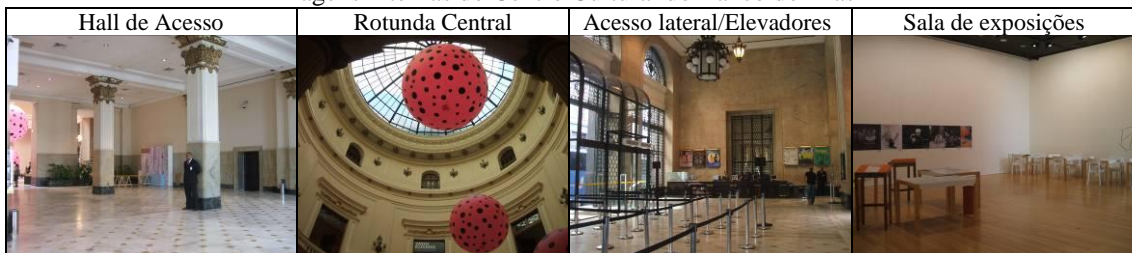


Fonte: Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de material disponível em: [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br).  
Acessado em: 08 de out.2013

Com uma área total construída de 19.243 m<sup>2</sup>, o CCBB possui teatros, salas de exposição, sala de ensino, sala de chá, café, camarins, laboratórios de criação, cinemas, auditório, livraria, restaurante, biblioteca, Museu CCBB, programa educativo, arquivo histórico, administração do CCBB e administração predial, conforme podemos ver na Figura 20.

FIGURA 20

Imagens internas do Centro Cultural do Banco do Brasil



Fotos: Aline Mendes

A rotunda central da edificação é o que mais chama a atenção ao acessar o centro cultural, já que as salas de exposição se desenvolvem à sua volta nos andares superiores. Ao percorrer uma exposição, o visitante aprecia as obras e, ao mesmo tempo, apropria-se do espaço diferenciado e de grande pé direito, que no térreo é utilizado para exposições e estar. Assim, cada vez que sai de uma exposição, caminha pela circulação junto às paredes de prolongamento da rotunda e entra em outra sala, podendo visualizar o movimento e as obras expostas na rotunda..

A edificação tem fachada tombada pelo IPHAN por fazer parte do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Praça XV e imediações, e seu paisagismo – obra de Burle Marx – foi tombado pelo decreto municipal de 4 de agosto de 2009.

### **2.2.3 Casa França-Brasil**

De acordo com documentos e material histórico e iconográfico cedido pelos gestores da Casa França-Brasil, antes de o prédio dar espaço a um centro cultural, passou por diversos usos. Em 1820, foi inaugurado como praça do comércio do Rio de Janeiro. Depois de quatro anos passou a ser a sede da Alfândega, em um contexto de Brasil independente, seguindo com esse uso até 1944, quando se tornou um depósito para os arquivos do Banco Ítalo-Germânico (FIGURA 21). Posteriormente, de 1956 a 1978, funcionou como sede do II Tribunal do Júri. Apesar de tombado já em 1938 pelo IPHAN, isso não eximiu o prédio de sofrer com a falta de manutenção adequada.



FIGURA 21

Prédio da Antiga Alfândega em 1954



Foto: Acervo Arquivo Central do IPHAN.

Somente no início da década de 1980, surgiram as primeiras propostas para a destinação do edifício ao uso de centro cultural, conforme mencionado em material histórico disponível no site da própria instituição.

No início da década de 1980, surgiram as primeiras ideias relativas ao aproveitamento cultural do prédio em questão. Foi neste mesmo período que o IPHAN realizou uma das reformas mais completas da história deste prédio, o que só fez aumentar o interesse pelo espaço. Várias propostas foram feitas, até que em 1984, Darcy Ribeiro, então secretário de cultura do Estado, articulou com o ministério da cultura da França, Jack Lang, o início das conversas para a restauração do prédio e a implantação de um centro cultural, destinado ao intercâmbio cultural entre Brasil e França. (Disponível em <<http://www.fcfb.rj.gov.br>>: Acesso em: 15 de dez.2013)

Considera-se que no Brasil, a partir de influências internacionais de iniciativas preservacionistas e, sobretudo, pelo já comentado Projeto Corredor Cultural, comerciantes, donos de bares e restaurantes começaram a demonstrar interesse em investir no antigo centro da cidade do Rio de Janeiro. A Lei Sarney, de 2 de julho de 1986, ao garantir incentivos fiscais à produção cultural no Brasil, contribuiu para fomentar esses investimentos. Assim, em março de 1990, após ser adiada inúmeras vezes, foi realizada ao lado do CCBB a inauguração da Fundação Casa França-Brasil (FIGURA 22).

FIGURA 22

Casa França-Brasil – 2013



Foto: Aline Mendes.

O edifício é o primeiro registro da arquitetura neoclássica no Brasil e, conforme apontado no *Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica no Rio de Janeiro* (CZAJKOWSKI, 2000), por ser um dos dois únicos edifícios remanescentes das obras do arquiteto francês Grandjean de Montigny<sup>46</sup> no país, pode ser considerado um marco da arquitetura no Brasil.

Segundo Gustavo Rocha-Peixoto (in: CZAJKOWSKI, 2000), com a chegada da corte de Portugal em 1808, o Rio de Janeiro precisou atualizar-se, e mudanças arquitetônicas e urbanas foram as primeiras iniciativas. Com isso, a arquitetura neoclássica, que vinha ao encontro de uma renovação moral e em contraponto aos excessos do barroco tardio e do rococó, firmou-se como tendência dominante e oficial do Rio de Janeiro.

Rocha Peixoto (in: CZAJKOWSKI, 2000, p. 29) também salienta que essa nova arquitetura deveria proporcionar conforto e estar de acordo com o decoro dos membros da corte portuguesa: “Uma arquitetura classicizante e mais moderna deveria servir

---

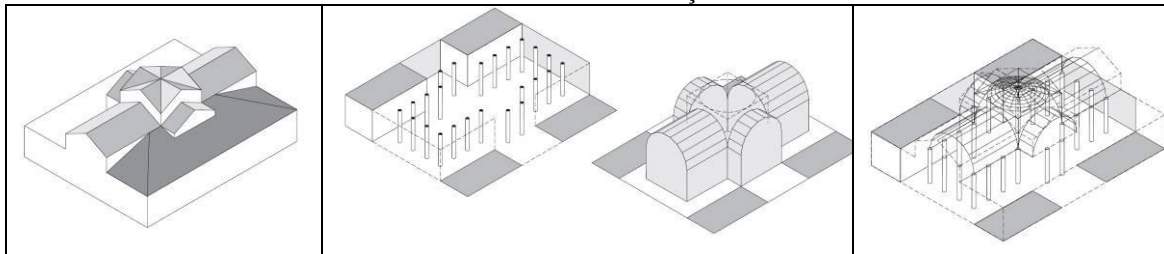
<sup>46</sup> Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny nasceu em 1776 em Paris. Foi importante arquiteto que chegou ao Rio de Janeiro juntamente com a Missão Francesa, em 1816. Foi reconhecido como arquiteto e por seu talento desde estudante, quando recebeu a bolsa de estudos do *Prix de Rome*. Ao chegar ao Brasil, foi incumbido de projetar prédios importantes para o legado arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro, dentre eles a Casa França-Brasil.

internamente para o conforto pessoal do monarca e alguns membros da corte e externamente para sua representação.”

Sendo assim, o Centro Cultural Casa França-Brasil tem como grande diferencial a simplicidade de sua planta. A edificação, de linguagem neoclássica, procura adaptar preceitos da arquitetura clássica – simetria, perfeição das proporções, forma racional e modular – a uma estética do século XIX, junto às necessidades da era industrial, em que a funcionalidade passa a ter maior importância. Notamos também que a edificação possui uma estrutura independente, dividida em módulos, e seus pilares possuem um ritmo de espaçamento entre si, conforme notamos na Figura 23.

FIGURA 23

## Análise Formal - Casa França-Brasil



Fonte: Apostilas de Estudo da Forma I (DARF).

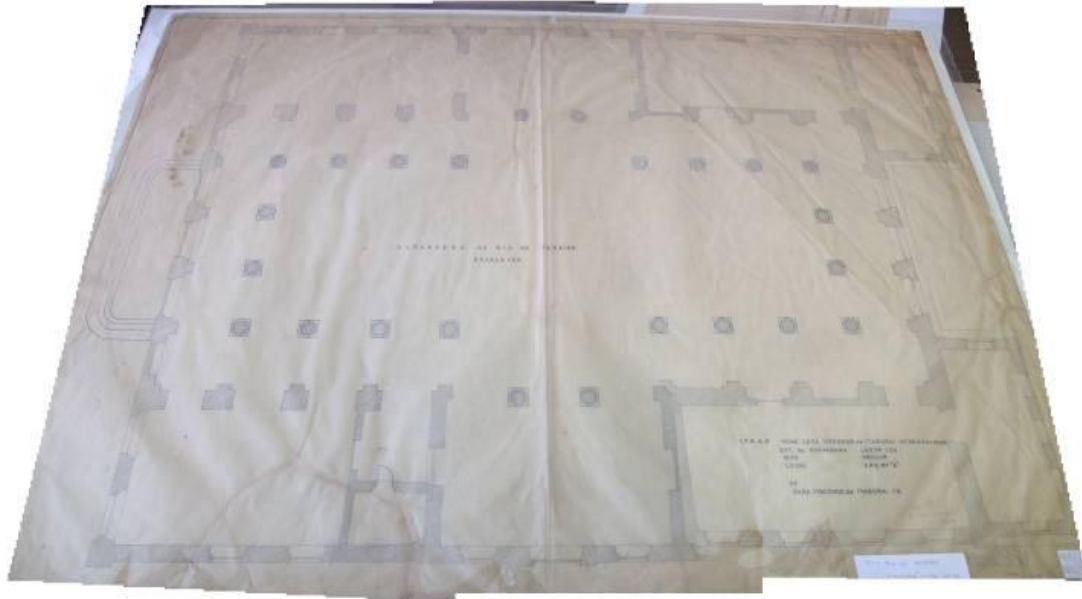
Disponível em : <http://www.fau.ufrj.br>. Acesso em: 12 de Jan.2014

Ao analisarmos as plantas baixas da edificação, seja a que foi feita anteriormente à restauração (em 1972, quando ali funcionava a sede do II Tribunal do Júri) ou a da configuração atual, já com o uso de uma instituição de fim cultural (figuras 24 e 25, respectivamente), notamos que o prédio quase não sofreu interferências internas. Além disso, as acomodações do programa do centro cultural adaptaram-se perfeitamente à antiga edificação, que possui, como já mencionado, uma estrutura independente, ou seja, uma *planta livre*<sup>47</sup>, o que facilita o aproveitamento do espaço para as grandes e pequenas exposições realizadas no local.

<sup>47</sup> Planta livre é um dos cinco conceitos apontados por Le Corbusier para designar arquitetura moderna. Referindo-se a edificações com estrutura independente e com possibilidades de remanejamento das paredes sem interferência na função estrutural do edifício.

FIGURA 24

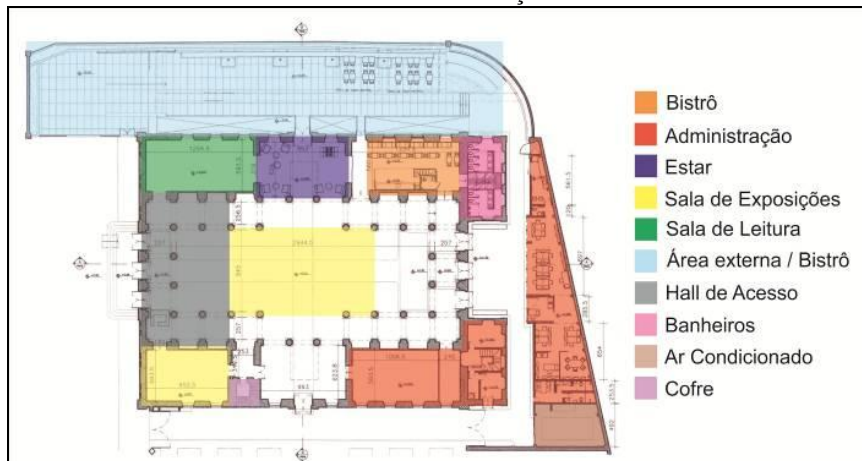
Planta Baixa da Antiga Alfândega em 1972



Fonte: Acervo Arquivo Central do IPHAN.

FIGURA 25

Planta Baixa Atual do Centro Cultural Casa França-Brasil com zoneamento de usos.

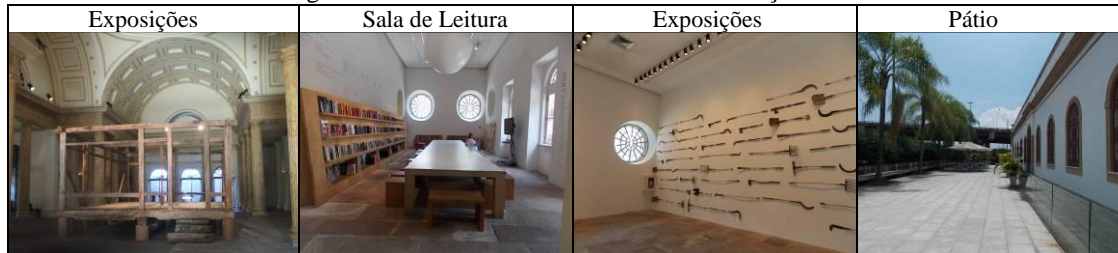


Fonte: Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de desenho de Bel Lobo e Bob Neri Arquitetos.  
In: Acervo Centro Cultural Casa França-Brasil.

Atualmente, o espaço central abobadado e as laterais moduladas por colunas recebem exposições, além das salas anexas nos quatro cantos que auxiliam na composição desse edifício, abrigando a sala de leitura, o antigo cofre, *lounge* e bistrô, além da área externa que configura o pátio, somando uma área total de 700 m<sup>2</sup> (FIGURA 26).

FIGURA 26

Imagens internas do Centro Cultural Casa França-Brasil



Fotos: Aline Mendes

## 2.2.4 O Centro Cultural dos Correios

Por último, dos quatro centros culturais destacados como protagonistas no *Polo Cultural Praça XV*, apresentamos um edifício inaugurado em 1992, o atual Centro Cultural dos Correios (FIGURA 29). Esse centro cultural teve como intuito preservar a história de uma das instituições mais antigas do país, e foi abrigado em uma edificação que integra o patrimônio histórico do Rio de Janeiro, com capacidade para acolher grandes produções no segmento das artes plásticas.

De acordo com material impresso desenvolvido e distribuído à população pela própria instituição, o prédio de 1922 acabou não sendo utilizado para cumprir sua função original, que seria uma escola, e serviu durante 50 anos como unidade administrativa dos Correios. Na década de 1980, o imóvel foi desativado para reformas, tendo sido reaberto em junho de 1992, parcialmente restaurado, para receber a "Exposição Ecológica 92"- Rio 92.

A linguagem arquitetônica da edificação é eclética, que segundo Gustavo Rocha-Peixoto (in: CZAJKOWSKI, 2000, p. 6) "seria, num sentido estrito, a arquitetura que associa num mesmo edifício referências estilísticas de diferentes origens". O autor destaca que o termo ecletismo foi utilizado no Brasil com um significado mais elástico, e compreende a produção e inspiração arquitetônica após o declínio do neoclassicismo.

Observando a fachada da edificação do Centro Cultural dos Correios (FIGURA 27), notamos que ela faz parte do repertório de obras produzidas de acordo com os preceitos da linguagem eclética adotada no Brasil.

FIGURA 27

Vista Frontal do Acesso ao Centro Cultural - 2013



Foto: Aline Mendes.

Nesse sentido, o mesmo autor aponta as diferenças entre a arquitetura neoclássica, que formou seu repertório a partir de inspirações na arquitetura da Antiguidade greco-romana – e como exemplo temos o edifício já descrito do Centro Cultural Casa França-Brasil – e a arquitetura eclética, que "[...] corresponde à acomodação de várias referências no tempo. Variando ou mesmo mesclando 'tempos' históricos diferentes, procurava-se produzir uma palavra 'fora de tempo'". (ROCHA-PEIXOTO, in: CZAJKOWSKI, 2000, p. 7).

Rocha-Peixoto (op.cit) ressalta ainda que a linguagem eclética prima pela dramaticidade, conforto, expressividade, luxo, emoção e exuberância, e em contrapartida a linguagem neoclássica busca ordem, disciplina, contenção, equilíbrio, razão, nobreza.

O Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro possui área total de 3.480 m<sup>2</sup>, distribuídos em três pavimentos interligados por um elevador (FIGURA 28), também do início do século, de onde se pode ter uma visão panorâmica de todo o ambiente interno.

FIGURA 28

Elevador do Centro Cultural dos Correios.



Foto: Aline Mendes

Dentro desse espaço, o Centro Cultural dos Correios possui galerias de arte, salas de exposições, um auditório com capacidade para 200 pessoas, uma agência dos Correios ainda em funcionamento, sala nobre, sala de vídeo e um bistrô, conforme notamos na Figura 29.

FIGURA 29

Imagens internas do Centro Cultural dos Correios

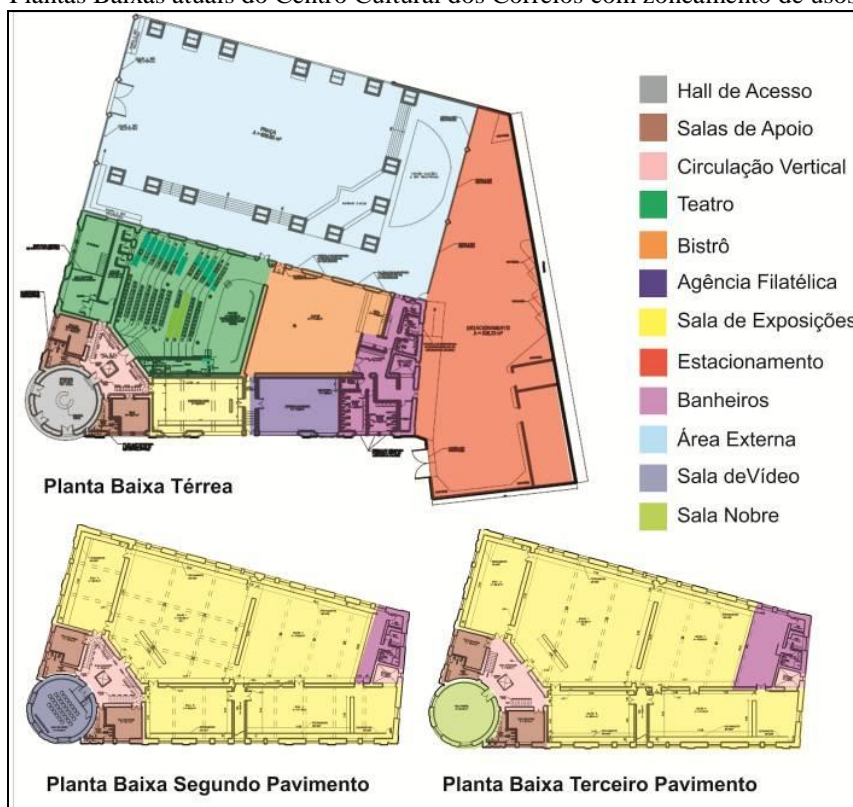


Fotos: Aline Mendes

Destacamos ainda que, em visita ao centro, foi possível notar que o terceiro e o segundo pavimentos são utilizados de forma muito similar. A diferença está no tamanho da sala 2 de exposição e da sala de vídeo do segundo pavimento. Já no terceiro pavimento está localizada a sala nobre, conforme podemos observar nas plantas baixas da Figura 30.

FIGURA 30

Plantas Baixas atuais do Centro Cultural dos Correios com zoneamento de usos.



Fonte: Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de desenho de Erica Machado. In: Acervo Centro Cultural dos Correios.

A programação desse espaço de cultura é variada, e conta com teatro, música, dança, cinema, vídeos e exposições de arte. Além das atividades do espaço interno, a instituição possui a chamada Praça dos Correios (FIGURA 31), em terreno anexo entre essa instituição e a Casa França-Brasil, que se constitui um espaço aberto que já recebeu diversos eventos importantes, entre eles o conhecido Anima Mundi, que agora ocorre na Fundação Progresso, localizada dentro área 1 do corredor cultural (Lapa – Cinelândia) já mostrada em Figura 04 no capítulo 1.

O local funciona como uma espécie de parceria entre as entidades<sup>48</sup>, tendo recebido eventos realizados pelas três instituições. Além disso, sempre que o Centro Cultural dos Correios recebe apoio ou patrocínio tanto do CCBB quanto do Centro Cultural Casa França-Brasil, cede o espaço para eventos dos centros culturais vizinhos.

<sup>48</sup> CCBB, Centro Cultural Casa França-Brasil e Centro Cultural dos Correios.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura



FIGURA 31

Praça do Centro Cultural dos Correios.



Foto: Aline Mendes

### 2.3 Síntese do capítulo

Ao analisar a área de estudo observamos que os espaços culturais auxiliaram a revitalização do local que compreende o *Polo Cultural Praça XV*, pois colaboram para manter o fluxo de usuários e, por tanto, o interesse em conservar as ruas e as edificações.

Notamos que, entre os edifícios analisados, equipamentos culturais e patrimônio, a concentração de patrimônio histórico com usos que não são culturais ocorrem ao redor do Paço Imperial - igrejas, conjunto universitário, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e escola - e os outros espaços culturais edificados, na maioria, se posicionam entre o Arco do Teles e a Avenida Presidente Vargas. Os prédios considerados protagonistas em nossa pesquisa se encontram praticamente aglomerados entre a Avenida Presidente Vargas e a Travessa Tocantins, com exceção do Paço Imperial que se localiza na Praça XV, mais próximo da concentração dos prédios históricos.

O Paço Imperial foi o precursor dos centros culturais entre os protagonistas dessa dissertação e sua posição no contexto urbano também recebe destaque, de acordo com sua importância histórica sem localiza em meio a uma praça, o que oferece à edificação imponência merecida.

Por fim, observamos que, nestes cinco anos (de 2008 à 2013) período que compreende a publicação do artigo de Cabral (2008) e o ano do levantamento realizado dessa pesquisa, ocorreram poucas mudanças no local no que concerne os espaços edificados. Mudamos a localização da Sergio Gonçalves Galeria, que além de alterar seu local de funcionamento trocou de nome, sendo anteriormente intitulada LGC Arte Contemporânea. Outra alteração foi a mudança de uso do antigo prédio da Procuradoria-Geral do Estado, onde hoje funciona a EMERJ (Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro).

## CAPÍTULO 3

### Apreensão do Espaço na Estruturação da Imagem



Rua dos Mercadores

Foto: Aline Mendes.

De posse das informações anteriormente levantadas sobre o *Polo Cultural da Praça XV*, relacionadas à sua formação, importância histórica, política e cultural, o capítulo a seguir apresentará a apreensão do espaço por três vieses: o poético, o técnico (profissional de arquitetura e urbanismo) e o do senso comum (usuário), a partir da sistematização dos levantamentos desenvolvidos durante a pesquisa.

Características do espaço urbano podem contribuir para um aprendizado positivo ou negativo do ambiente, e isso é revertido na qualidade desse lugar e no prazer de se estar nele.

O que é percebido pelo usuário, muitas vezes de forma ingênua, provavelmente foi pensado e desejado por aquele que projetou o espaço urbano, pois mesmo em cidades não planejadas objetos não se dispõem de forma casual no espaço.

A exemplo disso, podemos citar a cidade moderna em oposição à cidade pré-industrial, sendo que as características da primeira são de oposição às ruas e às esquinas, que segundo James Holston (1993) fomentariam as relações sociais. O autor se aprofunda na dissertação sobre a importância da rua, ao definir, exemplificando o caso das cidades pré-industriais, a função das fachadas dos prédios como uma zona limiar que separa o domínio público do privado e como "móvel" do espaço, se a rua for compreendida como sala de estar.

Ainda como contribuição desse estudo, é importante destacar as codificações providas de signos responsáveis pela qualidade das relações entre usuário e espaço, como é o caso da Sólido-Vazio/Figura-Fundo, que abarcam a organização das ruas e dos sólidos que a compõem. Assim, a rua na cidade pré-industrial possui reversibilidade e pode ser considerada tanto sólido ou vazio, como figura ou fundo, enquanto que, na cidade moderna, a rua é vazio e fundo, e os sólidos, as edificações, ganham sempre destaque.

É nesse contexto que encontramos parte do passado da cidade do Rio de Janeiro, de ruas estreitas e com grande parte dos lotes de testada também estreitos, nos quais se destacam alguns edifícios mais imponentes que outros, alguns com escala monumental, outros ocupando uma quadra inteira.

Cada edificação, por meio de sua linguagem e configuração, imprime momentos diferentes da história. Esses podem se apresentar em conjunto ou isolados, como é o

caso da Candelária. Porém, percorrendo o percurso escolhido, onde os consideramos parte de um todo, percebemos o quão rica e sobreposta é a história da formação de uma cidade.

As leituras do *Polo Cultural Praça XV* que serão relatadas a seguir, se iniciaram a partir da aplicação de passeios informais denominados por nós como "visitas exploratórias". Nessas visitas foram observados durante o percurso<sup>49</sup> locais que chamaram a atenção do pesquisador, seja pela existência de fatos urbanos, prédios históricos e /ou efeitos visuais, que foram estabelecidos como *estações*.

Assim, na primeira "visita exploratória" já se deu início ao *levantamento topoceptivo* que será apresentado a seguir, e logo depois da primeira visita, foi realizada a segunda, dando fechamento ao levantamento segundo a visão do pesquisador.

Cabe aqui salientar que o percurso de nossa pesquisa foi definido por meio da compatibilização entre o mapeamento do Polo Cultural definido por Cabral (2008) e o roteiro que veremos a seguir desenvolvido por Rachel Jardim (1991)<sup>50</sup>, além da importante contribuição das "visitas exploratórias", que auxiliaram na exploração e avaliação do espaço na atualidade, dando subsídios necessários para o reconhecimento de locais de destaque no trajeto e definição do recorte de estudo.

Utilizamos o roteiro de número 3 de Jardim (1985) desde o início, mas interrompendo-o no Museu da Justiça, ao final da demarcação do *Polo Cultural Praça XV* apontada por Cabral (2012) – escolha feita justamente para não nos afastarmos das proximidades da Praça XV.

Outro fator determinante para a interrupção foi porque no período em que realizamos o *levantamento topoceptivo* existia um tapume de obra ao lado do Museu da Justiça, que impedia o desenvolvimento do percurso de forma fluida (conforme os passos de Rachel Jardim), o que seria determinante para o entrelace dos olhares, decidimos então interromper nesse local o percurso da pesquisa, conforme notamos em Figura 32.

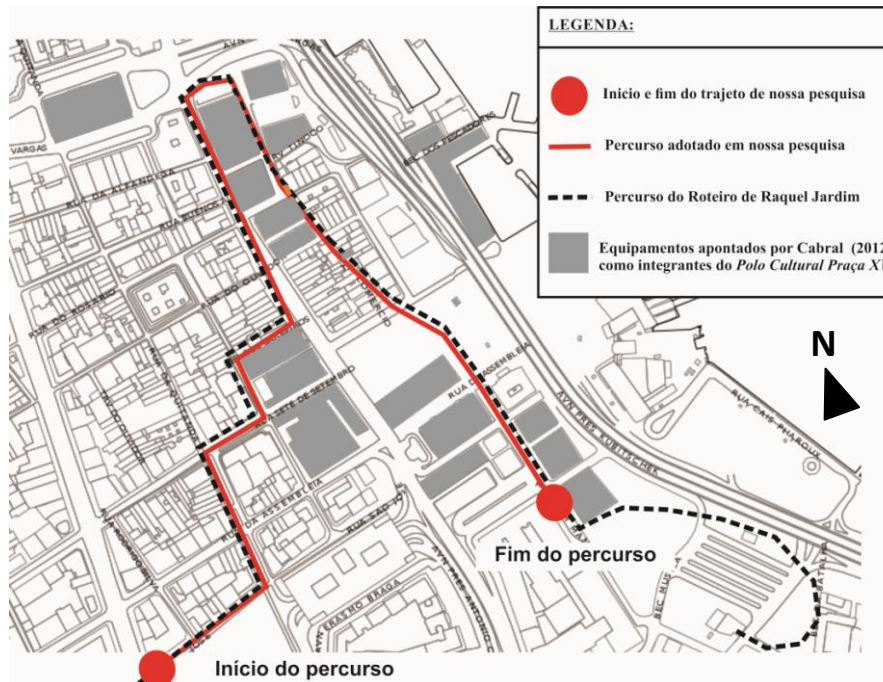
---

<sup>49</sup> Por meio da compatibilização entre o mapeamento do polo cultural definido por Cabral(2008) e o roteiro que veremos a seguir desenvolvido por Rachel Jardim (1991) foi possível a definição de nosso trajeto de pesquisa.

<sup>50</sup> O Roteiro 3 de Rachel Jardim (1991), que foi utilizado na pesquisa, é encontrado em ANEXO IV.

FIGURA 32

## Roteiro da área pesquisada



Fonte: Ilustração produzida por Aline Mendes a partir de material da SMU.

### 3.1 Aos olhos da escritora Rachel Jardim

O trajeto desenvolvido pela escritora se divide em três roteiros de passeios pelo centro da cidade do Rio de Janeiro escritos em 1985<sup>51</sup>. Tais roteiros foram publicados no *Rio de Janeiro. Guia Histórico do centro da cidade* (1991).

O primeiro roteiro inicia-se na Lapa e vai até o Largo da Carioca; o segundo começa nesse mesmo local e chega ao Campo de Santana, finalizando próximo à Confeitaria Colombo; e, por fim, o terceiro compreende a Praça XV e seu entorno<sup>52</sup>.

Rachel Jardim, que segundo Rocha e Pereira (2009) possui influência proustiana, é reconhecida por sua escrita realista e muitas vezes cruel, além de fazer parte de um grupo de escritores que trabalham com a narrativa memorialística, alternando seus contos entre a ficção e história, conforme apontam os autores citados.

<sup>51</sup> O Roteiro de Rachel Jardim teve sua primeira publicação em 1985 e sua segunda edição no *Rio de Janeiro. Guia Histórico do centro da cidade* (1991).

<sup>52</sup> Texto completo em ANEXO IV.

Ao passo que possui uma visão poética dos espaços, sua percepção é focada na questão histórica, levando em consideração a cultura e a apropriação do espaço em cada ponto visitado, além de indicar possíveis leituras do contraste entre prédios antigos e novas edificações.

Para auxiliar na classificação do método de apreensão adotado por Rachel Jardim em seu roteiro pela Praça XV, apontamos acontecimentos no meio artístico relevantes para elucidar essa vertente de apropriação do espaço na qual a autora se encaixa.

Segundo Francesco Careri (2013), na primeira metade do século XX surgiram na Europa Ocidental movimentos antiarte. Entre eles destacamos a *deriva letrista*, idealizada na década de 1950, que contestava a deambulação surrealista e atuava na construção de situações, servindo de inspiração para o pensamento situacionista, idealizado pelos filósofos Constant Nieuwenhuys, Arger Jorgensen, Guy Debord e Raoul Vaneigem, alçando a polêmica contra a alienação e a passividade da sociedade.

O mesmo autor aponta ainda que a *Teoria da Deriva* se baseia em uma atividade lúdica e coletiva, idealizada com o intuito de abarcar a investigação dos efeitos psíquicos que o contexto urbano é capaz de produzir nos indivíduos, pretendendo superar a *deambulação surrealista*, alegando ser preciso agir e não apenas sonhar. Nesse caso, o movimento se utiliza de teorias anteriores no intuito de aperfeiçoá-las, partindo da premissa de que é necessário explorar um "modo de viver apaixonado que se traduz em aventura no movimento urbano" (CARERI, 2013, pág. 86).

Assim, classificamos o percurso de Rachel Jardim como próximo das premissas desse movimento, pois, ao contrário das correntes anteriores<sup>53</sup> que serviram de aporte, pretende investigar o contexto urbano a partir de uma leitura subjetiva do percurso, sem trajetória e destino pré-estabelecidos, porém com a extensão do espaço de exploração pré-concebido, como podemos observar nos trechos a seguir, extraídos do roteiro da autora:

[...] Tornando ao Ouvidor [...] Paro diante de uma loja especializada em artigos do mar e sou tentada a remexer nos estranhos objetos.

---

<sup>53</sup> As excursões dadaístas foram iniciadas em 14 de abril de 1921, em Paris, como um movimento antiarte e operação estética fora dos padrões convencionais, sendo o fio condutor para a compreensão das teorias sucessivas. Já o que se chama de *Deambulação Surrealista* constituiu um movimento que teve a primeira operação em 1924, em que se realizou um percurso imprevisível em um vasto território natural ao invés de encontrar um lugar previamente escolhido. Diferentemente da excursão dadaísta, a deambulação ocorre em um território vazio (não urbanizado).

[...] Prossigo em direção à Praça Marechal Âncora e lá está pousado o Albamar [...] Aos sábados o prédio parece totalmente mágico, em meio a tendas da Feira de Antiguidades estendidas sobre o gramado verde, como se os mercadores tivessem aportado, para depois partir novamente, em misteriosos navios piratas. (JARDIM, 1991, s.p.)

Assim, a riqueza que encontramos no texto de Jardim foi o modo como a autora apresenta a sua percepção do espaço e de seus objetos, os quais o transeunte apressado não se detém a observar, mas presente como abrigo no seu cotidiano. Os detalhes são vistos como que por uma lente de aumento, e através deles ela abre portais para seus devaneios e para a imaginação do leitor.

Uma visão que, segundo Norberg-Schulz (2006), consegue a partir de atribuições do espaço, dar significado e vida a este, o transformando em lugar. O autor ressalta a importância da poesia, indo de encontro a ao pensamento científico, nos remetendo a natureza concreta das "coisas" e a uma visão mais sensível de nosso cotidiano.

### **3.2 Aos olhos do pesquisador**

Em nossa visita para realização do *levantamento topoceptivo* no *Polo Cultural Praça XV*, utilizamos parte do mesmo trajeto proposto por Rachel Jardim (1991) para a área como indicado na introdução deste capítulo. Porém, nossa leitura é de outra ordem e objetivou a apreensão e análise dos momentos em que ocorrem estímulos provocados por efeitos visuais, que são computados como registros perceptivos.

O recorte escolhido para estudo dentro do centro histórico da cidade do Rio de Janeiro apresenta possibilidades para se observar a contraposição entre espaços com características pré-industriais e modernas, com diferenças morfológicas entre vias e edificações, além de atributos e particularidades que denotam diferentes períodos e formas espaciais, como permanências, contemporaneidade, bloqueios focais, marcos, amplitude, confinamentos, entre outros aspectos que enriquecem o espaço e cuja leitura pode se acrescentar ao entendimento das características que conferem qualidade a esse lugar.

Além desses atributos e pelo fato do local possuir grande concentração de espaços culturais, conforme apontado no Capítulo 2, observados em pesquisa de campo, que a área possui fluxo intenso de usuários que buscam imersão cultural. Assim, com a escolha desse espaço, podemos perceber a *cidade como artefato* cultural, designação



que nos remete mais uma vez aos estudos de Aldo Rossi (2001), que são relevantes para nossa pesquisa e que já foram contemplados no item referente aos instrumentos de análise.

A aos olhos do pesquisador foi realizada com base em critérios de avaliação pré-estabelecidos por Maria Elaine Kohlsdorf em seu livro *A apreensão da forma da cidade* (1996), em que a autora trabalha com a *Técnica de Análise Sequencial*, a qual deve ser realizada por um profissional de arquitetura ou de outra ciência que estude a forma, possuindo, assim, uma visão técnica e treinada.

Essa técnica, já abordada no Capítulo 1, na parte intitulada como *Referências teóricas para a análise*, trabalha com a escolha de *estações* e a avaliação de conteúdo em cada uma delas. No caso de nossa pesquisa, por se tratar de um polo cultural rico em patrimônio histórico e com diversos usos, optou-se por escolher os momentos/estações em função de estímulos que possuam efeitos visuais somados a equipamentos culturais e/ou prédios históricos e /ou *fatós urbanos*, como definido por Rossi (2001).







Após as escolhas das estações, analisamos porções de espaço abrangidas pela vista do observador e a partir de cada *Estação*, sendo elas: lateral esquerda, frontal e lateral direita, apontando como a realidade chega à nossa percepção, reproduzindo a estruturação topológica e perspectiva do espaço percebido.

Para melhor entender o levantamento desenvolvido na visita exploratória, é necessário expor um pouco de cada efeito visual e como cada um deve ser separado em uma análise sequencial.

### **3.2.1 Efeitos topológicos e os efeitos perspectivos**

Os primeiros – topológicos – representam referências básicas do corpo humano e se manifestam pela relação de contraposição. Por exemplo: acima/abaixo; direita/esquerda. Kohlsdorf (1996) apresenta possibilidades de efeitos topológicos, os quais apontamos na tabela abaixo.









TABELA 01  
Efeitos Topológicos.

Efeito	Definição
Alargamento 	As paredes que delimitam o espaço se afastam.
Estreitamento 	As paredes que delimitam o espaço se aproximam.
Envolvimento 	Espaço limitado por elementos físicos marcantes, por todos ou quase todos o lados do observador.
Amplidão 	Espaços onde os limites físicos estão distantes, indefinidos ou insignificantes.
Alargamento Lateral 	Quando uma superfície de delimitação lateral encontra-se afastada do observador.
Estreitamento Lateral 	Quando uma superfície de delimitação lateral encontra-se próxima do observador.

Fonte: Tabela desenvolvida por Aline Mendes a partir de Kohlsdorf (1996).

Já os efeitos do segundo caso – perspectivas – são gerados pela composição de uma cena abrangida pelos campos visuais do observador. Os elementos responsáveis pela formação dessa cena sofrem alterações de tamanho, deformações de contornos e proporções e ocultação de algumas figuras pelas outras, fruto inerente às perspectivas cônicas. Dentre esses estímulos, até o momento oito foram catalogados, conforme aponta Tabela 02.

TABELA 02  
Efeitos Perspectivos.

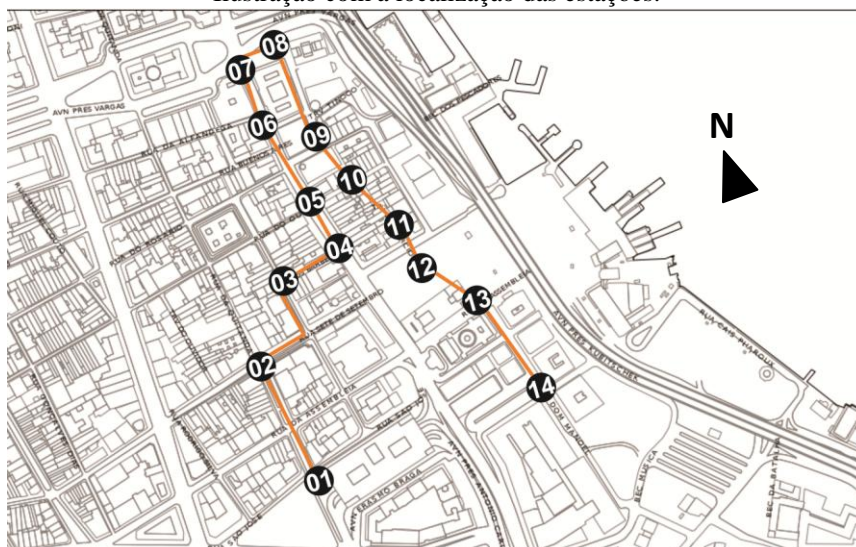
Efeito	Definição
Direcionamento 	Continuidade longitudinal do espaço enfatizada por planos laterais.
Visual Fechada 	Perspectiva pouco profunda , fechada por um plano paralelo e próximo ao observador.
Impedimento 	Quando a visão é interrompida, mas não se impede que se abranja o final do campo visual.
Emolduramento 	Efeito que torna contida por certo enquadramento a visão da cena.
Mirante 	Local de visão privilegiada, onde as possibilidades de visão são maiores.
Conexão 	Efeito que mostra descontinuidade nas paredes laterais do espaço.
Realce 	Elemento que atrai a atenção do observador na cena em estudo.
Efeito em Y 	Bifurcação do espaço.

Fonte: Tabela desenvolvida por Aline Mendes a partir de Kohlsdorf (1996).

Com todas as categorias listadas e o mapa da área de estudo, foram marcadas as estações estabelecidas no *Polo Cultural Praça XV*, sendo essas treze no total, conforme mostra a Figura 33.

FIGURA 33

Ilustração com a localização das estações.



Fonte: Ilustração desenvolvida por Aline Mendes a partir de material da SMU.

A escolha das estações foi determinada por meio de critérios que serão descritos em seguida. Conforme já apresentado na introdução deste capítulo, para a delimitação do percurso, utilizamos a compatibilização entre o terceiro roteiro de Rachel Jardim (1991), interrompendo-o no Museu da Justiça, e a delimitação do *Polo Cultural Praça XV* como apresentado por Cabral (2008). Nesse trajeto, durante as "visitas exploratórias", foram estabelecidos os pontos e para que uma *Estação* fosse estabelecida, foi necessário encontrar pelo menos um efeito visual somado a outro critério de escolha.

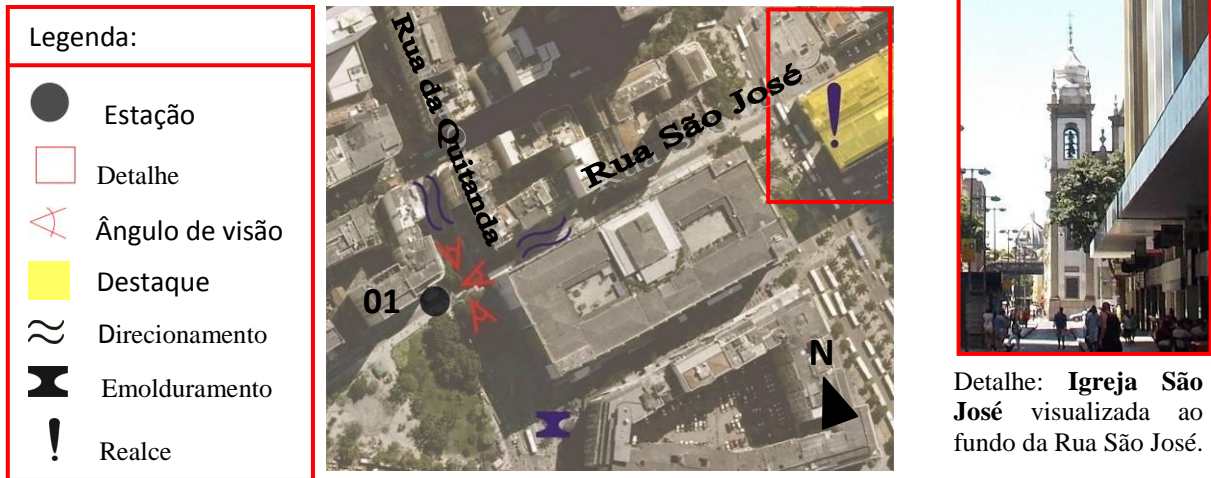
Nas *estações* 01, 02, 03, 04, 05, 13 e 14, encontramos efeitos visuais e patrimônio histórico, que juntos formavam características determinantes para a escolha desses locais como ponto de análise. Já nas *estações* 06, 07, 09, 10, 11 e 12, esses critérios foram *efeitos visuais* somados ao *patrimônio histórico* e *fato urbano*.

### ***Estação 01***

Ao sair do Largo da Carioca e ao caminhar pela Rua São José, estabeleceu-se a primeira *Estação* na esquina com a Rua da Quitanda (FIGURA 34). Nesse local, percebemos homogeneidade de matizes, edificações do período moderno caracterizadas por suas alturas, galerias no térreo e marcações nas fachadas.

FIGURA 34

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 01*.



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Observamos também o contraste do restante das edificações com a cúpula da Igreja São José ao fundo, conforme esquema apresentado na Figura 11. Nesse mesmo local, o tecido urbano possui irregularidade, além de topografia com diferentes níveis na lateral esquerda desse ponto, devido aos resquícios do antigo Morro do Castelo, conforme Figura 35.

FIGURA 35

Active referente ao Morro do Castelo.



Fonte: Acervo Aline Mendes.

Outra observação relevante é que o local não possui sinalização<sup>54</sup>, e no horário e dia<sup>55</sup> da visita havia pouco fluxo de pedestres e de veículos. Ao mesmo tempo, o uso predominante dos prédios é comercial, com lojas de menor porte, lojas de departamento e restaurantes.

Já em uma segunda visita<sup>56</sup>, observamos diferença de uso e apropriação do espaço. Barracas de ambulantes tomam conta do comércio e do espaço, e o fluxo de pedestres, que na primeira visita em um sábado era insignificante, é mais intenso nesse horário e dia da semana, como podemos observar na Figura 36, em foto a partir do mesmo ponto de vista.

FIGURA 36

Fluxo e usos - *Estação 01*.

Fonte: Acervo Aline Mendes.

Nesse contexto, é nítida a interferência dessas alterações na apreensão do espaço, já que a barraquinha do ambulante e o pedestre passam a fazer parte da configuração desse espaço, que já não é mais tão aberto e tranquilo como aos sábados pela manhã.

Ademais, nessa *Estação* observamos o efeito de direcionamento no campo visual lateral esquerdo, direcionamento e realce no frontal e de emolduramento no campo visual lateral direito, conforme a Figura 37.







<sup>54</sup> Sinais de trânsito como semáforos, faixa de segurança e placas de sinalização.

<sup>55</sup> Primeira visita foi realizada em um sábado, no dia 14 de setembro de 2013, às 10 horas da manhã.

<sup>56</sup> Segunda visita foi realizada em uma terça-feira, no dia 17 de setembro, às 10 horas da manhã.

FIGURA 37

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

Direcionamento	Direcionamento/ Realce	Emolduramento
  <p style="text-align: center;"><b>A</b></p>	  <p style="text-align: center;"><b>B</b></p>	  <p style="text-align: center;"><b>C</b></p>

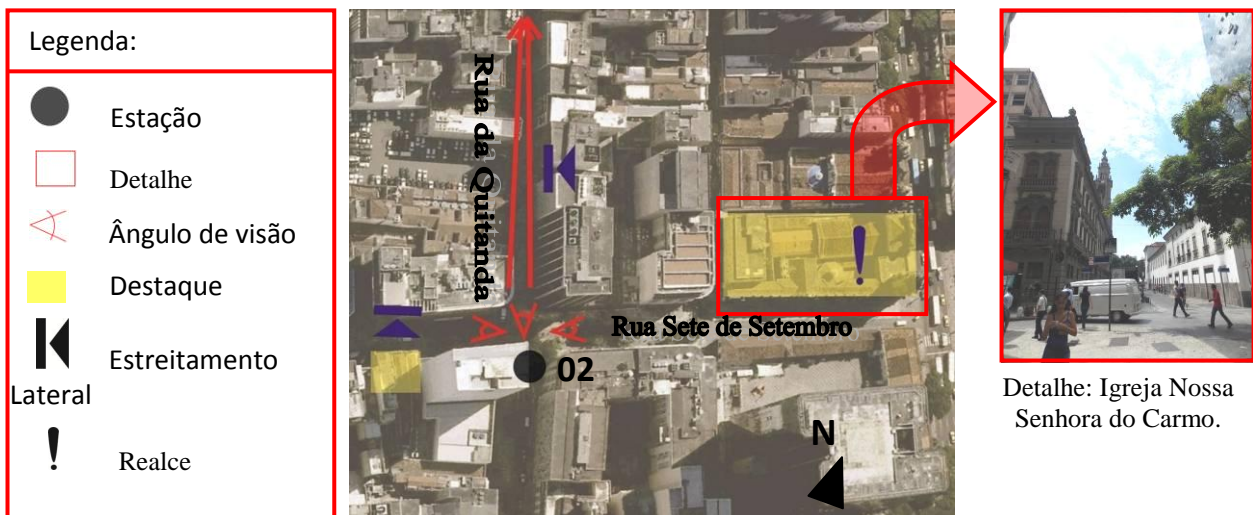
Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

### Estação 02

A segunda *Estação* localiza-se no cruzamento da Rua da Quitanda com a Rua Sete de Setembro. Notamos no campo visual lateral direito, ao fundo, a Igreja Nossa Senhora do Carmo, marcando um ponto de realce na paisagem (FIGURA 38). Apresenta ainda o efeito topoceptivo de estreitamento no campo visual frontal e lateral esquerdo, conforme mostra Figura 39.

FIGURA 38







Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 02*.



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

FIGURA 39

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Estreitamento Lateral</b></p> 	<p><b>Estreitamento Lateral</b></p> 	<p><b>Realce</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

O local possui vias estreitas que se encontram com uma parte da Rua da Quitanda com canteiro central- esse canteiro tem a extensão de duas quadras, que se estendem da Rua São José até a Rua Sete de Setembro – com pavimentação em paralelepípedo e pouco fluxo de carros. As edificações apresentam características diferenciadas, com a ocorrência de prédios ecléticos e *art déco*, mas com predominância dos de linguagem moderno. Presenciamos ainda certa confusão visual em alguns pontos, pelas diferenças de altura entre prédios, fato que rompe com as linhas de coroamento das quadras. Também destacamos que a dinâmica de usos desse ponto da cidade é basicamente comercial e corporativa.







### **Estação 03**

O próximo ponto a ser estudado se encontra em frente ao Beco dos Barbeiros, onde percebemos como efeitos perspectivais a lateral fechada no campo visual direito, o impedimento e emolduramento no campo visual frontal e o impedimento, emolduramento e direcionamento do campo visual lateral direito, conforme pode ser identificado na Figura 40.



FIGURA 40

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Visual Fechada</b></p> <p><b>T</b></p>	<p><b>Impedimento / Emolduramento</b></p> <p><b>≠</b> </p>	<p><b>Impedimento / Emolduramento / Direcionamento</b></p> <p><b>≠</b>  </p>
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

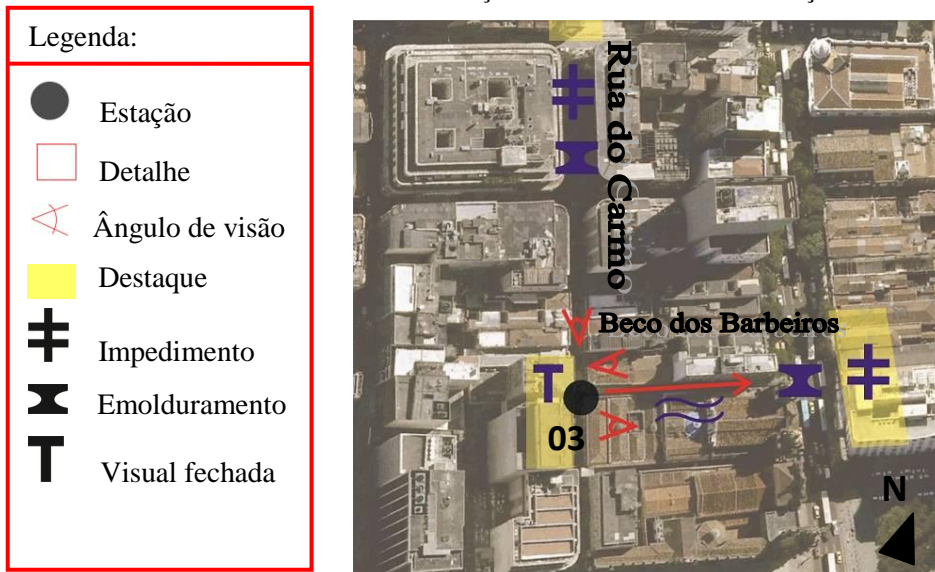
Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Em nossa primeira visita ao local<sup>57</sup>, verificou-se como usos predominantes na área a presença de restaurantes, lojas, cartório, livraria e prédios com uso corporativo. Notamos que as vias são estreitas e em paralelepípedos, com pouco fluxo de carros, conforme podemos perceber na ilustração da Figura 41. Observamos ainda em alguns pontos a carência de manutenção, como podemos ver na Figura 42.

<sup>57</sup> Primeira visita foi realizada em um sábado, no dia 14 de setembro de 2013, às 10 horas da manhã.

FIGURA 41

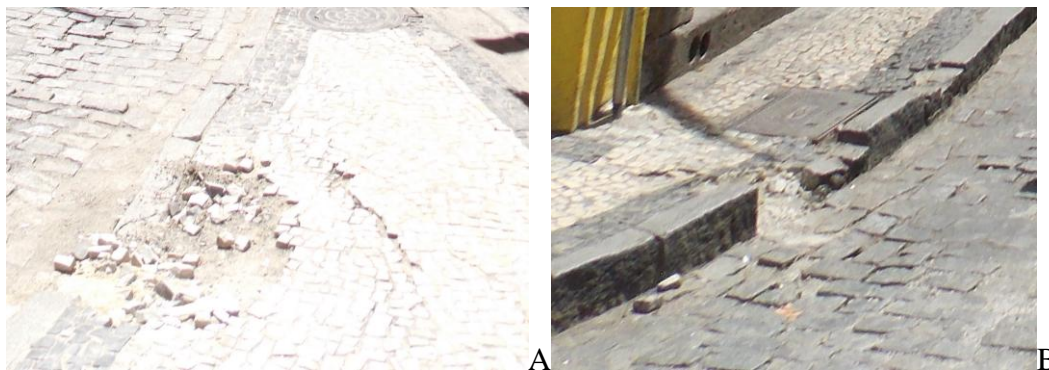
Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 03*.



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

FIGURA 42

Locais que necessitam de manutenção da *Estação 03*.

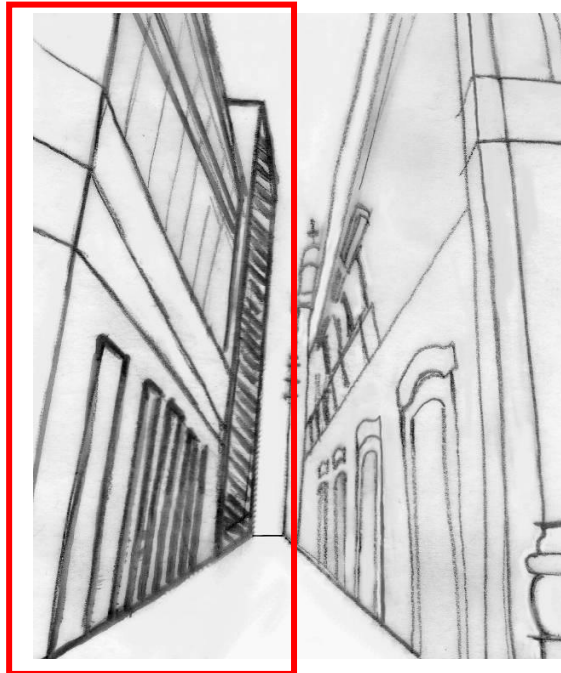


Fonte: Acervo Aline Mendes.

Os prédios históricos apresentam bom estado de conservação, com exceção da lateral da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, apesar de recém-restaurada. Esse local, por ter a iluminação natural impedida por prédio em altura em sua lateral esquerda, conforme podemos notar na Figura 43, tem comprometida a conservação da fachada da igreja – que apresenta danos como crosta negra, entre outras patologias causadas pela umidade. Além disso, a segurança fica ameaçada, o que contribui para a depredação do patrimônio (por exemplo, as pichações) e para deixar o local mais perigoso e insalubre.

FIGURA 43

Croqui - Beco dos Barbeiros.



Fonte: Esquema desenvolvido a partir de croqui de Aline Mendes.

Em uma segunda visita ao local<sup>58</sup>, foi observada com mais atenção a relação entre o céu e os edifícios. Surgem aspectos importantes do "teto" da segunda *Estação* para a terceira, não em termos de amplitude, mas com relação aos desenhos que os edifícios fazem em seu topo. Na imagem A da Figura 44, apesar de os prédios estarem mais afastados, suas alturas os aproximam, dando a ideia de um "céu menor"; já na imagem B da Figura 23, a rua é mais estreita, mas os volumes mais baixos fazem o balanço para que os céus permaneçam com tamanho quase equivalente. Essa relação pode criar a impressão de um recinto fechado, remetendo à ideia de *sala de visita ao ar livre*, uma composição mais propícia ao encontro, conforme aponta James Holston (1993).

<sup>58</sup> Segunda visita foi realizada em uma terça-feira, no dia 17 de setembro as 10 horas da manhã.

FIGURA 44

A) Estação 02; B) Estação 03;



Fonte: Acervo Aline Mendes.

### ***Estação 04***

Nesta quarta *Estação*, avistamos o efeito visual de emolduramento, ao nos aproximarmos da Rua Primeiro de Março vindo do Beco dos Barbeiros, conforme apontado na Figura 45, e de visual fechada no campo frontal ao chegar no ponto da *Estação 04*, conforme pode ser verificado na Figura 46. Podemos observar ainda os efeitos de amplidão, no campo visual lateral esquerdo, e amplidão e realce, no campo visual lateral direito, conforme apresentado na mesma figura.

FIGURA 45







Beco dos Barbeiros.



Fonte: Acervo Aline Mendes.

FIGURA 46

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Amplidão</b></p> 	<p><b>Visual fechada</b></p> 	<p><b>Amplidão / Realce</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Notamos também a diferença de escalas e gabaritos entre edifícios modernos e outros de estilo eclético e colonial, como é o caso dos sobrados homogêneos, que formam um conjunto em frente à saída do Beco dos Barbeiros, e o prédio em sua lateral direita (ver imagem B da FIGURA 46).

Outro aspecto importante nesse trecho é que, no percurso, o fluxo de carro é mais intenso e as vias são mais amplas e asfaltadas se comparadas com pontos anteriores do trajeto, conforme podemos observar na ilustração dos efeitos visuais da *Estação 04* em Figura 47.

FIGURA 47

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 04*.

Legenda:	
●	Estação
□	Detalhe
∠	Ângulo de visão
■	Destaque
T	Visual fechada
⌵	Amplidão
!	Realce



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

### *Estação 05*

Seguindo o roteiro, a quinta *Estação* escolhida fica no cruzamento entre a Rua Primeiro de Março e Rua do Ouvidor (FIGURA 48).

FIGURA 48

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 05*

Legenda:	
●	Estação
□	Detalhe
∠	Ângulo de visão
■	Destaque
⊘	Impedimento
≈	Direcionamento
!	Realce



Impedimento na Rua do Ouvidor.







Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Observamos o efeito perspectivo de impedimento no campo visual da lateral direita, devido à presença da Perimetral e do prédio de trás – sem uma linguagem

arquitetônica definida, o que impede os campos visuais. Já na lateral esquerda, observamos o efeito de direcionamento, e no campo frontal o efeito de realce, conforme esclarece a Figura 49.

FIGURA 49

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Direcionamento</b></p> 	<p><b>Realce</b></p> 	<p><b>Impedimento</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Na Rua Primeiro de Março, do lado direito, no sentido em que se desenvolve o percurso, percebemos sobrados coloniais mal conservados e prédios históricos que, apesar de estarem localizados entre edificações contemporâneas, encontram seus alinhamentos respeitados e, se comparados aos volumes das edificações mais recentes, não possuem diferenças de altura que provoquem o confinamento dos antigos edifícios.


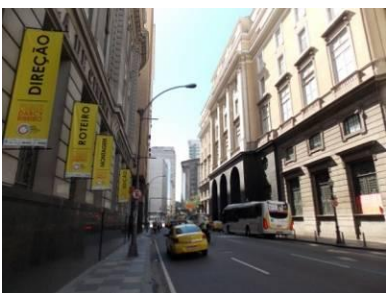
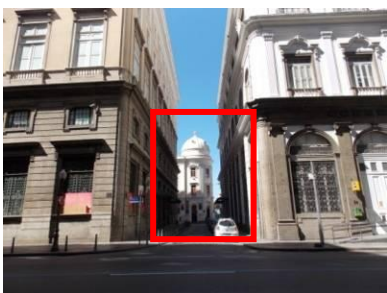
Outro ponto de destaque está na Rua do Ouvidor, onde ocorre variação de cores e materiais, como cimento, gnaisse facoidal, gradil em ferro, cerâmica, mármore, gesso e vidro. Nas calçadas, temos a rugosidade da pedra portuguesa em contraponto ao aspecto mais liso do asfalto da rua, além da rusticidade da pedra em contraste com a aparência lisa do esboço das paredes. É comum a concentração de pessoas nos restaurantes, que é um dos usos dominantes no local, além de lojas e edifícios institucionais.

**Estação 06**

A *Estação 06* localiza-se na esquina entre a Rua Primeiro de Março e a Travessa Tocantins. Nesse ponto, podemos apreender os efeitos de visuais: fechado no campo lateral esquerdo, impedimento no campo frontal e emolduramento e impedimento no campo lateral direito, conforme a Figura 50.

FIGURA 50

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Visual Fechada</b></p> <p><b>T</b></p>	<p><b>Impedimento</b></p> <p><b>≠</b></p>	<p><b>Emoldulamento/Impedimento</b></p> <p><b>≠</b></p>
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

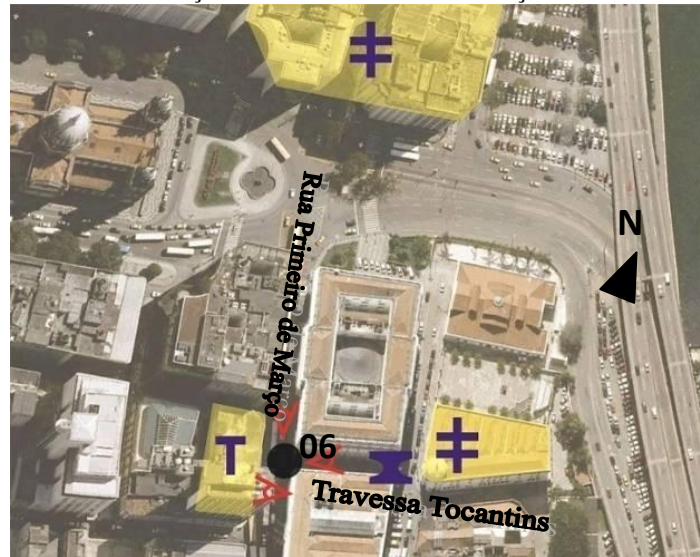
Ademais, encontramos no local materiais e texturas semelhantes ao da *Estação* anterior. Outrossim, verificamos que a maioria dos prédios dessa *Estação* ocupam a quadra toda e possuem escalas e gabaritos semelhantes.

É possível ainda constatar que as vias são mais largas (FIGURA 51), com fluxo de veículos intenso, e no horário da visita<sup>59</sup> o local estava com pouca circulação de pedestres.

<sup>59</sup> Primeira visita foi realizada em um sábado, no dia 14 de setembro de 2013, às 10 horas da manhã.



FIGURA 51

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 06*.

Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Nesse ponto da análise do trajeto, propomos a retomada do texto de Rachel Jardim (1991), tratado no item 3.1.1 desse capítulo. A autora faz menção a essa fatia do percurso, salientando o antigo Tribunal Regional Eleitoral, que hoje abriga o Centro Cultural da mesma instituição e foi registrado pela autora da atual pesquisa como realce na *Estação 05*. Além disso, Jardim aponta a cúpula do Centro Cultural dos Correios, na Travessa Tocantins, como protagonista, o que também foi verificado na avaliação dos efeitos da *Estação 06*, como elucidamos na citação da autora abaixo:

Caminho em direção aos prédios monumentais: o do Tribunal Regional Eleitoral, exibindo o rosado raro do seu mármore, o dos Correios e Telégrafos e o do Banco do Brasil de construção mais recente. Entre eles, aos fundos da Travessa Tocantins, uma cúpula ocre e uma torre distantes surpreendem a vista. (JARDIM, 1991, s.p.)

### ***Estação 07***

Ao nos aproximarmos da Praça Pio XI, é nítido o efeito topoceptivo de amplidão, que proporciona a sensação de céu maior em comparação aos outros locais antes visitados, conforme podemos perceber na Figura 52.

FIGURA 52

Rua Primeiro de Março em direção à Av. Presidente Vargas - chegada à Praça Pio XI.



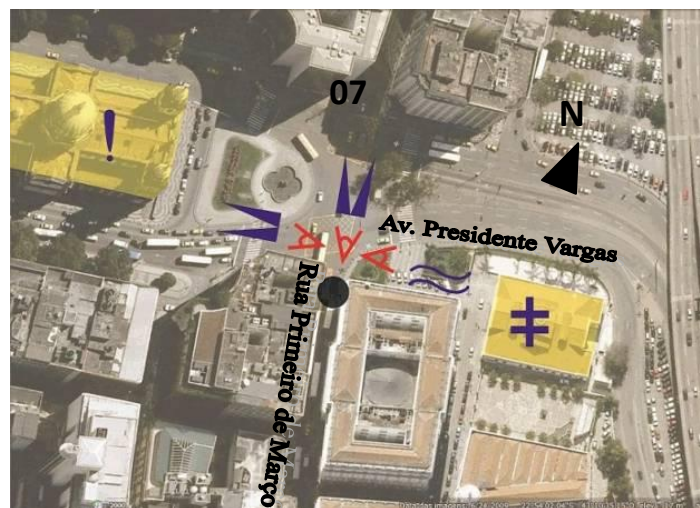
Fonte: Acervo Aline Mendes.

A partir desse local, ressaltamos um sistema viário com grandes vias asfaltadas, deixando claro o contraste entre as ruas contidas, anteriormente analisadas, e as amplas que presenciamos nesse momento (FIGURA 53). Também é possível avistar a convivência entre *arranha-céus* modernos e prédios históricos, formando um limite claro entre a ponta da área da Praça XV pertencente ao Corredor Cultural e a Avenida Presidente Vargas.

FIGURA 53

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 07*.

Legenda:	
●	Estação
□	Detalhe
△	Ângulo de visão
■	Destaque
⊞	Impedimento
≈	Direcionamento
!	Realce
∟	Amplid









Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

De importante destaque nessa *Estação*, além do efeito de amplidão no campo visual frontal, são os efeitos de amplidão e realce na cena lateral direita e direcionamento e impedimento na lateral esquerda, conforme observamos na Figura 54.

FIGURA 54

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Amplidão/Realce</b></p> 	<p><b>Amplidão</b></p> 	<p><b>Direcionamento/Impedimento</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Ainda nesse ponto, notamos nos edifícios características marcantes, como pilares, galerias e vidro. Tais elementos, característicos da arquitetura moderna, estão em contraste com a Igreja da Candelária, que se mantém isolada e em posição de destaque.

Contribuindo para essa análise, Rachel Jardim (1991) assinala, na descrição de seu roteiro, sua sensação ao chegar na Praça Pio XI, como veremos na citação abaixo:

Finalmente, na Praça Pio XI, a Igreja da Candelária. A abertura da Avenida Presidente Vargas, em 1940, privou-a da companhia dos velhos sobrados seus parentes, mas ela consegue manter sua dignidade e sobrepôr-se com sua pompa eclética aos enormes edifícios circundantes e ao Viaduto da Perimetral, como uma duquesa da Revolução Francesa indo para o cadafalso. (JARDIM, 1991, s.p.)

### **Estação 08**

A oitava *Estação* corresponde a um ponto onde é possível avistar quatro instituições de uso cultural. Assim, temos a sensação de que a Rua Visconde de Itaboraí possui em sua ambiência uma predominância de usos destinados a essas atividades, permeados por locais que usufruem dessa característica, como é o caso de um restaurante anterior à próxima *Estação*, chamado Cais do Oriente, que reúne, além do seu uso principal, atividades artísticas, procurando agradar aos clientes que buscam esse

ambiente diferenciado em meio aos casarões antigos e centros culturais, conforme Figura 55.

FIGURA 55

Rua Visconde de Itaboraí. Dentro do retângulo vermelho em destaque fachada do Restaurante Cais do Oriente.



Fonte: Google Earth.

O local possui em sua configuração aspectos da transição entre a amplidão da Avenida Presidente Vargas e a diminuição dessa abertura ao penetrar nos recantos da Travessa do Comércio, conforme observamos na Figura 56.

FIGURA 56

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 08*.






Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Essa *Estação* possui o efeito de visual fechado em sua lateral esquerda, devido à presença do centro cultural Casa França-Brasil; o efeito de impedimento no campo visual frontal, pela visualização de parte do Centro Cultural do Tribunal Regional Eleitoral, no final da Rua Visconde de Itaboraí; e no campo visual lateral direito fica Universidade Federal do Rio de Janeiro | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

evidente o realce provocado pela vista da Igreja da Candelária, conforme notamos na Figura 57.

FIGURA 57

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Visual Fechada</b></p> <p><b>T</b></p>	<p><b>Impedimento</b></p> <p><b>≠</b></p>	<p><b>Amplidão/Realce</b></p> <p><b>! M</b></p>
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>








Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

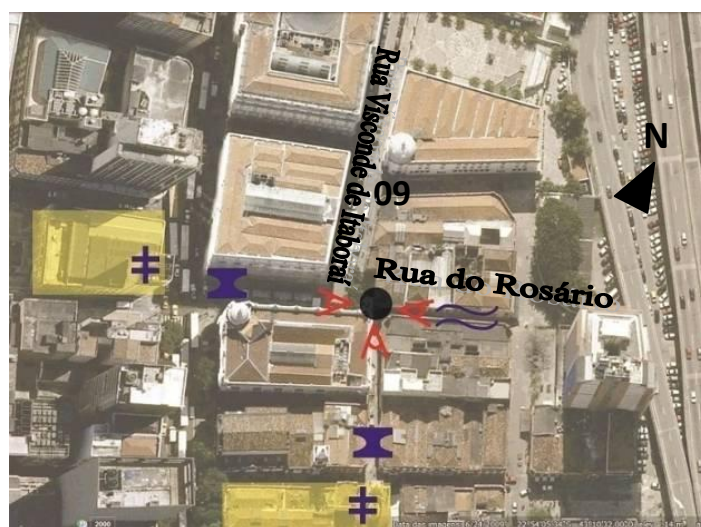
### Estação 09

A próxima *Estação* foi estabelecida na esquina entre as ruas do Rosário e Visconde de Itaboraí (FIGURA 58).

FIGURA 58

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 09*.

Legenda:	
	Estação
	Detalhe
	Ângulo de visão
	Destaque
	Impedimento
	Emolduramento
	Direcionamento









Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Nesse trecho, ressaltamos o efeito perspectivo de emolduramento e impedimento no campo visual frontal, em consequência de vias com desenho em "S" e da posição da igreja no fim da rua. Já no campo visual lateral direito, notamos os efeitos de emolduramento e impedimento. No campo visual lateral esquerdo, observamos direcionamento, conforme pode ser visualizado na Figura 59.

FIGURA 59

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Direcionamento</b></p> 	<p><b>Emolduramento/Impedimento</b></p> 	<p><b>Emolduramento/Impedimento</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

As texturas encontradas no local variam em decorrência de materiais como pintura em cal, gnaisse facoidal, gesso, azulejos, gradil em ferro, cerâmica e madeira. Verificamos maior uniformidade pela semelhança entre gabaritos e alinhamentos prediais, além de vias com fluxo prioritário para pedestres, atendendo à grande concentração de turistas, sendo que os usos são em sua maioria de restaurantes e centros culturais.

Em seu roteiro, a autora Rachel Jardim (1991) interpreta esse local, explorando sua diversidade de texturas, traçados, escalas, além da importância como trecho mais antigo da cidade do Rio de Janeiro, conforme veremos na citação a seguir:

A Rua Visconde de Itaboraí, em que estou agora, mostra os fundos grandiosos do Tribunal Eleitoral e, como que para atenuar toda essa pomposidade, uma série de delicados sobradinhos coloridos onde duas casas iguais, pitadas de cores diferentes, ostentam nas cimalthas, guirlandas de minúsculas flores. [...] A visão da Rua do Rosário mostra um dos trechos mais velhos do Rio, com ruas, becos e travessas cujo traçado remonta ao início do século XVII. Vou penetrar os mais recônditos e antigos segredos desta cidade que ainda não

consegui esgotar, apesar de minha atenção em perscrutá-la. (JARDIM, 1991, s.p.)

Em uma segunda visita ao local<sup>60</sup>, ao observá-lo com mais cuidado, percebemos diferenças não só na utilização, como também na configuração. Notamos ângulos, recantos e a condução das vielas a espaços de encontro e fruição, como é possível notar na Figura 60.

Já não mais tão movimentado como no sábado à tarde, esse espaço parece mais um local de passagem, embora guarde características que propiciam a permanência e apreciação.

FIGURA 60

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.



Fonte: Acervo Aline Mendes.

### ***Estação 10***








Na décima *Estação* ocorre concentração de usuários locais e turistas, além de pessoas que saem do trabalho para uma *happy hour* no local, em busca de comida, bebida e música de qualidade.

Esse ponto de estudo localiza-se na Travessa do Comércio, esquina com Rua do Ouvidor, conforme apresentado na Figura 61. Os usos dos imóveis são mais diversificados do que nos pontos estudados anteriormente, variando entre barbearia, livrarias, cafeterias, bares, restaurantes, escolas de dança e academia.

<sup>60</sup> Segunda visita foi realizada em uma terça-feira, no dia 17 de setembro, às 10 horas da manhã.

FIGURA 61

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 10*.

Legenda:	
	Estação
	Detalhe
	Ângulo de visão
	Destaque
	Impedimento
	Emolduramento
	Realce









Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Destacamos os efeitos perspectivos de impedimento e emolduramento no campo visual frontal, além de realce no campo visual lateral direito e impedimento no campo visual lateral esquerdo, conforme apresentado na Figura 62.

FIGURA 62

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Impedimento</b></p> 	<p><b>Emolduramento/Impedimento</b></p> 	<p><b>Realce</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

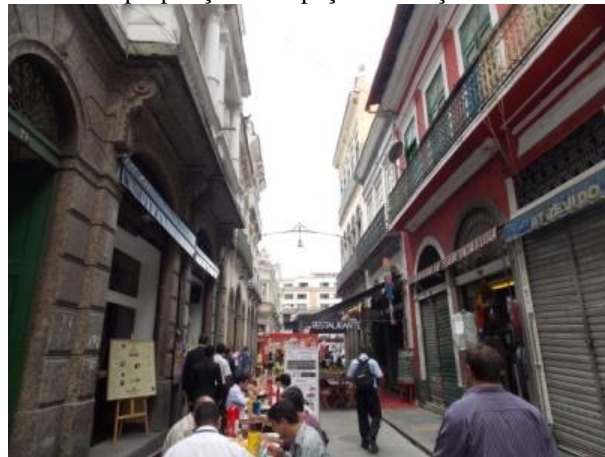
Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.



Na segunda vez que fomos à *Estação*<sup>61</sup>, a música e o movimento de pessoas foram percebidos de forma mais intensa que na primeira visita.<sup>62</sup> Avaliamos que esse é o segundo local mais frequentado no trajeto nesse dia da semana, conforme se pode notar na Figura 63, perdendo apenas para o Arco do Teles, que poderia ser considerado o prolongamento desse espaço, por sua proximidade.

Nesse dia, aproveitamos para percorrer o ambiente e conhecer melhor os recantos e os usuários. Encontramos barbearia, livrarias, cafeterias, bares, restaurantes, escolas de dança e academia. A maioria dos usos é mista, tendo uma função principal e uma secundária no mesmo estabelecimento, o que dá certo charme ao ponto e oferece mais conforto aos frequentadores, já que, ao se deslocar a uma livraria, o cliente pode, além de comprar um livro, ler e tomar um café.

FIGURA 63

Apropriação do espaço na *Estação 10*.

Fonte: Acervo Aline Mendes.

### ***Estação 11***

Ao final da passagem pela Travessa do Comércio, chegamos ao Arco do Teles, que serve como limite entre aquela e o Largo do Paço, onde se localiza a próxima *Estação* (FIGURA 64).

---

<sup>61</sup> Segunda visita foi realizada em uma terça-feira, no dia 17 de setembro as 10 horas da manhã.

<sup>62</sup> Primeira visita foi realizada em um sábado, no dia 14 de setembro as 10 horas da manhã.

FIGURA 64

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 11*.



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Nesse local, ocorre o efeito topológico de envolvimento no campo visual frontal, conforme pode ser visto na Figura 65.

FIGURA 65

Arco do Teles.

**Envolvimento**



Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Há também a sensação de confinamento em função do contraste entre o Arco do Teles e os prédios mais altos do entorno, como podemos observar na Figura 66.

FIGURA 66

Croqui - Beco dos Barbeiros.



Fonte: Croqui de Aline Mendes.

Dos materiais encontrados nesse local, enfatizamos o gnaisse facoidal, gesso, gradil em ferro e madeira, que decoram as paredes externas e imprimem uma característica de *sala de visitas ao ar livre*, expressão utilizada por Holston (1993). Igualmente observamos as vias que se apresentam estreitas, somente para pedestres e com seu traçado original.

O arco localizado nesse recanto é um monumento que expressa a influência portuguesa na cidade do Rio de Janeiro e o que restou da antiga residência da família Teles de Menezes, que veio de Portugal após o incêndio de Lisboa em 1790. Quando construído, era utilizado para comunicar a antiga Praça do Carmo (atual Praça XV) e a antiga Rua da Cruz (atual Rua do Ouvidor). Atualmente funciona como ponto de encontro e é reconhecido pelos boêmios e apreciadores do *happy hour*.

Em nossa segunda visita<sup>63</sup>, percebemos com maior atenção a lógica de fenestração das aberturas, a homogeneidade dos gabaritos e alturas dos sobrados, os rendilhados dos gradis em ferro das sacadas, os estuques e cantarias trabalhadas. Tudo isso colaborando

<sup>63</sup> Segunda visita foi realizada em uma terça-feira, no dia 17 de setembro, às 10 horas da manhã.

para a recriação de um momento da história dentro do nosso presente cotidiano, conforme mostra a Figura 67.

FIGURA 67

Sobrados Arco do Teles.



Fonte: Acervo Aline Mendes.

### *Estação 12*

A próxima *Estação* selecionada encontra-se no Largo do Paço, em um ponto no qual, ao sair do Arco do Teles, temos sensação de amplidão (FIGURA 68).

FIGURA 68

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 11*.



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.




Destacamos como frequentadora do local, no dia e horário da visita, a “tribo” da capoeira, que se reúne nas tardes de sábado para jogar ao lado da estátua do General Osório, que está posicionada no centro do largo. Esses usuários se misturam com os

transeuntes, frequentadores da feira da Perimetral e skatistas que utilizam a pista localizada ao lado do Paço Imperial.

Nessa *Estação*, apontamos efeitos visuais de impedimento em nossa lateral esquerda, amplidão no campo frontal e impedimento e realce no campo visual lateral direito, conforme assinalamos na Figura 69.

FIGURA 69

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Impedimento</b></p> <p>≠</p>	<p><b>Amplidão</b></p> <p>M</p>	<p><b>Impedimento/Realce</b></p> <p>≠ !</p>
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Para facilitar a apreensão da amplitude do espaço, em segunda visita<sup>64</sup>, optamos pelo desenvolvimento de panorâmicas, que nos permitem a reconstrução da cena mais próxima da realidade presencial, como mostra a Figura 70.

FIGURA 70

Largo do Paço



Fonte: Panorâmica desenvolvida por Aline Mendes.

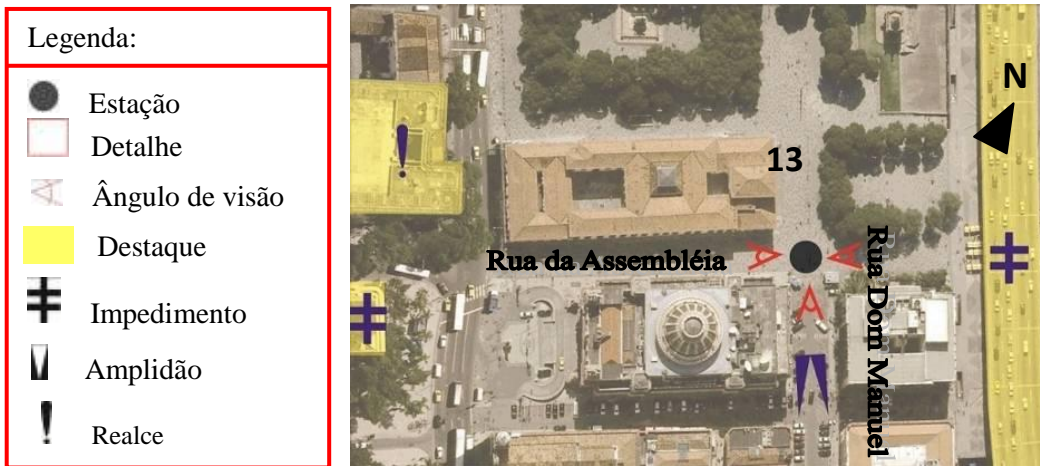
<sup>64</sup> Segunda visita foi realizada em uma terça-feira, no dia 17 de setembro as 10 horas da manhã.

### Estação 13

No ponto que faz esquina entre a Rua Dom Manuel e a Rua da Assembleia, marcamos nosso penúltimo momento com registros perceptivos, como salientamos na Figura 71.

FIGURA 71

Ilustração dos efeitos visuais da Estação 13.









Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Essa Estação se caracteriza pela amplitude. A configuração se estabelece pela disposição dos prédios, que estão mais afastados entre si, conforme podemos observar na Figura 72.

FIGURA 72

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito

<b>Impedimento</b> 	<b>Amplidão</b> 	<b>Impedimento/Realce</b> 
		
<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>

Fonte: Imagem esquemática desenvolvida por Aline Mendes.

Além disso, nesse trecho as alturas e os gabaritos dos prédios são semelhantes, e ocorre a convivência de edifícios de diferentes períodos da história. Como exemplo disso, observamos a configuração das linguagens e dos materiais utilizados, como granito e vidro na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), com linguagem mais contemporânea, em contraponto com as colunas e afrescos do eclético Palácio Tiradentes.

Outro aspecto de importante destaque é a utilização desse ponto de estudo, que tem seu espaço apropriado pela “tribo” do skate e pelo público da feira localizada embaixo da Perimetral, no dia e hora em que foi realizada a primeira visita<sup>65</sup>.

Já em uma segunda visita<sup>66</sup>, percebemos que o movimento no local segue intenso, porém não mais sendo utilizado para lazer, e sim como passagem para chegar ao trabalho, conforme notamos na Figura 73.

FIGURA 73

*Estação 13, esquina entre Rua Dom Manuel e a Rua da Assembleia.*



Fonte: Panorâmica desenvolvida por Aline Mendes.

### ***Estação 14***

Finalmente, estabelecemos a última *Estação* de estudo, que se encontra no cruzamento entre a Rua Dom Manuel e Avenida Erasmo Braga (FIGURA 74).

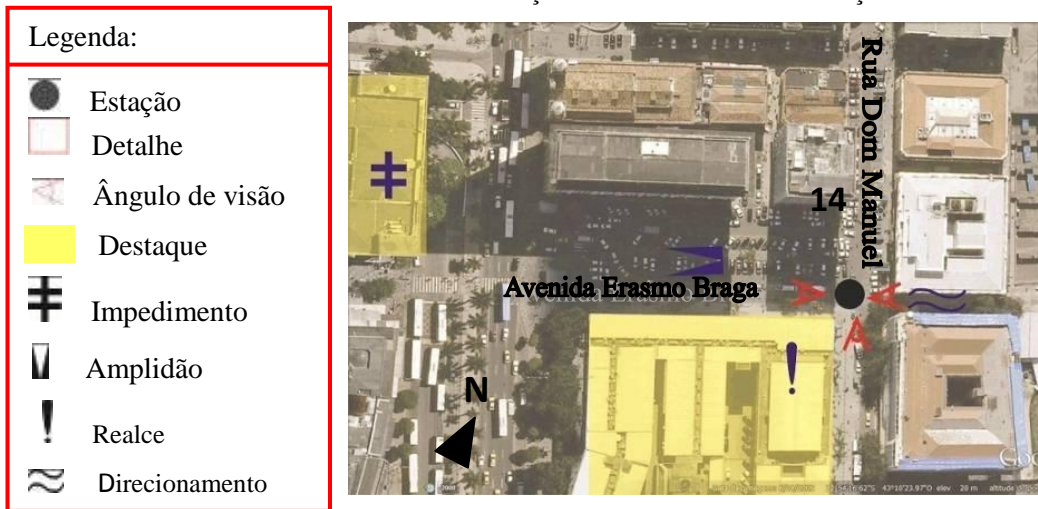
---

<sup>65</sup> Primeira visita, realizada em um sábado, no dia 14 de setembro de 2013, às 10 horas da manhã.

<sup>66</sup> Segunda visita, realizada em um sábado, no dia 17 de setembro de 2013, às 10 horas da manhã.

FIGURA 74

Ilustração dos efeitos visuais da *Estação 14*.



Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

Notamos no local a diminuição brusca no fluxo de pessoas, o que dá à *Estação 14* a impressão de insegurança no primeiro dia do trajeto<sup>67</sup>.

Porém, em segunda visita<sup>68</sup>, a circulação de pedestres e veículos era maior que na visita anterior, devido ao movimento proveniente do embarque e desembarque de passageiros das barcas da Praça XV – Rio de Janeiro/Niterói – e do funcionamento das instituições próximas, como é o caso do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, conforme a Figura 75.

FIGURA 75

*Estação 14*, esquina entre Rua Dom Manuel e a Avenida Erasmo Braga.



Fonte: Panorâmica desenvolvida por Aline Mendes.

<sup>67</sup> Primeira visita, realizada em um sábado, no dia 14 de setembro de 2013, as 10 horas da manhã.







<sup>68</sup> Segunda visita, realizada em um sábado, no dia 17 de setembro de 2013, as 10 horas da manhã.



Conforme a Figura 76, podemos destacar o efeito perspectivo de direcionamento no campo visual lateral esquerdo, realce no campo visual frontal – pela presença de um prédio de grandes dimensões com tipologia contemporânea – e amplitude e impedimento no campo visual lateral direito.

FIGURA 76

A) Campo visual lateral esquerdo; B) Campo visual Frontal; C) Campo visual lateral direito.

<p><b>Direcionamento</b></p> 	<p><b>Realce</b></p> 	<p><b>Amplidão/Impedimento</b></p> 
		
<p><b>A</b></p>	<p><b>B</b></p>	<p><b>C</b></p>

Fonte: Colagem desenvolvida por Aline Mendes.

O prédio percebido na cena frontal, como notamos na Figura 77, possui materiais como vidro, granito, pastilhas, além de *brises* que ajudam a compor a linguagem do edifício em contraposição aos demais prédios do entorno, a maioria neoclássica e eclética, já apontados pela autora Rachel Jardim em seu roteiro (op. cit):

Encaminho-me à Rua Dom Manuel, onde a paisagem neoclássica e eclética é representada nos três prédios imponentes à esquerda. O primeiro deles abriga um pequeno Museu Naval onde vi expostas, entre protetoras e assustadoras, as carrancas dos barcos de São Francisco. (JARDIM, 1991, s.p.)

FIGURA 77

Vista frontal *Estação 14*.

Fonte: Croqui de Aline Mendes.

### 3.3 Aos olhos do usuário

Nessa parte do capítulo, iremos relatar a leitura desenvolvida com base no levantamento junto ao usuário local. Acreditamos que ele pode interferir na formação e transformação da paisagem, tornando-se assim parte importante da análise, ao relatar suas vivências e apontar suas aspirações por mudanças no espaço, bem como o modo como a configuração deste é apreendida auxiliando na construção de um lugar capaz de aproximar ou afastar o visitante.

Assim, para que a análise se torne mais completa, iremos aplicar parte da metodologia direcionada ao usuário<sup>69</sup>, para que ele possa contribuir para este estudo com sua história e sua participação na formação desse espaço de análise.

Em nossas visitas, pudemos vivenciar diferentes apreensões indo ao mesmo local em diversas horas do dia. O espaço muda conforme a hora do dia, a quantidade de pessoas e o tipo de uso que se faz do local. Utilizamos como exemplo a Estação 01, que visitamos em um sábado, dia 14 de setembro de 2013, às 10 horas da manhã e terça-feira, dia 17 de setembro de 2013, no mesmo horário. Só variamos o dia da semana e notamos que, devido à quantidade de pessoas e barracas de ambulantes que encontramos na terça-feira, a percepção espacial era de um local barulhento e apertado, diferentemente de sábado, quando a sensação era de tranquilidade e amplitude.

---

<sup>69</sup> Quando dizemos que os usuários podem modificar o espaço nos referimos a aqueles responsáveis por interferências sazonais, que acontecem em determinada hora do dia e/ou dia da semana, como é o caso dos capoeiristas, skatistas e feirantes.

Segundo Milton Santos (1988), as mutações das paisagens podem ser estruturais ou funcionais. Estruturais quando ocorrem mudanças de formas, e funcionais quando ocorrem variações de função de um determinado espaço, como podemos notar na citação abaixo:

[...]A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Dentro da cidade e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. (SANTOS, 1988, pg. 24)

Portanto, como já mencionamos no Capítulo 1, no item *Instrumentos produzidos para a pesquisa*, optamos por fazer as entrevistas, assim como o *Levantamento Topoceptivo*, em dias diferentes (durante a semana e nos sábados). Os dias escolhidos para as entrevistas foram os seguintes: terça-feira, 10 de dezembro de 2013; sexta-feira, 13 de dezembro de 2013; sábado, 14 de dezembro de 2013; sábado, 21 de dezembro de 2014; e sábado, 4 de janeiro de 2014.

Para a realização dessa parte da pesquisa, foram escolhidos dois usuários em cada *Estação* e aplicadas entrevistas semiestruturadas e mapas mentais<sup>70</sup> com o auxílio do pesquisador. Com esses resultados, esperamos ter uma visão complementar e ampliar os subsídios para a análise, não se limitando apenas a um tipo de apreensão do espaço.

Santos (1988) destaca ainda a importância da cognição nesse processo de apreensão, ressaltando que "A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada" (SANTOS, 1988, pg. 22). Assim, segundo o autor, nosso papel seria ultrapassar a aparência, ou seja o aspecto físico do lugar, e buscar decifrar o significado por trás do aspecto da paisagem.

É importante salientar que não pretendemos aqui dar um diagnóstico aprofundado e preciso da utilização e apreensão do espaço pelo usuário, mas sim, aplicar de forma sintética (dois mapas mentais por estação) a metodologia do mapa mental, adaptado às necessidades de nossa pesquisa<sup>71</sup>, para que, a partir dos dados coletados, tenhamos uma

---

<sup>70</sup> Mapa mental complementado por algumas perguntas, ver ANEXO II. Este questionário, foi desenvolvido baseado no *QUESTIONÁRIO BÁSICO PARA ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA* apresentado por Denise Alcântara (2008) com pequenas adaptações para a nossa pesquisa.

<sup>71</sup> Procuramos diminuir ao máximo o número de perguntas, deixando somente as que achamos indispensáveis para a nossa análise. Substituímos a questão *O que você acha desse lugar?* - encontrada no questionário apresentado por Denise Alcântara (2008) - por *Como você se sente neste lugar?* Optamos por substituir, na questão 5, *elementos que lembrem esse lugar* - Denise Alcântara (2008) - por *elementos que identifiquem este lugar*, com o intuito de direcionar o usuário a pensar sobre sua identificação com o espaço e retirar a questão 4 que abordava identidade. Retiramos a questão 7- Denise Alcântara (2008) -

pequena amostra e, portanto uma noção, da assimilação desse espaço pelas pessoas que se apropriam dele.

As pessoas entrevistadas possuem entre 18 e 65 anos de idade, sendo em sua grande maioria trabalhadores, com nível de escolaridade variável e moradores de diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro, incluindo cidades próximas do Estado. Sendo assim, observamos que as entrevistas obtiveram abrangência por englobar diversos grupos socioeconômicos, como notamos nas Figuras 78, 79, 80 e 81<sup>72</sup>.

FIGURA 78

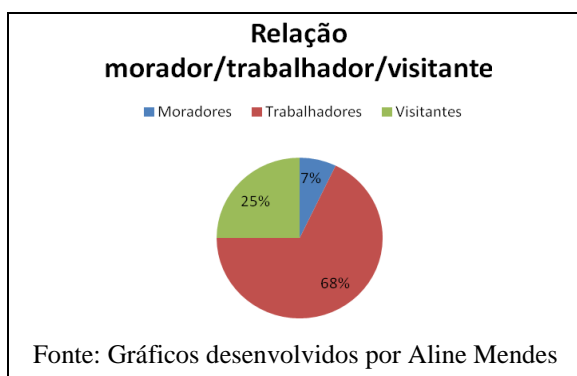


FIGURA 79

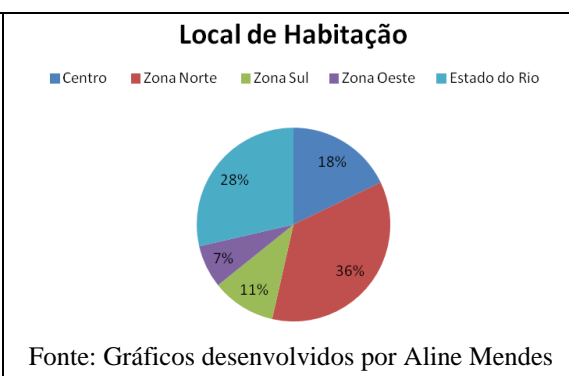


FIGURA 80

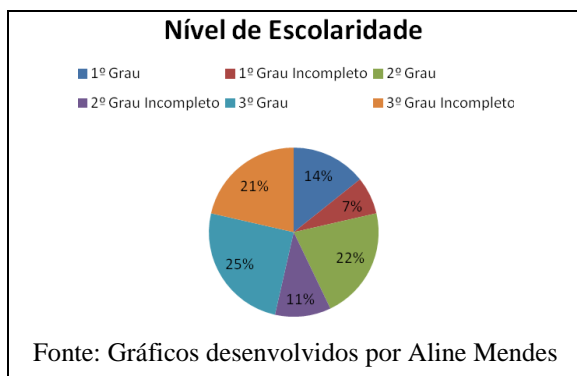
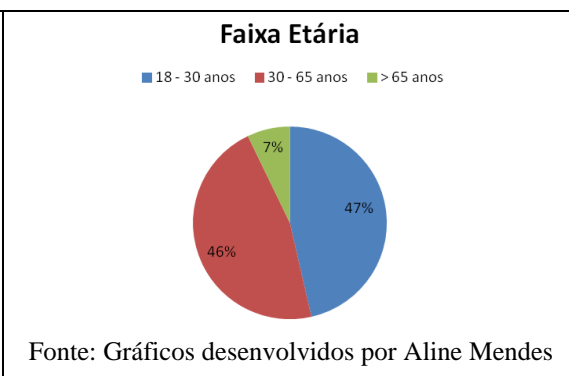


FIGURA 81



pois se referia ao que deveria ser modificado no lugar e acreditamos que com a questão 5. *Cite defeitos e qualidades deste lugar* já teríamos pistas sobre o que, na opinião do usuário, deveria ser modificado. Por fim retiramos a questão 12, 13, 14 e 15 - encontradas no questionário apresentado por Denise Alcântara (2008) - pois acreditamos que algumas foram contempladas de forma diluídas nas outras questões e outras se referiam a conhecimento sobre associações ou atividades comunitárias no centro, tema irrelevante para nossa pesquisa.

<sup>72</sup> Os títulos dos gráficos foram estabelecidos com base nos apresentados por Denise Alcântara (2008).  
 Universidade Federal do Rio de Janeiro | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

### 3.3.1 Procedimentos e limitações

A ideia inicial era a aplicação apenas do mapa mental com o mínimo de perguntas, para assim dinamizar o tempo de entrevista e o processo de transcrição e sistematização do material coletado.

Porém, com o estudo da metodologia do mapa mental e a aplicação de questionários-testes para auxílio do controle de tempo e seleção de pergunta para o questionário, percebemos que era crucial manter o mínimo de dez questões além do mapa mental propriamente dito.

Isso se justifica por termos encontrado grande relutância de parte dos entrevistados na hora de desenvolver os desenhos. Assim, as perguntas ajudaram a nortear e complementar aquilo que não foi transmitido pelos mapas mentais.

As perguntas feitas durante a entrevista seguiram a ordem apresentada no modelo de questionário (ANEXO II) e foram gravadas na íntegra, tendo como finalidade apreender o dito (linguagem verbal) e as exclamações, entonações, gestos, pausas, que cotem expressões não ditas (linguagem não verbal).

Todas as respostas foram transcritas para posterior identificação das *categorias* e análise das respostas de acordo com o método da *Análise de Conteúdo*, de Bardin (2009). Notamos que alguns usuários responderam às questões livremente, ultrapassando um pouco o tempo das entrevistas e citando vários aspectos que muitas vezes não puderam ser sistematizados nas *categorias*<sup>73</sup>, não entrando assim nos percentuais das análises, mas auxiliando, em alguns casos, na interpretação de algumas respostas.

#### **Pergunta 01.** Em que lugar nós estamos?

Os usuários entrevistados identificaram o local da abordagem como o centro da cidade do Rio de Janeiro em 46% das respostas, ficando em segundo lugar, com 25%, o nome da rua onde se encontravam, e em apenas 18% dos questionários os usuários indicaram a Praça XV. A minoria restante utilizou algum marco para apontar sua localização e proximidade, dentre eles o Paço Imperial, o Palácio Tiradentes e a Igreja de Candelária, conforme aponta E09–DS: "No Rio de Janeiro, Visconde de Itaboraí".

---

<sup>73</sup> Usaremos a palavra *Categorias*, neste caso, segundo o sentido atribuído por Bardin (2009), como sendo termos ou ideias que aparecem com frequência nos discursos.

**Pergunta 02.** Como você se sente neste lugar?

A segunda pergunta teve a intenção de investigar qual a sensação experimentada pelos usuários do *Polo Cultural Praça XV* ao estar nesse local. Notamos que as respostas são bem variadas, então as classificamos como positivas, neutras e negativas. As positivas variam entre ótimo, muito bem, alegre, feliz, entre outros atributos que caracterizam uma boa impressão do lugar, as quais somaram um total de 61% dos usuários, conforme aponta E07–DS: "Ah, eu gosto. É bem diferente do lugar que eu moro, acho que tem até um ar diferente da cultura assim... não sei, eu gosto de estar aqui, de andar por aqui".

As neutras correspondem a 14% das entrevistas, e se referem a respostas indiferentes, como por exemplo a de E01–FS: "Normal, nem bem, nem mal". Por último, as negativas somaram um total de 25%, e correspondem a sentimentos de pressa e insegurança, como aponta E05–DS: "Igual a uma barata tonta, na cidade só tem maluco! Ai desculpa, mas é mesmo. Só tem doido, e eu já tô ficando também!"

Encontramos o maior número de atribuições positivas no início e no final do trajeto. Destacamos as estações 02, 03, 04, 10, 13 e 14, onde as respostas foram somente positivas, e a estação 06, que se localiza praticamente no meio do percurso, em um ponto na Rua Primeiro de Março, onde o fluxo, tanto de carros quanto de pedestres, é bem intenso, o que a levou a receber somente respostas com caracterizações negativas, como notamos em E06–FS: "Com pressa" e E06–DS: "Meio confuso, questão de localização."

**Pergunta 03.** Qual a primeira palavra que vem a sua cabeça quando pensa neste lugar?

A terceira pergunta, conforme aponta Alcântara (2008, p. 144), se refere às "impressões ambientais" dos respondentes. A partir desse questionamento, obtivemos uma gama variada de respostas. Optamos por separá-las, da mesma forma que a pergunta 02, em positivas, neutras e negativas, e apontar as maiores ocorrências nos três casos.

Obtivemos 43% das respostas positivas, associadas à alegria, cultura, história e aos locais que os usuários costumam frequentar, como observamos em E02–DS: "Ah eu me sinto alegre, eu gosto daqui", e em E03–FS: "Democráticos. Gosto de um pagode!".

As respostas negativas aparecem em segundo lugar, somando 32% do total, e se relacionam à ideia de distancia, trânsito, perigo e preocupação, como notamos em E05–FS: "...falando daqui, eu penso mais em ter que ir trabalhar, pegar o trânsito pra ir e pra voltar. Você perde um pouco de qualidade de vida pra vir pro centro. Isso desanima um pouco".

Já as respostas que acusam neutralidade dos usuários correspondem a 25% do total, e derivam de respondentes que relacionam o lugar apenas ao seu local de trabalho.

**Pergunta 04.** Cite objetos ou elementos que em sua opinião identifiquem este lugar.

Considerando que as entrevistas foram feitas no local e que os usuários olhavam ao seu redor, buscando elementos para citar como resposta, sabemos que os elementos variaram conforme a mudança de estação, diminuindo assim a relevância das respostas para a presente pesquisa.

Porém, ainda assim, vale identificarmos alguns elementos recorrentes nas respostas, como, por exemplo, o Paço Imperial, que foi apontado em 21% das entrevistas. Como segundo elemento mais citado, obtivemos logradouros como Rua Primeiro de Março e Avenida Presidente Vargas, presentes em 18% das respostas, juntamente com o comércio, os edifícios históricos e as igrejas, sendo as mais mencionadas a Igreja da Candelária e a Igreja São José.

Em terceiro lugar temos os centros culturais: CCBB e Centro Cultural Casa-França Brasil, além do Palácio Tiradentes, que aparecem em 14% das entrevistas, como aponta E10–FS: "Objetos ou elementos? Ah! Tem o Arco do Teles aqui, Largo do Paço que é um centro histórico, tem a Casa França-Brasil, tem o Centro Cultural Banco do Brasil, tem muita coisa!"

Por último, destacamos a Bolsa de Valores e as Barcas, que foram citadas em 11% das entrevistas. São indicados ainda outros elementos, porém em menor reincidência. Optamos por não citá-los em função de sua baixa relevância.

**Pergunta 05.** Cite defeitos e qualidades deste lugar

Os respondentes apontaram vinte defeitos e dezenove qualidades diferentes no *Polo Cultural Praça XV*. Dentre os defeitos ou aspectos negativos, os mais citados foram a falta de segurança, aparecendo em 39% das respostas, e a grande quantidade de moradores de rua, com 32% de ocorrência. A sujeira aparece como grande incômodo

para os usuários, atingindo um número de 29% de indicações. Em seguida, estão os buracos nas calçadas, atingindo 21%, e o trânsito, apontado em 18% das respostas. Ocorreram outras reclamações com relação à falta de estacionamentos, pichações, esgoto, transporte e ruas apertadas, porém em incidência pouco significativa.

Já como aspectos positivos do local, em primeiro lugar temos o comércio, citado em 21% das respostas; na segunda posição temos o fácil acesso e a beleza do local, com 18% das ocorrências; o teor histórico do lugar, com 14% das atribuições; e a gastronomia, mencionada 11% das respostas.

Ocorreram outras atribuições referentes a aspectos positivos do *Polo Cultural Praça XV*, porém em índices menos significativos, classificando o local como um ambiente calmo, perto de igrejas e limpo.

**Pergunta 06.** Quais suas expectativas sobre este lugar?

Para sistematização dos dados coletados, dividimos as respostas em positivas (68%), neutras (21%) e negativas (11%). Das respostas positivas, 21% apontaram esperanças com relação a melhor conservação do patrimônio histórico, 16% acreditam que haverá melhorias na área de segurança e 11% esperam mais investimento do governo e melhorias na infraestrutura do *Polo Cultural Praça XV*, conforme aponta E07-FS: "Bom, eu espero que melhore a questão do policiamento, da criminalidade e que essa arquitetura, esses lugares sejam bem cuidados também, porque tem alguns que tão caindo aos pedaços, a prefeitura não liga pra eles e vão caindo aos poucos..."

Outros pontos são mencionados com menor incidência, como, por exemplo, o fim dos buracos nas calçadas, mais ordem no trabalho dos camelôs, fim dos protestos, melhor administração, melhor aparência do local, limpeza, revitalização e maior divulgação da cultura do país.

Como respostas negativas, obtivemos opiniões como a de E05-DS: "Só tá piorando em vez de melhorar..."; de E06-DS: "Piorar, a questão da Copa, os eventos que estão vindo..."; e a resposta de E12-FS: "Não acredito que venha sofrer grandes mudanças."



**Pergunta 07.** Você considera este lugar seguro? Por quê?

A maioria dos entrevistados, somando 61% das opiniões, respondeu que não considera o *Polo Cultural Praça XV* como um lugar seguro, alegando já terem sido assaltados no local ou saber de parentes e amigos que o foram.

Outros 28% dos usuários responderam de forma condicional, alegando que, a depender da hora ou do dia da semana, o local pode ser ou não seguro; e a minoria, somando 11%, respondeu que se sente segura.

**Pergunta 8 e 9** - Em que bairro você reside? O que vem fazer aqui?

Como as perguntas 8 e 9 são complementares e irão informar de onde vêm as pessoas que frequentam o *Polo Cultural Praça XV* e o que elas costumam fazer no local, optamos por analisá-las de forma conjunta.

Esse tópico expressa em forma de texto dois gráficos já apresentados. O gráfico da Figura 79 mostra que entre os respondentes 36% moram na Zona Norte, 28% no Estado do Rio de Janeiro, 18% no Centro, 11% na Zona Sul e 7% na Zona Oeste. Já no gráfico da Figura 78, notamos que de todos os respondentes 68% costumam ir ao local para trabalhar, 25% como visitantes e 7% são moradores.

Curiosamente não entrevistamos nenhum turista, o que nos fez concluir que havia pequena presença destes não sendo possível identifica-los nos dias das entrevistas, e que a maioria das pessoas que frequentam o lugar são trabalhadores e moram na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

**Pergunta 10** - Você sabe algo sobre o corredor cultural e sua contribuição para a revitalização desta área?

A intenção dessa pergunta era diagnosticar o quanto os usuários do local sabem sobre o papel do corredor cultural na revitalização do Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Notamos que a grande maioria, 71% dos entrevistados, respondeu nada saber ou saber muito pouco sobre o assunto; porém, esses últimos, na hora de explicar sobre o corredor cultural, emitiram um discurso confuso e certo desconhecimento do assunto.

O restante, representando 29% do total de entrevistados, respondeu que o que sabia era referente à revitalização do centro e a uma área de preservação, conforme

aponta o usuário E05–FS: "...o Corredor Cultural é essa parte aí, né? Praça XV, Arco do Teles, Av. Primeiro de Março, os Casarões, né? E aquela coisa toda que você não pode mexer na fachada, isenção de imposto, é tombado, né?"

Outros entrevistados o entendem como um espaço menor, formando um núcleo de prédios específicos, como E13–FS, que respondeu: "...E quanto ao Corredor Cultural, fantástico! Você tem num pequeno espaço, a Casa França-Brasil, o Centro Cultural dos Correios, Justiça Eleitoral, e principalmente, o Centro Cultural Banco do Brasil, é incrível, e pra finalizar, a Candelária. Então isso é imbatível! Esse pedaço daqui é imbatível."

### **Mapas Mentais**

Para a Classificação dos desenhos realizados pelos usuários separamos os mapas mentais em três categorias<sup>74</sup>: Simbólicos, Semi-estruturados e Estruturados. Os Simbólicos são os mapas que possuem ícones ou símbolos que identifiquem o lugar mas que não sejam necessariamente visíveis do ponto onde o usuário se localiza.

Os Semi-estruturados são desenhos que possuem algumas indicações de localização, porém não possuem imposição de limites do espaço e geralmente são compostos por poucos elementos. Já os Estruturados costumam ser mais complexos, com maior número de elementos e com demarcação de limites.

Dentro das quatorze estações estudadas, obtivemos um total de vinte e sete desenhos, já que realizamos duas entrevistas por estação e um dos usuários não desenvolveu o desenho.

Na tabulação dos resultados observamos que a maioria dos entrevistados, somando 59% do total, realizaram mapas mentais semi-estruturados, depois com 33% vieram os mapas simbólicos e por último com apenas 8% os mapas estruturados.

Para a nossa surpresa, do total de mapas simbólicos, observamos que nenhum morador apresentou mapa simbólico, 11% dos mapas foram desenvolvidos por visitantes e 89% realizados por trabalhadores, representando uma relação mais lúdica e afetiva por parte desses últimos usuários que passam por esse local, aparentemente, com desinteresse.

---

<sup>74</sup> Essa classificação foi atribuída por Vicente Del Rio em seu estudo vinculado à pesquisa *Desenho Urbano e Qualidade do Lugar* e encontramos no livro *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*.

Com relação aos semi-estruturados a maioria que realizou esse tipo de mapa foi os trabalhadores somando 62% do total, em segundo os visitantes somando 25% e por último os moradores, representando 13%. Os mapas estruturados, foram menos representativos e realizados por apenas dois usuários, sendo um trabalhador e um visitante.

Os elementos de maior incidência nos mapas foram nomes de ruas, igrejas, centros culturais e alguns marcos visuais. Podemos classificar os mapas em sua totalidade como de percurso, pois os usuários reconhecem as vias como estrutura principal apontando elementos ao redor que complementam e auxiliam a localização.

As ruas mais apontadas nos mapas foram Avenida Rio Branco, Rua da Quitanda, Rua Primeiro de Março, Igreja da Candelária, Rua São José, Travessa do Comércio, Rua do Ouvidor, Rua do Mercado, Avenida Presidente Vargas e Beco dos Barbeiros.

Como elementos obtiveram destaque centros culturais como CCBB, Centro Cultural dos Correios e Paço Imperial, igrejas como a Igreja dos Militares e a Igreja da Candelária e alguns marcos visuais como as Barcas, o Mergulhão, o Restaurante Gula Gula, a Praça XV e o Arco do Teles, conforme mostramos nos exemplos da Figura 82.

FIGURA 82

FIGURA 82a

Mapa Mental :Trabalhador  
Tipo Semi - Estruturado

FIGURA 82b

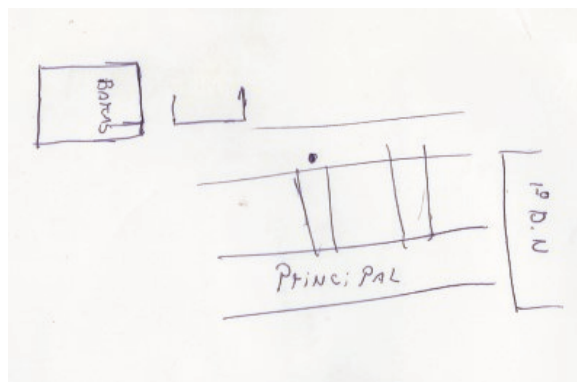
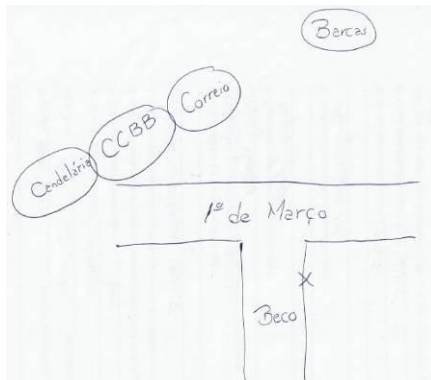
Mapa Mental :Visitante  
Tipo Semi - Estruturado

FIGURA 82c



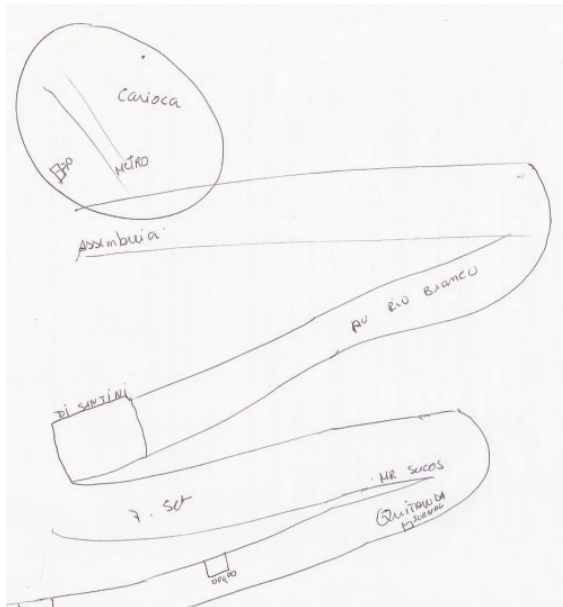
Mapa Mental :Trabalhador  
Tipo Semi - Estruturado

FIGURA 82d



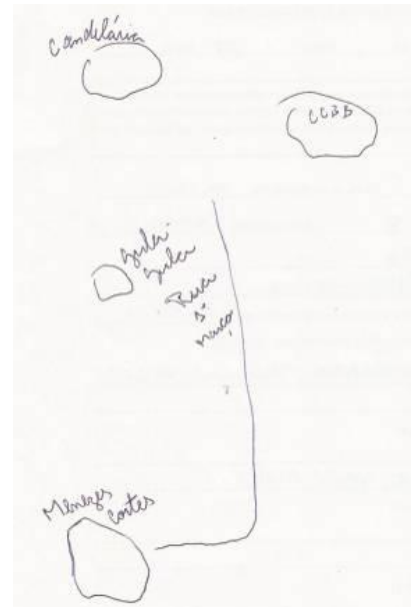
Mapa Mental :Trabalhador  
Tipo Simbólico

FIGURA 82e



Mapa Mental :Trabalhador  
Tipo Semi - Estruturado

FIGURA 82f



Mapa Mental :Visitante  
Tipo Semi - Estruturado

A partir da análise desse levantamento podemos retomar o conceito de *lugar* abordado por Christian Norberg-Schulz (2006) e concordar com seus apontamentos de que o lugar é mais do que uma localização abstrata e deve ser entendido como uma totalidade de coisas concretas que dão atmosfera e "qualidade ambiental" ao espaço .

### 3.4 Informações Inter relacionais

Após aplicação de todas as etapas da metodologia, foi possível a sistematização e análise do material registrado, tendo como finalidade a tentativa de articulação entre o roteiro da autora Rachel Jardim, o levantamento da *Técnica de Análise Sequencial*, as entrevistas semiestruturadas e os mapas mentais.

Dessa forma, nesse tópico, procuramos entrelaçar as três formas de apreensão estudadas na pesquisa: a da escritora, a do pesquisador e a do usuário, por meio da comparação dos dados e informações coletadas. A partir de pontos em comum, buscamos unificar a abordagem qualitativa e subjetiva através da trama dessa rede de significados.

Na realização de entrevistas semiestruturadas e mapas mentais com os usuários, acrescentamos ao nosso banco de informações: desejos, cenários para o futuro, inquietações e histórias, que contam um pouco sobre o sentido de pertencimento dessas pessoas ao lugar em estudo, de forma a nortear um diagnóstico sobre como essa configuração contribuiu para a aproximação, acolhimento e/ou repulsão e como os usuários contribuíram para a construção desse lugar.

Dividiremos aqui grupos de *categorias* (expressão já mencionada no item *Procedimentos e limitações* desse mesmo capítulo) e daremos título a cada assunto para pautar de forma organizada as temáticas mais marcantes encontradas no percurso de estudo, nas três apreensões: poética (escritora Rachel Jardim), técnica (profissional) e a do senso comum (usuário).

Cabe salientar que as categorias encontradas na tese de Denise Alcântara (2008) auxiliaram na atribuição das categorias que iremos desenvolver a seguir, uma vez que a autora utilizou a mesma metodologia de análise de conteúdo utilizada em nossa pesquisa e trabalhou com três recortes espaciais, sendo um deles a Praça XV.

Na análise dos temas abordados, notamos características similares, por se tratar de recortes espaciais parecidos; porém, algumas das categorias sofreram adaptações, e os resultados tiveram variações justamente pelas diferenças de metodologias aplicada.

### 3.4.1 Ambiências

A categoria intitulada *Acessibilidade e Permeabilidade*, na tese de Alcântara (2008), foi substituída em nossa pesquisa pelo título “Ambiências”, pois acreditamos que esse nome se aproxima mais do que foi encontrado no trajeto desenvolvido na pesquisa e expresso nos levantamentos.

Observamos locais com maior movimento de carros, pedestres, mais ruidosos, que podemos encontrar já no início do percurso, na estação 01 (na Rua São José). Depois, quando nos aproximamos do Beco dos Barbeiros, encontramos um lugar mais calmo e que, apesar de ainda movimentado, possui menos ruído e tráfego de veículos, o que se contrapõe novamente à ambiência que obtivemos depois de passarmos pelo Beco dos Barbeiros e chegarmos à Rua Primeiro de Março, que é de movimento e pressa.

Observamos que o caos urbano tratado acima é mencionado nas entrevistas, notado em algumas imagens do *levantamento topoceptivo* e ainda apontado pela autora Rachel Jardim (1991), conforme notamos na citação:

Todo esse caos urbano é uma moldura estranha para o prédio da antiga Praça do Comércio, construído por Grandjean de Montigny, quase arruinado, mas conservado intacto em sua beleza. (JARDIM, 1991, s.p.)

Após passarmos pela Rua Primeiro de Março e Avenida Presidente Vargas, acessamos a Rua Visconde de Itaboraí e logo após a Rua dos Mercadores. Nesse pequeno percurso, a ambiência mudou novamente, e tivemos a sensação de que estávamos em uma cidade diferente e em outro período da história. O caráter histórico desse pequeno trecho, que abarca do início da Rua dos Mercadores ao Arco do Teles, e a sensação de saudosismo experimentada por quem o frequenta são demonstrados pelos usuários nas entrevistas e apontados por Rachel Jardim, como notamos a seguir:

Fachadas do azulejo mais puro, luminárias em arco, gradis, cantarias, postes de ferro fundido, vão nos conduzindo a épocas diversas com a precisão de uma fuga de Bach. (JARDIM, 1991, s.p.)

### 3.4.2 Proximidades e centralidades

Notamos que Rachel Jardim (1991) fala um pouco das características comerciais do local e da variedade de ofertas e tipos de comércio que podemos encontrar no percurso do seu roteiro na Praça XV. Essa característica de proximidade do centro, que

oferece variedade de comércio, gastronomia e transporte, é percebida no *levantamento topoceptivo* e é mencionada como qualidade nas entrevistas com os usuários, conforme notamos na citação abaixo:

[...]Tanto a Travessa Tocantins como a Rua do Ouvidor é um ponto da gastronomia que vai muito bem, obrigada... e é próximo de tudo. Nós temos barcas, mergulhão, tem a Primeiro de Março, perto do metrô... é um centro que tem tudo. Nos temos tudo aqui. (respondente E13, 13/12/2013)

Outro aspecto relevante é a facilidade de acesso. Com transportes variados, o local pode ser visitado com alguma facilidade por pessoas de qualquer parte da cidade do Rio de Janeiro. Apesar da reclamação sobre o tempo desperdiçado no trânsito, os usuários apontam que existe fácil acesso ao transporte coletivo, o que possibilita e impulsiona visitas ao local.

### 3.4.3 Barreiras físicas e psicológicas

São apontadas barreiras visuais como o Elevado da Perimetral e o mergulhão no *levantamento topoceptivo*, no roteiro de Rachel Jardim (1991) e nas entrevistas, conforme aponta o usuário E13–DS: "Charme, requinte... Paço Imperial, ALERJ, viaduto aqui, mergulhão", respondendo à pergunta sobre o que em sua opinião identificava a Praça XV.

Porém, a barreira mais apontada nas entrevistas não é visível, e podemos considerá-la como de origem psicológica. Essa refere-se ao medo e à sensação de insegurança atribuídos à grande quantidade de moradores de rua, o que acaba interferindo na locomoção dos usuários e na escolha de horários e dias da semana mais seguros para o uso do espaço, conforme apontam E09–FS: "[...] depois de cinco horas já tá... Tá tomado pela... Como a gente fala? Por essas pessoas... Meninos de rua, que cheiram, fumam... Isso é complicado, entendeu? [...]"; e E13–FS: "Aqui é um lugar que tem muitos moradores de rua, principalmente onde nós vamos passar agora. Viaduto da Perimetral e Chafariz do Mestre Valentim”.

### 3.4.4 Ambiguidades

Observamos que a ambiguidade se apresenta no discurso dos usuários que se sentem inseguros, principalmente na área da Praça XV e proximidades do Elevado da Perimetral, reclamam do caos, mas ao mesmo tempo demonstram apreço e reconhecem o grande significado histórico do local.

Observamos também, no *levantamento topoceptivo*, que em alguns momentos do percurso existiam pontos com diferenças de altura entre prédios, fato que rompe com as linhas de coroamento das quadras. Em alguns casos, a diferença entre as escalas das edificações, algumas monumentais em contraposição a outras mais modernas, causa impacto na paisagem histórica. Um exemplo disso seria a torre da Universidade Cândido Mendes inserida no miolo do antigo Convento do Carmo.

### 3.4.5 Experiência Ambiental

Entre as qualidades atribuídas ao espaço, obtivemos a maioria delas relacionando o lugar a beleza e a história. Também notamos que, ao responder como se sentiam no local, os usuários também associaram a Praça XV e seu entorno à tranquilidade e ao bem estar.

Porém, observamos que existe pouco conhecimento a respeito do que tem sido feito em termos de revitalização do espaço. A maioria dos respondentes acredita que o local ainda necessita de maiores cuidados da prefeitura, além de investimento em cultura e conservação do patrimônio histórico.

### 3.4.6 Dualidades

Nesse item, foram apontados "aspectos duais" (ALCÂNTARA, 2008, p. 215) representativos nas entrevistas e/ou no *levantamento topoceptivo* e ou no Roteiro da escritora Rachel Jardim (1991), encontrados a partir da aplicação da metodologia da *Análise de Conteúdo* de Bardin (2009) já mencionada anteriormente. Alguns itens que apareceram na listagem de Alcântara (2008) foram suprimidos de nossa análise, por se tratarem de levantamentos diferentes e, portanto, com resultados não semelhantes.



No nosso caso, não foi abordada a relação entre cheios e vazios, uma vez que não fizemos uma análise morfológica do espaço e da relação entre limpo e sujo, já que o problema da sujeira foi mencionado apenas nas entrevistas e de maneira pouco significativa.

Outra relação não apontada em nossos levantamentos foi entre colorido e monocromático, que também não foi observado na pesquisa de Alcântara (2008) no recorte referente à Praça XV.

**Monumental X Humano** - As tipologias variam muito durante o percurso, porém encontramos o maior traço de ambiguidade ao explorarmos o caminho onde se desenvolve a Rua dos Mercadores, com edificações de gabaritos semelhantes e mesmo alinhamento que se comportam como as paredes de uma sala de estar, conforme apontamos no *levantamento topoceptivo* da estação 11, em contrapartida à grande abertura no espaço proporcionada pela visão da Praça XV, logo após ultrapassarmos o Arco do Teles.

Esse ambiente da Praça XV, com seu entorno repleto de variações tipológicas e diferentes mensagens simbólicas, atribui ao espaço uma sensação de maior repulsa ou insegurança; porém, percebemos durante as entrevistas e o levantamento que, apesar disso, é indubitável a relevância histórica e simbólica do local para os que o frequentam.

**Amplitude (desamparo) X Fechamento (acolhimento)** - Esse contraponto, já mencionado no tópico anterior, é encontrado em diversos momentos do percurso. Temos áreas mais amplas no início do trajeto e o fechamento que ocorre no Beco dos Barbeiros. Novamente, a amplitude encontrada na Rua Primeiro de Março, que aumenta ainda mais ao chegarmos à Avenida Presidente Vargas. Depois, chegamos à Rua Visconde de Itaboraí e novamente entramos em uma área de menor amplitude, onde notamos uma situação de calma e acolhimento, o que provavelmente explicaria a permanência dos usuários nesse local.

**Seguro X Inseguro** - Essa categoria é expressa apenas nas entrevistas. Notamos que, entre as estações 06 e 14, os usuários responderam sobre a falta de segurança de forma mais otimista.

Mesmo assim, nas estações 09, 10 e 11, que são bem próximas entre si e dentro do ambiente da Travessa do Comércio, que nos remete a acolhimento, notamos que alguns

usuários responderam que se sentiam inseguros, e atribuíam essa sensação a eventos ocorridos nos arredores. Isso auxilia na formação da imagem mental que o usuário tem da Praça XV e seu entorno, conforme observamos na resposta de E09–DS: " Não. Já, já... já fui assaltada ali no ponto da Primeiro de Março"; e E10–FS: "Não tanto. Pela falta de segurança que a gente tem ao redor, né?".

**Silencioso X Ruidoso** - Evidenciamos ruídos, no trajeto de estudo, logo na primeira estação, na Rua São José, os quais são sonoros e, portanto, percebidos presencialmente. Mas também captamos ruídos nas imagens dos *levantamentos topoceptivos*, pela quantidade de barraquinhas de ambulantes, disposição de toldos, placas, movimento de carros e pessoas.

Esse ruído captado pelas imagens é diferente do auditivo e refere-se ao *ruído visual* abordado por João Gomes Filho (2000) no livro *Gestalt do objeto*. Pois, conseguimos notar se um ambiente se comporta como tranquilo ou mais ruidoso, conforme a disposição dos volumes dentro de um campo visual.

Seguindo nosso percurso, notamos que nas vias principais, como a Rua Primeiro de Março e a Avenida Presidente Vargas, temos alto índice de ruído pela grande quantidade de carros e pessoas.

Já na Travessa do Comércio, observamos um lugar calmo dependendo da hora do dia, pois, nos horários de almoço e *happy hour* o local costuma ter música e muitas pessoas conversando.

Passando pelo Arco do Teles, temos o espaço da Praça XV, que se configura como um local calmo, de contemplação e com poucos ruídos, e essa sensação é vista também nas últimas estações do percurso estudado na pesquisa.

### 3.4.7 Usos e Apropriações

Por meio do *levantamento topoceptivo*, reconhecemos alguns usos e apropriações do espaço que chamamos de atividades culturais ao ar livre, melhor especificadas no Capítulo 2, como feiras de artesanato, rodas de samba e choro, rodas de capoeira, tribo do *skate*, Feira da Perimetral e Carnaval – bloco Cordão do Boitató. Além dos usos fixos, como os centros culturais apontados nas entrevistas e o comércio mencionado tanto por Rachel Jardim (1991) quanto pelos usuários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir essa dissertação não foi um trabalho fácil, pois foram muitos os aspectos abordando esse objeto de importância histórica para a cidade do Rio de Janeiro. O esforço, entretanto, foi mais um fator para a nossa aprendizagem. Com base nos estudos desenvolvidos, ao longo do processo de pesquisa, conseguimos amadurecer conceitos e responder a questionamentos que deram origem à nossa intenção em pesquisar esse local.

Por meio do levantamento e do estudo teórico desenvolvido, procuramos entrelaçar os olhares de uma visão poética com uma visão mais técnica, atualizada pelos estudos sobre a apreensão do espaço urbano, e agregamos uma contribuição cognitiva na medida em que cruzamos a esses dois olhares a visão do usuário desse espaço.

Por meio das entrevistas, conseguimos obter informações de grande valia para analisar em conjunto com os dados coletados nos outros levantamentos. Ficou claro para nós pesquisadores, que os usuários percebem em primeiro lugar a espacialidade do local e apontam prédios isolados, na maioria das entrevistas, salientando sua funcionalidade e não reconhecem esses objetos pelo seu valor arquitetônico, como remanescentes de um determinado período da formação da cidade.

Porém, são reconhecidos nas entrevistas pelos usuários como objetos ou elementos que identificam o lugar, em primeiro lugar o Paço Imperial, o Palácio Tiradentes, o CCBB, a Casa França Brasil, o centro Cultural dos Correios e os edifícios históricos.

Esses prédios, além de serem reconhecidos individualmente pelos usuários fazem parte da ambiência e são responsáveis por conferir ao espaço caráter e as propriedades fundamentais para designá-lo como lugar. Segundo Christian Norberg-Schulz (2006) "Enquanto 'espaço' indica a organização tridimensional dos elementos que formam o lugar, o 'caráter' denota a 'atmosfera' geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar." (NORBERG-SCHULZ, 2006, pag. 449)

As atividades culturais realizadas nesses prédios auxiliam na atribuição de sentido e identidade ao lugar. Por outro lado, observamos que essas instituições e seu caráter patrimonial são reconhecidas e valorizadas, sobretudo, pelo conhecimento que lhes é

atribuído pelo senso comum e assimiladas em função da divulgação sobre sua importância histórica nas mídias. Ainda observamos que usuários, mesmo sem saber explicar o porque, reconhecem a importância desse lugar na construção histórica, cultural e como objeto de identificação da população com a cidade do Rio de Janeiro.<sup>75</sup>

Notamos ainda que a falta de segurança é uma questão de grande destaque, determinante para as pessoas em diversos momentos do percurso. Entretanto, ao realizarmos as visitas exploratórias e o *levantamento topoceptivo* não conseguimos constatar essa questão. Consideramos, porém, a partir de cruzamento de informações, que essa sensação de falta de proteção e desorientação ocorre, sobretudo, em locais de maior amplitude e tráfego de carros e pedestres. Locais que, mesmo sendo concebidos para permanência e contemplação, com é o caso da Praça XV, são considerados perigosos pelos usuários. O que não ocorre nos becos da Rua dos Mercadores e Travessa do Comércio, que por meio de suas ruelas estreitas atraem pessoas, em diversas horas do dia e da noite e oferecem uma sensação de segurança e bem estar aos usuários, mesmo que, antes de chegar ao local, as pessoas tenham que passar por espaços não tão acolhedores.

Ficou claro para nós como pesquisadores, o papel das atividades culturais na configuração do espaço *Polo Cultural Praça XV*. O *Polo* é reconhecido principalmente pelo que é capaz de ofertar aos seus usuários, que buscam, espaços de convivência, trocas culturais, história, aprendizado, gastronomia entre outras atribuições do lugar. Assim, como fatores que influenciam na conformação desse espaço, temos a revitalização restauração de prédios históricos e atividades culturais ao ar livre que interferem na paisagem em certa hora do dia e em momentos diferentes da semana.

Consideramos ainda a fragmentação do espaço físico, que entendemos como as diferenças entre as malhas urbanas, que horas possuem maior amplitude e, que no caso do recorte de estudo, se comportam como espaços repulsivos para os usuários. Observamos ainda, algumas fronteiras que demarcam o lugar ou o fragmentam, como é o caso da Baía de Guanabara, Perimetral e das principais ruas do entorno, como a Avenida Presidente Vargas, Avenida Alfredo Agache, Rua Primeiro de Março que

---

<sup>75</sup> Conforme aponta usuário E05 - FS "Apesar de ter esses defeitos que eu falei, é uma... Faz parte da nossa identidade, né?"

demarcam o limite do *Polo Cultural Praça XV* ou a transição para áreas com características diferentes.

Já como elementos de integração, consideramos aqueles espaços que contribuem para a aproximação e permanência dos usuários, como é o caso do Beco dos Barbeiros da Travessa do Comércio e Rua dos Mercadores, nesta última observamos além de casas com lotes estreitos e ruas mais apertadas, os ornatos, que dão uma sensação de uniformidade e remetem à decoração interna das paredes de uma casa.

Nessa linha de raciocínio, retomamos os apontamentos de Norberg- Schulz (2006) que fala sobre os ambientes criados pelos homens que dependem da proximidade entre casas o que confere a esse espaço a propriedade básica dos lugares, "Os lugares são literalmente 'interiores', o que significa dizer que reúnem o que é conhecido. Para cumprir essa função, os lugares contêm aberturas através das quais se ligam com o exterior." (2006, pag. 448). É nesse sentido que Milton Santos (1988) propõe a relação entre espaços acolhedores, como *sala de visita ao ar livre*, onde os usuários se sentem atraídos e convidados à permanência.

Ao encontro dessa argumentação, observamos no tom poético no texto de Raquel Jardim (1991) a descrição de propriedades desse espaço, caracterizando atributos fundamentais do lugar. Norberg- Schulz (2006) nos aponta a importância dessa sensibilidade do artista que "se move numa direção oposta a do pensamento científico, pois enquanto a ciência parte do 'dado', a poesia nos remete a coisas concretas, desvendando os sentidos inerentes ao mundo-da-vida" (2006, pag. 447)

Como já apresentado o espaço que compreende o *Polo Cultural Praça XV* possui papel fundamental no sentido histórico de formação da cidade, contendo uma diversidade de edificações de períodos diferentes, que contam a história por meio de mudanças na sociedade, as quais refletiram diretamente na forma de ocupação do espaço. Essas diferentes formas se relacionavam diretamente com a estrutura social e produtiva da época em que foram concebidas, e hoje são formas pretéritas, que passaram a atender as necessidades da sociedade atual, com outros usos que não são os seus originais.

Dessa forma, o local tornou-se um importante polo agregador de cultura, à medida que essa diversidade e esse mosaico histórico se mantiveram perenes mesmo com o passar do tempo, fato reconhecido e marcante nos três olhares estudados na pesquisa.

Durante as entrevistas e interação com os usuários notamos o desconhecimento por alguns da importância histórica de locais e aspectos do lugar, com a sugestão de mudanças e argumentações curiosas. Entre elas o adensamento do local da Praça XV, alegando que este seria mais útil se ali fossem feitas novas construções e a sugestão da retirada das pedras portuguesas nas calçadas, sob alegação de serem ultrapassadas<sup>76</sup>.

Assim, apesar da importância do lugar ser a primeira vista aceita pelos usuários, observamos que em detalhe isso ainda não foi bem compreendido. Como contribuição desse nosso trabalho, consideramos que para um melhor entendimento do lugar pela população seria interessante um maior investimento na educação patrimonial dedicada ao entendimento não só da formação deste espaço, como também da importância dos detalhes que compõem o seu caráter e de sua permanência para o resgate da memória e a identidade de um povo.

Dessa forma, como sugestão, consideramos que seria interessante a valorização do percurso da escritora Raquel Jardim com a inserção de totens explicativos em locais previamente estudados, situando o usuário e alertando para os aspectos históricos e os atributos arquitetônicos presentes e a importância de cada trecho do percurso em um contexto de consolidação daquele espaço cultural. Além de um trabalho de complementação do atual guia das APACs do corredor cultural (2012), onde poderia ser adicionado um roteiro interativo ao final deste guia<sup>77</sup>, com espaço para o usuário escrever ao lado de cada ponto de importância histórica e cultural para a formação do *Polo Cultural Praça XV*, descrevendo sua experiência, seu aprendizado e completando o roteiro a medida que visitassem os locais destacados no guia.

Achamos interessante salientar que utilizamos como base para a confecção das entrevistas, o modelo encontrado na tese de doutorado de Denise Alcântara (2008) que foi direcionada para as necessidades e para as perguntas de pesquisa desta autora. Notamos que, em nosso fechamento, características dos espaços apontadas por Cullen (1983) como cores, texturas, escalas, perspectivas e estilos, abordadas em nosso

---

<sup>76</sup> Notamos em argumento de E05 - FS “Defeito que eu acho é... Calçamento das ruas. Apesar de ser um calçamento histórico, toda aquela coisa de tradição, mas é uma coisa muito... Acho que nem a Europa mais usa esse tipo de calçamento, né? Porque é um país histórico também, mas enfim... Isso é ruim.”

<sup>77</sup> Este roteiro interativo é um folder com espaço dedicado ao leitor para que ele possa rabiscar e escrever o que ele aprendeu sobre o local visitado. Assim, a medida que a visita acontece o usuário ajuda a completar o folder com sua concepção e seu aprendizado.

*levantamento topoceptivo* e reconhecidas no roteiro de Raquel Jardim (1991) poderiam ter sido melhor exploradas.

Porém, é válido salientar que os levantamentos desenvolvidos nessa pesquisa poderão ser utilizados como futuras ferramentas de gestão do patrimônio, auxiliando em projetos futuros de planejamento urbano que visem melhorar o aprendizado desse espaço.

Notamos que em alguns locais do percurso a poluição visual dificulta a apreciação do patrimônio histórico, assim alguns efeitos visuais poderiam ser mais destacados a partir de um desenho urbano que contasse com um trabalho de programação visual. Ainda poderia ser pensado algo referente a iluminação de alguns locais, como é o caso do Beco dos Barbeiros, além do tratamento de conjuntos arquitetônicos, como o da Rua Primeiro de Março que se encontra pouco preservado.

Por fim, essas considerações finais são parciais e insuficientes devido a complexidade do objeto estudado. Como falamos no início da dissertação o leitor poderá contribuir após sua leitura adicionando nesse percurso suas próprias conclusões. Mesmo com as dificuldades que encontramos nesse “caminhar” de formação acadêmica, procurando preencher lacunas teóricas e práticas, esse esforço nos fez agregar ideias e conceitos para a nossa futura trajetória profissional. A nossa imersão na elaboração desse trabalho e convivência com o objeto de estudo nos trouxe um ganho de conteúdo e maturidade para repensar nossa formação e prática como arquiteta, que lida com o campo do patrimônio, trazendo a reflexão para o cotidiano do canteiro de obras e abrindo possibilidades para o futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES:

ALCÂNTARA, Denise de. **Abordagem com Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: Os Casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego**. Tese (Doutorado em Ciências da Arquitetura), FAU, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

AMORA, Ana Maria G. Albano e PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. In: **Rio Arte. Rio de Janeiro. Guia Histórico do centro da cidade**. Rio de Janeiro, RJ. Secretaria Municipal de Cultura Turismo e esportes. 2º edição revisada em Abril de 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa - Portugal. 2009

BARRANHA, Helena Silva. **Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem. Colóquio Museus, Discursos e Representações**. Edições Afrontamento, Porto, 2006, pp. 181-196.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

CABRAL, Maria Cristina. **Arquitetura e Cultura: polos culturais na área central do Rio de Janeiro**. in: VAZ, Lilian F. et al. **Centros Urbanos: Transformações e Permanências**. Rio de Janeiro. RJ. PROURB, 2012. P. 49 – 66.

CANNADINE, David. **Contexto, Execução e Significado do Ritual: a Monarquia Britânica e a “Invenção das Tradições”, c.1820 a 1977**. In: HOBBSAWM, Eric. e RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S.A.; 1997. P. 111 – 174.

CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética**. São Paulo. Editora G. Gili, 2013.

CARLOS, Cláudio Antônio Lima. **Áreas de proteção do ambiente cultural. A conservação de bairros cariocas de 1979 a 2006**. Tese de Doutorado em Urbanismo UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

CARLOS, Cláudio Antônio Lima. **Renovação urbana contida por formas históricas**. Fórum do patrimônio v. 1, n. 1 (2008). Belo Horizonte-MG.

CARVALHO, Cláudia, et al. **Introdução**. In: CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro – RJ. Casa da Palavra: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. 2000

CARVALHO, Gonçalo J.V.Q. **A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal, Novembro de 2009.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2001.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro – RJ. Casa da Palavra: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. 2000



- CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro – RJ. Casa da Palavra: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. 2000
- CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da Arquitetura e Eclética no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro – RJ. Casa da Palavra: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. 2000
- DEL RIO, Vicente. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do rio de janeiro: a contribuição do estudo da percepção ambiental**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1991
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho Urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990;
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo – SP. Studio Nobel, 1995.
- FERREIRA, Reinaldo Benjamim. **Centro Cultural Banco do Brasil uma experiência que deu certo**. Rio de Janeiro. RJ. Engenho & Arte. 1997.
- GANDARA, Gercinair S. e CARVALHO, Eugênio R. **Rios e Cidades...Olhares da História e Meio Ambiente**. Goiânia, Goiás, Editora: PUC Goiás, 2010.
- GOMES FILHO, João (2000): **Gestalt do objeto: Sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras (2.ed.).
- HOLSTON, James. **A cidade modernista: Uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo. SP: Shwarcz., 1993.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo. SP: Martins Fontes, 1ª edição, 2000.
- JARDIM, Rachel. **Roteiro N° 3 Carioca Misericórdia**. In: Rio Arte. Rio de Janeiro. Guia Histórico do centro da cidade. Rio de Janeiro, RJ. Secretaria Municipal de Cultura Turismo e esportes. 2ª edição revisada em Abril de 1991.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996.
- KÜHL, Beatriz M. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro**. Cotia (SP): Ateliê/Fapesp, 2009.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo. SP : Martins Fontes, 1982.
- LYRA, Cyro Corrêa. **Casa vazia, ruína anuncia: a questão do uso na preservação de monumento**. Tese (Doutorado História e Teoria da Arte), EBA, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- MONTANER, Josep maria Montaner. **Museu Contemporâneo; Lugar e discurso**. Revista projeto 144; ano 1992; pp. 30-33.
- MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e Crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- MONTEIRO, Fernanda A., Monografia de Conclusão de Curso – **Identificação e Fundamentação dos Valores que Qualificam Bem Patrimonial Arquitetônico**; Pós em Artes – Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos. Pelotas - UFPel (2002).
- MONTEIRO, Fernando. **A Velha Rua Direita**. Rio de Janeiro, Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil, 1985.

MUGAYAR KÜHL, Beatriz. **História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos**. São Paulo. Revistas da USP - Universidade de São Paulo, nov. 2005/ abr. 2006,p.16-40.

MUMFORD, Lewis. **A cultura das cidades**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do Lugar**. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). (Trad.Vera Pereira), São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PANTALEÓN, Carlos. **Adaptación de estructuras arquitectónicas obsoletas: el concepto de restauración en la dialética del proceso de diseño**. Montevideo: Servicio Coordinador de Publicaciones, Universidad de la República, 1997.

PEIXOTO, Gustavo R. **Introdução**. In: CZAJKOWSKI, Jorge .Guia da Arquitetura e Eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ. Casa da Palavra: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. 2000

RIBEIRO, Lucio Cesar de Queiroz e CARDOSO, Aduino Lucio. **Dualização e Reestruturação Urbana. O caso do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. RJ. IPPUR, 1996.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**. Sua essência e sua gênese. (Trad.Elane Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentini), Goiania, UCG, 2006.

RHEINGANTZ , Paulo A., et al. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro. RJ. PROARQ. 2009.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso e PEDRO, Rosa (org.). **Qualidade do lugar e cultura contemporânea – Controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos**. Rio de Janeiro. RJ. PROARQ. 2012.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade** (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SISSON, Raquel. **Espaço e Poder – Os três centros do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. RJ. Arco, 2008.

ZEIN, Ruth Verde; BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Arquitetura após 1950**. São Paulo, SP, Editora: Perspectiva, 2010.

ZEIN, Ruth Verde. **Dois décadas de Arquitetura para museus**. Revista projeto 144; ano 1992; pp. 30-33.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

#### **OUTRAS FONTES:**

**Jornal do Brasil**. (Pesquisa em jornais de setembro de 1980 à agosto de 2002). Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 02 maio 2013.

**Jornal do Brasil** (1980). **Corredor Cultural reserva 16 ruas do centro para os pedestres até o fim do ano**. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1980, 1º Caderno, pág. 9.

**Jornal do Brasil** (1980). **Paço Imperial, na Praça 15, precisa de reformas para servir à Prefeitura**. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1980, Caderno Cidade, pág. 14.

BANDEIRA, Júlio. **Paço Imperial da Praça 15 começa a ser restaurado.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1982, 1º Caderno, pág. 19.

THYS, Bruno. **"Corredor" guarda memória do velho Rio.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1983, 1º Caderno, pág. 25.

BANDEIRA, Júlio. **Município normaliza Corredor Cultural.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1983, Caderno Cidade, pág. 6.

COUTINHO, Wilson. **Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 de março de 1985, Caderno B, pág. 1.

Jornal do Brasil (1985). **Camerata no Paço.** Rio de Janeiro. 30 de maio de 1985, Caderno B, pág. 4.

THYS, Bruno. **Bons ventos Sopram no Rio.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1988, Caderno Cidade, pág. 1.

THYS, Bruno. **Explosão de Centros de Cultura.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1988, Caderno Cidade, pág. 1.

ROMITO, Angela. **A cultura é que vai dar Lucro.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1988, Caderno Cidade, pág. 4.

THYS, Bruno. **Projeto confirma Praça 15 como polo cultural do Rio.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de março de 1989, 1º Caderno, pág. 13.

SEVERO, Helena. **Reestruturação Urbana.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1989, 1º Caderno, pág. 11.

CHAVES, Sandra. **No Corredor com as massas.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1989, Caderno Cidade, pág. 4.

Jornal do Brasil (1990). **Polo Cultural da Praça 15.** Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1990, Caderno Cidade, pág. 4.

*Jornal do Brasil* (1998). **TOUR CULTURAL PAÇO-MAM.** Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1998, Caderno B, pág. 3.

ABREU, Gilberto de. **Brasil +500 em fragmentos.** *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2000, Caderno B, pág. 1.

BARREIROS, Edmundo. **Do Anima para a TV.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 2000, Caderno B, pág.1.

JANSEN, Roberta. **O Irresistível charme do centro chique.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2001, Caderno Cidade, pág.26.

Jornal do Brasil (2002). **Pela Cidade.** Rio de Janeiro, de 2 a 8 de agosto de 2002, Caderno Programa, pág.15.

MARIANI, Alayde Wanderley. **Paço Imperial: Roteiro para visita histórica.** Rio de Janeiro. RJ. Paço Imperial, 2004.

Rioarte. **Como recuperar, reformar ou construir seu imóvel no corredor cultural.** Rio de Janeiro, RJ, Instituto Pereira Passos, 2002.

**Guia das APACs. Corredor Cultural Entorno da Rua da Candelária 2.** Instituto Rio Patrimônio da Humanidade. Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. RJ. 2012.

**ACERVOS:**

Clipping do CCBB.

Arquivo Central do IPHAN - RJ

**SITES:**

**Bens Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional 1938 - 2012.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3263>> Acesso em: 16 Out.2013.

CARDEMAN, David e CARDEMAN, Rogerio Goldfeld . **O Rio de Janeiro nas alturas:a verticalização da cidade.** Arqutexto – Vitruvius - 078.02 ano 07, nov 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/jornal>> Acesso em: 25 jul. 2013.

**Carta de Veneza.** Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>> Acesso em: 10 Jan. 2014.

**CCBB Rio de Janeiro.** Disponível em: <<http://www.bb.com.br>>. Acesso em: 02 maio. 2013.

**Centro Cultural Rio de Janeiro.** Disponível em: < <http://www.correios.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

DI MARCO, Anita e ZEIN, Ruth Verde. **A rosa por outro nome tão doce...seria?** Porto Alegre. Anais do 7 ° DOCOMOMO Brasil 2007. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/docomomo/seminario%207%20pdfs/049.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2013.

**Fundação Casa França Brasil.** Disponível em: < <http://www.fcb.rj.gov.br>>. Acesso em: 02 maio. 2013.

GUIMARAENS, Cêça ; IWATA, Nara. **A importância dos museus e centros culturais na recuperação de centros urbanos** – 013.06 ano 02, jun 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/jornal>>. Acesso em: 19 Jul. 2013.

GUIMARAENS, Cêça ; e IWATA, Nara. **Construindo a cultura na idéia de Centro.** Disponível em: < <http://artigocientifico.uol.com.br/> >. Acesso em: 04 Jul. 2013.

HAZAN, Vera Magiano Hazan . **As passarelas urbanas como novos vazios úteis na paisagem contemporânea** – 114.02ano 10, nov 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/jornal>>. Acesso em: 11 dez. 2012.

KÛHL, Beatriz M. **Patrimônio industrial: algumas questões em aberto.** Revista arq.urb - USJT ,São Judas Tadeu, SP- número 3 - primeiro semestre de 2010,p.23-30. Disponível em:< [http://www.usjt.br/arq.urb/numero\\_03/3arqurb3-beatriz.pdf](http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf)>. Acesso em: 10 Nov. 2012.

LOPES, chico. **RACHEL JARDIM fala de sua vida literária: “sou um duende mineiro”.** Disponível em: <<http://www.verdestrigos.org> > Acesso em: 15 out. 2013.

MARCOLINI, Barbara. **Praça Quinze vira ‘point’ de manobras radicais.**

**Globo.com.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/praca-quinze-vira-point-de-manobras-radicais-9064170>> Acesso em: 05 jan. 2013.

NOBRE, Eduardo A. C. **O Projeto das London Docklands.** Material didático, 2002. Disponível em: <[http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/e\\_nobre/docklands.pdf](http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/e_nobre/docklands.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2012.

ROCHA, Enilce A., PEREIRA, Édimo. **A memorialística feminina no romance Os anos 40, de Raquel Jardim.** *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 135 - 145, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-memorial%C3%ADstica-feminina.pdf>> Acessado em: 15 de out.2013.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988. Disponível em: <[http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/13663\\_metamorfose-do-espaco-habitado-milton-santos.PDF](http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/13663_metamorfose-do-espaco-habitado-milton-santos.PDF)> Acessado em: 02 de Jan.2014.

**Teórico e metodológico da geografia.** TAVARES, Arthur Campos. **Manifestações minimalistas na arte e arquitetura: interfaces e discontinuidades.** *Arquitexto – Vitruvius* - 008.05 ano 08, dez 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/jornal>> Acesso em: 08 dez. 2012.

**ANEXO I**  
**(MODELO DA PLANILHA PARA LEVANTAMENTO TOPOCEPTIVO)**

ESTACÇÃO	EFEITOS															DISTÂNCIA EM METROS	TEMPO EM SEG.	
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15			16
01	LE																00	00
	(F)	F				F			F	F	F							
	LD																	
02	LE																69	64
	F																	
	(LD)	F					00		00	00			Fr					
03	(LE)	F							00	F	00						06	08
	F																	
	LD																	
04	LE																22	25
	(F)	00					00		00	F	F							
	LD																	
05	LE																29	31
	(F)	00							Fr	00								
	LD																	
06	(LE)	F								F	F						31	31
	F																	
	LD																	
07	LE																66	73
	(F)	F							00	Fr	00	Fr			00			
	LD																	
08	LE																23	25
	(F)	00								00	00				00			
	LD																	
09	LE																34	38
	F																	
	(LD)										F		00	00	00			

Fonte: KOHLSDORF (1996).

**ANEXO II**  
**(MODELO DE MAPA MENTAL/QUESTIONÁRIO)**



**QUESTIONÁRIO PARA MAPA MENTAL E ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.**

Entrevistador \_\_\_\_\_ Estação: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_ hora: \_\_\_\_\_

Este é um estudo acadêmico, parte da pesquisa de mestrado que estuda a apreensão do espaço arquitetônico na estruturação do conceito do lugar e seu principal objetivo é identificar conflitos e incompatibilidades bem como atributos da qualidade de uma porção do *centro histórico* da cidade do Rio de Janeiro. Obrigada pela sua colaboração!

Ocupação \_\_\_\_\_ Nível de escolaridade \_\_\_\_\_

Faixa etária \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Naturalidade \_\_\_\_\_

1. Em que lugar nos estamos? \_\_\_\_\_

2. Como você se sente neste lugar? \_\_\_\_\_

3. Qual a primeira palavra vem a sua cabeça quando pensa neste lugar? \_\_\_\_\_

4. Cite objetos ou elementos que em sua opinião identifiquem este lugar.

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

5. Cite defeitos e qualidades deste lugar.

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

6. Quais suas expectativas sobre este lugar?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

7. Você considera este lugar seguro?Porque?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

8. Em que bairro você reside? \_\_\_\_\_

9. O que você vem fazer aqui? \_\_\_\_\_

10. O que você sabe sobre o corredor Cultural e sua contribuição para a revitalização desta área?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

11. Por favor desenhe um croqui de memória sobre o lugar no verso mostrando elementos físicos/atributos, como um mapa para alguém que não conhece essa área ou sua vizinhança.

Obrigada pela sua colaboração!  
 Aline de Oliveira Mendes - Mestranda PROARQ - FAU - UFRJ - aline\_omendes@hotmail.com

**ANEXO III**  
**(DESCOBERTAS DAS ENTREVISTAS POLO CULTURAL PRAÇA XV)**

<b>Pergunta 1 - Em que lugar nos estamos?</b>		
<b>Respondente</b>	<b>Resposta</b>	<b>Complementos</b>
E01 - DS	Castelo	
E02 - DS	Quitanda	
E03 - DS	Centro do Rio de Janeiro	
E04 - DS	Primeiro de Março	
E05 - DS	Centro da cidade	
E06 - DS	Praça XV	
E07 - DS	Centro do Rio	
E08 - DS	No centro	
E09 - DS	No Rio de Janeiro	Visconde de Itaboraí.
E10 - DS	Rua do Ouvidor	Centro do Rio de Janeiro, próximo à Praça XV.
E11 - DS	Centro da cidade	
E12 - DS	Praça do Paço Imperial	
E13 - DS	Parte da praça XV	Parte da ALERJ.
E14 - DS	Rua Dom Manoel	
E01 - FS	Centro.	
E02 - FS	Sete de Setembro.	
E03 - FS	Beco dos Barbeiros.	
E04 - FS	No Centro.	
E05 - FS	No Centro do Rio	Precisamente na Rua do Ouvidor, na altura do número 50.
E06 - FS	Primeiro de Março.	
E07 - FS	...em frente a Candelária.	Estamos no centro.
E08 - FS	...no Rio de Janeiro, no bairro do Centro...	E no Centro Cultural Banco do Brasil, fazendo prova de estatística hoje.
E09 - FS	No Centro.	
E10 - FS	Centro do Rio.	
E11 - FS	No Paço Imperial.	
E12 - FS	Praça XV.	
E13 - FS	...em frente ao Palácio Tiradentes...	...no Centro da Cidade.
E14 - FS	Rio de Janeiro.	

<b>Pergunta 2 - Como você se sente neste lugar?</b>		
<b>Respondente</b>	<b>resposta</b>	<b>Complementos</b>
E01 - DS	Com medo	
E02 - DS	Bem	
E03 - DS	Muito bem	
E04 - DS	Bem	
E05 - DS	Barata tonta	Cidade só tem maluco.
E06 - DS	Confuso	Questão de localização.
E07 - DS	Eu gosto	Ar diferente da cultura assim, não sei, eu gosto de estar aqui, de andar por aqui.
E08 - DS	Normal	
E09 - DS	Normal	
E10 - DS	Melhorou bastante	
E11 - DS	Normal	Já conheço.
E12 - DS	Descaso total do poder público	Sem iluminação, fachadas mal acabadas, mal pintadas.
E13 - DS	Gosto daqui	Parte da história.
E14 - DS	Como se fosse o segundo lugar, uma casa	
E01 - FS	Normal.	Nem bem, nem mal.
E02 - FS	Feliz.	
E03 - FS	Acho bacana.	Volta a época colonial, talvez.
E04 - FS	Bem.	Eu adoro o Centro!
E05 - FS	Tranquilo...	Assim, o clima é bacana do Rio de Janeiro, né?
E06 - FS	Com pressa.	
E07 - FS	Meio inseguro	a gente não pode relaxar nesse lugar
E08 - FS	Ótimo...	porque é um lugar que transmite cultura
E09 - FS	Tranquilo...	As vezes a gente até encontra dificuldade aqui, mas dá pra levar.
E10 - FS	Bem normal.	Só venho aqui pra trabalhar mesmo.
E11 - FS		Vim pra dentro da loja pra ficar segura, né?
E12 - FS	Bem...	
E13 - FS	Extremamente bem.	...porque eu tô fazendo o que eu gosto.
E14 - FS	Bem...	

<b>Pergunta 3 - Qual a primeira palavra vem a sua cabeça quando pensa neste lugar?</b>		
<b>Respondente</b>	<b>Resposta</b>	<b>Complementos</b>
E01 - DS	Roubo	
E02 - DS	Alegre	Eu gosto daqui.
E03 - DS	Trabalho	
E04 - DS	Trabalhar	
E05 - DS	Longe	A condução que é péssima.
E06 - DS	Barcas	
E07 - DS	História	
E08 - DS	Cultura	
E09 - DS	Trabalho	
E10 - DS	Cidade maravilhosa é o Rio de Janeiro.	Eu me sinto confortável aqui.
E11 - DS	História	
E12 - DS	Descaso	
E13 - DS	Nostalgia	
E14 - DS	Trabalho	
E01 - FS	Trabalho.	
E02 - FS	Tumulto.	
E03 - FS	Costela	...desse lugar aqui.
E04 - FS	Democráticos.	Gosto de um pagode!
E05 - FS	...trânsito...	...perde um pouco qualidade de vida pra vir pro centro...
E06 - FS	Trânsito.	
E07 - FS	Perigo.	
E08 - FS	Centro Cultural? Unidade.	
E09 - FS	Só preocupação.	
E10 - FS	Trabalho.	
E11 - FS	Centro da Cidade.	
E12 - FS	Barcas.	
E13 - FS	História.	
E14 - FS	Melhoria pra todos.	

Pergunta 4 - Cite objetos ou elementos que em sua opinião identifiquem este lugar									
categorias	museus	marcos	barcas	centros culturais	patrimônio histórico	turismo	áreas abertas	outros	
Respondente									
E01 - DS		Rodoviária							
E02 - DS					Edif. históricos			Comércio	
E03 - DS					Igreja				
E04 - DS					Igreja				
E05 - DS					Edif. históricos				
E06 - DS		Aeroporto	Barcas	Centros Cult.	Igreja		Logradouros		
E07 - DS				CCBB	Igreja		Logradouros		
E08 - DS				Centro cult. Correios	Esculturas			Restaurante Cais	
E09 - DS								Comércio/Bolsa de valores	
E10 - DS					Igreja				
E11 - DS					Monumento/ALERJ/Igreja			Bolsa de valores	
E12 - DS	Paço Imperial				ALERJ		Viaduto		
E13 - DS	Paço Imperial				ALERJ				
E14 - DS	Museu Marinha				ALERJ				TJRJ
E01 - FS								Comércio	
E02 - FS								Comércio /Executivos	
E03 - FS					Edif. Históricos			Restaurante antigo	
E04 - FS		Arcos da Lapa							Circo Voador
E05 - FS					Arquitetura		Ruas do Centro	Comércio varejista	
E06 - FS					Arquitetura antiga			Carros / Pessoas	
E07 - FS					Esculturas				
E08 - FS					...				
E09 - FS					...				
E10 - FS	Paço Imperial	Arco do Teles		CCBB / Casa França					
E11 - FS	Paço Imperial		Barcas						metrô da Carioca
E12 - FS	Paço Imperial		Barcas						Mergulhão/Bolsa de valores
E13 - FS	Paço Imperial				Palácio Tiradentes / Igreja São José		Março		
E14 - FS						Pontos turísticos	Lapa		

<b>Pergunta 5 - Cite defeitos e qualidades deste lugar</b>			
<b>Qualidades</b>		<b>Defeitos</b>	
Comércio	I I I I I I I I	Pouco policiamento	I I I I
Fácil localização	I	Buracos nas calçadas	I I I I I
Ruas amplas	I	Falta de segurança	I I I I I I I I I I
Fácil Acesso	I I I I	Turistas	I
Acesso a informação	I	Transporte	I I I
Contraste cultural	I	Preços Altos	I
Centro histórico	I I	Transito	I I I I
Perto de igrejas	I I	Ruas apertadas	I I
Pontos turísticos	I	Espaços mal aproveitados	I
Gastronomia	I I I	Sujeira	I I I I I I I I
Ambiente calmo	I I	Moradores de rua	I I I I I I I I
Temperatura agradável	I	Esgoto	I I I
História	I I I I	Iluminação	I
Lugar bonito	I I I I	Arvores mal cuidadas	I
Diversidade	I	Pichações	I I
Iluminação Pública	I	Violência	I
Local limpo	I I	Prédios históricos mal conservados	I
Preços Acessíveis	I	Falta de estacionamento	I I
Cultura	I	Falta Lojas	I
Alegria do Povo	I	Barulho	I

<b>Pergunta 6 - Quais suas expectativas sobre este lugar?</b>		
<b>Respostas</b>	<b>Positivas</b>	<b>Negativas</b>
Mais infra estrutura ( lixeiras e iluminação)	I I	
Menos buracos nas calçadas	I	
Mais ordem nos camelos	I	
Mais segurança	I I I	
Fim dos protestos	I	
Só ta piorando em vez de melhorar		I
Piorar com a copa		I
Melhora na administração	I	
Conservação do patrimônio histórico	I I I I	
Maior investimento do governo	I I	
Melhorar a limpeza	I	
Melhorar a aparência	I	
Revitalização	I	
Difundir a cultura do País	I	
Não acredito que venha sofrer grandes mudanças		I

<b>Pergunta 7 - Você considera este lugar seguro?Porque?</b>		
<b>Respondente</b>	<b>Resposta</b>	<b>Porque</b>
E01 - DS	Não	Ali na praça tem um monte de pivete.
E02 - DS	Nem tanto	Porque tem muitos assaltos.
E03 - DS	Não	Comigo nunca aconteceu nada mas a gente acompanha.
E04 - DS	Não	Por causa dos protestos.
E05 - DS	Não	Assaltaram a moça na frente do meu serviço.
E06 - DS	Depende do período	De manha sim, a noite não.
E07 - DS	Considero	...
E08 - DS	Depende	Dia de semana acho bem seguro agora fim de semana é bem deserto.
E09 - DS	Não	Já, já.. já fui assaltada ali no ponto da 1º de março.
E10 - DS	Pra mim é	Nunca aconteceu nada comigo aqui.
E11 - DS	De dia acredito que sim	Ah já...não comigo. Pessoas próximas de mim já foram assaltadas.
E12 - DS	Não	Muito pouco policiamento. Conheço caso de pessoas assaltadas aqui.
E13 - DS	Depende	...eu nunca vi nada mas as pessoas costumam falar que essa parte do mergulhão, aqui em baixo que é muito perigoso de noite, que aqui de madrugada fica sem segurança nenhuma.
E14 - DS	Aqui..é mais o menos	É seguro, mas a qualquer hora pode passar alguém correndo.
E01 - FS	Não.	Vira e mexe você vê aí: assalto, morte...
E02 - FS	Não.	... Apesar de ter muita loja, muita coisa de valor aqui, não tem policiamento nenhum.
E03 - FS	Não.	Acho que durante o dia é seguro, mas pro final de tarde, pra depois, eu não gostaria de passar aqui não.
E04 - FS	Não muito.	Porque é muito próximo da Lapa e ali tem muitos vagabundos...
E05 - FS	Sim.	
E06 - FS	Seguro acho que nenhum lugar, né?	Mas a noite aqui deve ser bem deserto.
E07 - FS	Não.	Eu me sinto preocupado nesse lugar.
E08 - FS	...	Lugar nenhum da cidade eu considero seguro, infelizmente.
E09 - FS		Até uma certa hora, né? Por que acho que depois de cinco horas já tá... Tá tomado pela... Como a gente fala? Por essas pessoas... Meninos de rua...
E10 - FS	Não tanto.	Pela falta de segurança que a gente tem ao redor, né?
E11 - FS	Não.	Por causa da falta de policiamento e muitas ruas desertas.
E12 - FS	Mais ou menos.	Aqui é bem policiado por causa do fórum, por causa das barcas, do centro cultural que vive aqui no entorno.
E13 - FS	Mais ou menos.	Aqui é um lugar que tem muitos moradores de rua...
E14 - FS	Não.	A violência tá demais, né? Em todo lugar que a gente vai...



<b>Pergunta 8 e 9 - Em que bairro você reside? O que vem fazer aqui?</b>		
<b>Respondente</b>	<b>Residência</b>	<b>Finalidade</b>
E01 - DS	Nilópolis	Eu trabalho aqui pelo centro.
E02 - DS	Pavuna	Trabalhar
E03 - DS	Niterói	Trabalho aqui.
E04 - DS	Nova Iguaçu	Trabalho
E05 - DS	Campo Grande	Trabalhar
E06 - DS	Méier	Vim resolver uma questão de fardas, estou de férias.
E07 - DS	Parque Fluminense	Vim na exposição do CCBB e dar uma voltinha.
E08 - DS	Engenho da rainha	Vim passear e resolver uns problemas de trabalho.
E09 - DS	Guadalupe	Trabalho.
E10 - DS	Belforoxo	...venho fazer uns serviços aqui no centro.
E11 - DS	Méier	...fazendo passeio histórico pelo centro do Rio.
E12 - DS	Bangu	Vim trabalhar.
E13 - DS	São Cristovão	Olha eu vim aqui na ALERJ visitar um cliente.
E14 - DS	Cachambi	Trabalhar.
E01 - FS	Penha	Trabalho.
E02 - FS	Glória.	Trabalhar.
E03 - FS	Copacabana.	almoçar
E04 - FS	Centro.	Compras.
E05 - FS	São João de Meriti	Trabalhar.
E06 - FS	Centro.	Vou ali num escritório...
E07 - FS	Lapa.	...conhecer um pouco a história do Rio de Janeiro.
E08 - FS	Niterói.	...pra fazer cursos.
E09 - FS	Baixada.	Trabalhar.
E10 - FS	Pavuna.	Trabalho.
E11 - FS	Tijuca.	Eu vim num restaurante...
E12 - FS	Centro.	Trabalhar.
E13 - FS	Flamengo.	Trabalhar.
E14 - FS	Ilha do Governador.	Votar.

<b>Pergunta 10 - Você sabe algo sobre o corredor cultural e sua contribuição para a revitalização desta área?</b>		
<b>Respondente</b>	<b>Resposta</b>	<b>Complementos</b>
E01 - DS	Não	
E02 - DS	Não	
E03 - DS	Não	
E04 - DS	Não	
E05 - DS	Já ouvi falar.	...mas não esta adiantando de nada. Eu acho que está piorando, a gente pega um ônibus aqui e demora 30, 35 minutos pra chegar na central... Terrível!
E06 - DS	Não	
E07 - DS	Não	
E08 - DS	Não	
E09 - DS	Não, é onde?	Ah, aqui é o centro cultural pra mim. É, tem feito muitas obras..tenho visto sim.
E10 - DS	...	Olha, melhoramento de rua, saneamento básico da rua e alguns investimentos que é ideal para o desenvolvimento principalmente quando está se tratando de um corredor cultural.
E11 - DS	Não	
E12 - DS	Não	
E13 - DS	...	Acho que é revitalização dos prédios né? Da parte histórica...pô bacana. Acho que aqui isso é fundamental, tem que ter mesmo.
E14 - DS	Não	
E01 - FS	Nada.	
E02 - FS	Nada.	
E03 - FS	Eu sei pouco	Eu sei que é um circuito turístico que existe aqui no Rio...
E04 - FS	...	Tem muita coisa antiga, né? Como é que se diz? Histórica. Patrimônio histórico...
E05 - FS	...	...o Corredor Cultural é essa parte ai, né? Praça XV, Arco do Teles, Av. Primeiro de Março, os Casarões, né? E aquela coisa toda que você não pode mexer na fachada, isenção de imposto, é tombado, né?
E06 - FS	Quase nada.	Eu acredito que seja uma área de preservação, né? Histórica...
E07 - FS	Eu não conheço...	
E08 - FS	Muito pouco.	Sei que tão revitalizando o centro, né?
E09 - FS	Não sei nada...	
E10 - FS	Nada.	
E11 - FS	Muito Pouco.	
E12 - FS	...	Isso aí eu não posso falar muito não...
E13 - FS	...fantástico!	Você tem num pequeno espaço, a Casa França-Brasil, o Centro Cultural dos Correios, Justiça Eleitoral, e principalmente, o Centro Cultural Banco do Brasil, é incrível, e pra finalizar, a Candelária.
E14 - FS		Eu sei muito pouco...

**ANEXO IV**  
**(ROTEIRO RAQUEL JARDIM)**



Handwritten scribble or signature in the upper left corner of the map.

CAMPO DE SANTANA

PRACA DA REPUBLICA

PRACA TIRADENTES

LARGO DA CARIOCA

MUSEU DE ARTE MODERNA

AV. PRES. ANTONIO CARLOS

R. VISC. DO RIO BRANCO

R. DO LAVRADIO

AV. CHILE

AV. REP. DO PARAGUAI

R. DA LAPA

AV. AUGUSTO SEVERO

PASSEIO PUBLICO

AV. RIO BRANCO

AV. RIO BRANCO

R. MEXICO

AV. PRESIDENTE WILSON

AV. ALM. BARROSO

R. DO CARMO

R. 1.º MARÇO

R. SANTA LUZIA

R. D. MANUEL

AV. ALFREDO AGACHE

PCA M. ANCORÁ

R. FEIJO DA CONSTITUICAO

R. SENHOR DOS PASSOS

R. DA CARIOCA

R. SETE DE SETEMBRO

AV. PASSOS

R. BUENOS AIRES

R. URUGUAIANA

R. DO OLVIDOR

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

R. DO CARMO

---

**PONTOS DE INTERESSE ROTEIRO N.º 1**

---

- 1 **Relógio da Glória**, Rua da Glória/Amurada
- 2 **Escola Marechal Deodoro**, Rua da Glória, 64
- 3 **Chafariz do Caminho da Glória**, Rua da Glória, 156
- 4 **Igreja de N. S. da Lapa do Desterro**, Largo da Lapa, S/N.º
- 5 **Sala Cecília Meireles**, Largo da Lapa, 47
- 6 **Lampadário da Lapa**, Largo da Lapa
- 7 **Prédio**, Rua Visc. de Maranguape, 9
- 8 **Prédio**, Rua Visc. Maranguape, 13
- 9 **Aqueduto da Carioca**, Praça dos Arcos
- 10 **Restaurante Cosmopolita**, Travessa do Mosqueira, 4
- 11 **Cabaré Casanova**, Rua Mem de Sá, 25
- 12 **Circo Voador**, Praça dos Arcos
- 13 **Fundição Progresso**, Rua dos Arcos, 28 a 42
- 14 **Convento de Santa Tereza**, Ladeira de Santa Tereza, 52
- 15 **Escola Nacional de Música**, Rua do Passeio, 98
- 16 **Automóvel Clube do Brasil**, Rua do Passeio, 90
- 17 **Passeio Público**, Rua do Passeio
- 18 **Chafariz**, Praça Mahatma Gandhi
- 19 **Cinema Odeon**, Praça Mahatma Gandhi, 2
- 20 **Bar Amarelinho**, Praça Floriano, 55 b
- 21 **Cordão do Bola Preta**, Avenida 13 de Maio, 13
- 22 **Palácio Pedro Ernesto**, Praça Floriano, S/N.º
- 23 **Bomboniere Patrone**, Praça Floriano, 45
- 24 **Teatro Municipal**, Av. Rio Branco, S/N.º
- 25 **Biblioteca Nacional**, Av. Rio Branco, 219/239
- 26 **Museu Nacional de Belas Artes**, Av. Rio Branco, 199
- 27 **Convento de Santo Antônio**, Largo da Carioca
- 28 **Leiteria Silvestre**, Rua São José, 115
- 29 **Chafariz (do menino)**, Praça Estado da Guanabara
- 30 **Relógio da Carioca**, Largo da Carioca

---

**ROTEIRO N.º 2**

---

- 31 **Sobrados**, Rua da Carioca, 5 a 7
- 32 **Bar Flora**, Rua da Carioca, 16
- 33 **O Rei do Queijo**, Rua da Carioca, 26
- 34 **Sapataria Polar**, Rua da Carioca, 62/64
- 35 **Bar Luiz**, Rua da Carioca, 39
- 36 **Cinema Íris**, Rua da Carioca, 49/51
- 37 **Rio Hotel**, Rua Silva Jardim, 3 (Repintado em 1989)
- 38 **Estátua de D. Pedro I**, Praça Tiradentes
- 39 **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes, S/N.º
- 40 **Teatro Carlos Gomes**, Praça Tiradentes, 21/23
- 41 **Sobrado**, Imperatriz Leopoldina, 55
- 42 **Prédio do IMPA**, Rua Luiz de Camões, 68
- 43 **Sobrado**, Rua Gonçalves Ledo, 5 a 11
- 44 **Sobrado**, Rua Luiz de Camões, 99
- 45 **Avenida Modelo**, Rua Regente Feijó, 50
- 46 **Real A. Beneficente C. de Mattosinhos**, Rua Buenos Aires, 312/314
- 47 **Fábrica de Manteiga Alhambra**, Rua Buenos Aires, 338
- 48 **Casa Koury**, Rua Buenos Aires, 350
- 49 **Gafieira Elite**, Rua Frei Caneca, 4
- 50 **Gafieira Estudantina**, Praça Tiradentes, 79/1.º
- 51 **Campo de Santana**, Praça da República
- 52 **Restaurante Du Nil**, Rua da Alfândega, 375
- 53 **Igreja de S. Jorge e S. Gonçalo**, Rua da Alfândega, 382
- 54 **Igreja de S. Efigênia**, Rua da Alfândega, 219

- 55 **Igreja de N. S. do Terço**, Rua Senhor dos Passos, 140
- 56 **Restaurante Penafiel**, Rua Senhor dos Passos, 121
- 57 **Casa Turuna**, Rua Senhor dos Passos, 81
- 58 **Igreja do S. S. Sacramento**, Avenida Passos, 50
- 59 **Prédio "pavão"**, Avenida Passos, 38
- 60 **Igreja de N. S. do Rosário**, Rua Uruguaiana, S/N.º
- 61 **Foto Automática**, Rua dos Andradas, 7 (Desativada em 1990)
- 62 **Real Gabinete Português de Leitura**, Rua Luiz de Camões, 30
- 63 **Estátua de José Bonifácio**, Largo de São Francisco
- 64 **Igreja de S. Francisco de Paula**, Largo de São Francisco, S/N.º
- 65 **Antiga Escola Politécnica**, Largo de São Francisco, S/N.º
- 66 **Casa Bonifácio**, Largo de São Francisco, 6
- 67 **Casa Bagatelle**, Rua do Ouvidor, 191
- 68 **Confeitaria Colombo**, Rua Gonçalves Dias, 30/32
- 69 **Chapelaria**, Rua 7 de Setembro, 137
- 70 **Casa Cavé**, Rua 7 de Setembro, 133
- 71 **Mercado das Flores**, Praça Olavo Bilac

---

**ROTEIRO N.º 3**

---

- 72 **Arco e Oratório de N. S. da B. Morte**, Rua do Carmo, 38
- 73 **Livraria São José**, Rua do Carmo, 61
- 74 **Igreja Santa Cruz dos Militares**, Rua 1.º de Março, 36
- 75 **Tribunal Regional Eleitoral**, Rua 1.º de Março, 42
- 76 **Correios e Telégrafos**, Rua 1.º de Março, 64
- 77 **Banco do Brasil**, Rua 1.º de Março, 66
- 78 **Igreja de N. S. do Carmo**, Rua 1.º de Março, 6
- 79 **Igreja de N. S. do Monte Carmo**, Rua 1.º de Março, 8
- 80 **Mosteiro de São Bento**, Rua D. Gerardo, 68
- 81 **Igreja de N. S. da Candelária**, Praça Pio X, S/N.º
- 82 **Casa França Brasil**, Rua Visc. de Itaboraí, 78 (Restaurada em 1989)
- 83 **Sobrado**, Rua do Rosário, 1 a 7
- 84 **Sobrado "BS"**, Rua do Rosário, 34
- 85 **Igreja de N. S. da Lapa dos Mercadores**, Rua do Ouvidor, 71
- 86 **Prédio**, Rua do Ouvidor, 37
- 87 **Restaurante Cabaça Grande**, Rua do Ouvidor, 12
- 88 **Restaurante Rio Minho**, Rua do Ouvidor, 10
- 89 **Restaurante Tasca**, Rua do Mercado, 21 (Atual Beira do cais)
- 90 **Cantina Mezzogiorno**, Travessa do Comércio, 24
- 91 **English Bar**, Travessa do Comércio, 11
- 92 **Restaurante Século XX**, Travessa do Comércio, 20 (Atual Santa Fé)
- 93 **Arco do Telles**, Praça XV de Novembro, 32/34
- 94 **Antigo Convento do Carmo**, Praça XV de Novembro, 101
- 95 **Paço Imperial**, Praça XV de Novembro, S/N.º
- 96 **Chafariz do Mestre Valentim**, Praça XV de Novembro
- 97 **Estátua do General Osório**, Praça XV de Novembro
- 98 **Ilha Fiscal**, Baía de Guanabara
- 99 **Estação das Barcas**, Av. Alfred Agache
- 100 **Palácio Tiradentes**, Rua São José S/N.º
- 101 **Igreja de São José**, Rua São José, S/N.º
- 102 **Museu Naval**, Rua Dom Manuel, 15
- 103 **Restaurante Albamar**, Praça Marechal Âncora, S/N.º
- 104 **Museu Histórico Nacional**, Praça Marechal Âncora, S/N.º
- 105 **Santa Casa de Misericórdia**, Rua Santa Luzia, 206
- 106 **Igreja de N. S. de Bonsucesso**, Travessa Santa Luzia
- 107 **Ladeira da Misericórdia**, Largo da Misericórdia
- 108 **Museu da Imagem e do Som**, Av. Marechal Âncora, 1  
(Prédio atrás do MIS, demolido em 1986)

## Roteiro N.º 1 Glória Carioca



Uma cidade o que é?

Um percurso no espaço, um percurso no tempo, um percurso em nós mesmos?

Síntese de nossas vidas, ela se estende ao nosso lado, espécie de irmã xifópagas, fiel testemunha de nossas emoções, guardiã de nossos destinos.

Cada cidade imprime em seus habitantes um caráter próprio, que neles permanece, apesar das diferenças das casas, ruas e bairros. Caráter que impregna os viajantes, aura mágica, perpassar de ventos, brisas, ruídos, sons, perfumes, nuvens, mutações de cores e luzes. Marcas que resistem à nossa própria transmutação e à transmutação das coisas.

Antes de nós a cidade existia e existirá depois, soma de tudo que somos, que fomos, que desejamos ser. Cada um de nós deixa nela sua marca e procura construí-la à sua própria maneira. Mesmo assim, ela é de todos, patrimônio de tudo o que é humano, alma comum de sua gente.

Desvendá-la, penetrar nos seus recônditos, é descobrir a nós mesmos. Há casas, ruas, árvores, que se parecem conosco. Há momentos de revelação do nosso próprio eu que a cidade propicia. Muitas vezes, ao dobrarmos uma esquina, paramos, detendo o olhar em alguma coisa que a pressa nos impede de ver melhor, e cuja imagem recolhemos como se fosse uma peça desgarrada de nós mesmos.

Antes de mergulharmos no sono e ao despertarmos dele pela manhã, percebemos os ruídos emanados da cidade como os de um corpo que acordasse junto conosco. Seus reflexos vitais despertam com os nossos. Ela está viva como nós.

No rastro dessa vida presentida, salto da cama. Vou buscar o coração desse corpo que acordou comigo. Quero sentir pulsar esse "cuore" junto ao meu. Tomo o café da manhã com os flamboyants fanados pelo inverno entrando pela janela. A rua me espera, condutora atenta do meu destino.

Tenho nas mãos esse roteiro, mas começo a subvertê-lo. É para a Glória que quero seguir. E lá aperto, subindo pausadamente os degraus da escada que dão para a amurada, cuja balaustrada foi trazida da Praça Tiradentes por Pereira Passos. Paro em cima, observando a simetria do traçado francês dos jardins, logo a seguir buleversado pelo risco de Burle Marx no Aterro.

Demoro o olhar nas amendoeiras acastanhadas, contemplo ao longe as luminárias francesas do Hotel Glória e a pequena igreja barroca no alto do Outeiro. Constato com prazer que os postes de ferro fundido estão ainda em toda a orla e nos jardins, ostentando suas cúpulas opalinadas que, acesas de noite, dão ao local uma atmosfera encantatória e espetante.

Relanço a vista pelo velho Relógio (1) (a mim fascinam os relógios parados), atravesso a rua em direção ao prédio inglês da escola Marechal Deodoro (2) junto ao pequeno chafariz do século XVIII (3). Sou surpreendida mais adiante, por uma vitrine onde bonecas de porcelana, vestidas luxuosamente demais para a manhã, deixam em mim o rastro de seu olhar fixo e vago.

Os tipos humanos com que vou cruzando, remanescentes dos antigos malandros, me fazem perceber que agora estou na Lapa.

A vida mal começou e na Rua Moraes e Valle, homens vestidos de pijama e mulheres de penhoar, alimentam canários domésticos aprisionados em gaiolas que pendem dos gradis ogivados dos sobrados coloridos. Lirismo matinal de uma Lapa lavada de pecado que Manuel Bandeira certamente conheceu.

Há vasos de plantas entremendo-se com as gaiolas, e de repente, leio na placa da rua que tomo, o nome de Marques Rebello. Essa luz matinal que se concentra tão sensível nos azulejos da igreja da Lapa do Desterro (4) teria agradado a ele, sempre atento às incidências de luz sobre a cidade.

Ando um pouco mais e alcanço a Sala Ceclília Meireles (5). Esses dois escritores cariocas, Ceclília e Marques Rebello, estão agora curiosamente reunidos na Lapa. Incorporo os textos de Ceclília, de Manuel, de Marques Rebello à manhã e à paisagem. Só agora percebo que eles têm algo em comum.

O Lampadário (6) no meio da praça me faz estacar, visão premonitória do roteiro a ser percorrido. Serpentes, caravelas, casticais, sustentam o globo armilar. A partir daí, os elementos arquitetônicos que me envolvem, perdem todo a sua obrigação de coerência. Descortino um prédio de estilo francês com cúpulas de ardósia (7), um outro rosa (8), vazado como um quadro de Magritte, onde sobressaem rostos de mulheres intemporais esculpidos em estuque. Os velhos Arcos da Lapa (9) não conduzem mais água e, sim, o bonde que flutua no azul. O velho restaurante Cosmopolita (10) ainda não abriu e o Cabaret Casanova (11) está, naturalmente, fechado. Quem velará o sono de seus travestis?

A lona azul do Circo Voador (12) anuncia o seu mundo de maravilhas numa Lapa transfigurada, mas fiel a si mesma.

A Fundação Progresso (13), que sempre me pareceu a morada moderna do deus Vulcano, ainda está lá com seus dois operários forjadores na fachada e seus arcobotantes de ferro no interior.

Deixo para trás a pequena colina do secular Convento de Santa Tereza (14), e vou em direção à Rua do Passeio, passando pela Escola Nacional de Música (15) que se amplia no mural de sua própria empena e pelo prédio do Automóvel Clube (16), onde sorrio diante da índia alada, aculturada, que decora o frontispício do prédio neoclássico.



18

Parada diante do belo e nobre portão do Passeio Público (17) contemplo os baobás; enxergo, de longe, a pontezinha de concreto imitando galhos e percebo o chafariz e as pirâmides curiosas de Mestre Valentim.

A feira de selos acontecida no Passeio aos domingos de manhã é um aula de civilidade: os pequenos selos são seguros pela ponta da pinça a mão humana se fazendo leve, redimindo os gestos.

De volta à Rua do Passeio, viro a cabeça para a direita e vejo o Palácio Monroe, transfigurado no requintado chafariz francês (18), esse andarilho que, vindo da Praça XV e da Praça da Bandeira, acaba pousando, finalmente, no vazio deixado pela retirada da velha sede do Senado. Penso no discurso de protesto que Mangabeira teria feito caso sua voz ecoasse ainda entre a dos vivos.

A Cinelândia injeta mais vida na manhã. O prédio do cinema Odeon (19), com sua misteriosa galeria está intacto e, como a maioria dos edifícios da Praça Floriano, conserva sua fachada decorada. Ur deles ostenta um Mercúrio inteiro e não apenas sua cabeça alada; outro prédio, na esquina, possui decorações em verde jade projetando-se do concreto cinza-chumbo; outros têm guirlandas de flores delicadas, mansardinhas de ardósia, detalhes afrancesados. São os primeiros espigões do Rio, de uma época anterior ao delírio do vidro. O Amarelinho (20) e o Bola Preta (21), semi-adormecidos, descansar ainda das expansões noturnas.

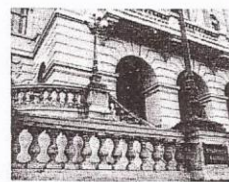
O prédio da Câmara Municipal (22) com seus dois pequenos templos gregos laterais, encimados por abóbodas orientais, deve estimular, com sua imponência, a oratória da vereança.

A Bombinière Patrone (23) exhibe suas vitrines abauladas e entro nela para comprar balas de damasco observando as prateleiras e os detalhes de madeira. Ah, vontade de comprar ali as caixinhas de bala vendidas antigamente no Teatro Municipal (24).

Olho para a cúpula do Teatro, procurando me lembrar de sua imagem quando se destacava contra o azul do céu. Mal a vejo agora espremida entre os edifícios, destituída da moldura natural das águas. A bela cópia da Ópera de Paris projeta agora seu eclétismo contra o fundo confuso e inexpressivo das construções apressadas, serviço do lucro rápido, bem ao gosto desta época. Tenho esperança de encontrar a porta aberta do restaurante Assisius para mergulhar n. sua atmosfera onírica azul oriental.

A porta está fechada e atravesso a rua, parando defronte da Biblioteca Nacional (25) (Cary Grant e Ingrid Bergman vêm povoar, também minha manhã, saídos do filme Notorious).

O Museu Nacional de Belas Artes (26) é meu velho conhecido. Am. sua coleção de pintores do século XIX. Queria olhar o Panorama de Guanabara, de Fachinetti, mas à essa hora o museu ainda não abriu. Tento imaginar a Avenida Central em plena Belle Époque. Pouco carros, os oitís recém-plantados e o chilreio dos pardais (importado da Europa, como conzinha, pelo prefeito Pereira Passos), às cinco horas da tarde. É difícil o exercício. Fora os prédios ecléticos com que agora me deparo, tudo foi destruído.



25

Volto e sigo em direção ao largo da Carioca, já sentindo o coração oprimido com o desfile de horrores que vou ter de enfrentar, tal a desambigüência nele instalada. Mas lá está o convento de Santo Antônio (27) restaurado, sobrepondo-se aos seus entornos aviltados. Na minha eterna obsessão de olhar o céu, surpreendo, ao longe uma torre encimada por um galo. Só pode ser a da igreja de São Francisco, que assim se insere à paisagem do Largo.

Entro na Silvestre (28) para me abastecer um pouco com a sensação de aconchego das velhas leiteiras. Ao sair olho, mais uma vez, o pequeno chafariz (29) e em seguida sento-me, buscando descansar junto ao Relógio da Carioca (30), descortinando o caos urbano instalado ao redor.



27

## Roteiro N.º 2 — Carioca Pça. da República São Francisco

Levanto-me e inicio outro percurso.

Ando até a Rua da Carioca, onde o comércio ferve nessa hora já não tanto matinal. Deliciada percorro com o olhar os sobrados neoclássicos (31) e ecléticos, que abrigam empórios e armazéns repletos de artigos oferecidos generosamente ao tato do comprador. Mercadorias penduradas e barbantes, balançam ao toque de minhas mãos (32). Nos queijeiros (33) compro queijo do Serrão e de serra da Canastra que pretendo comer, à moda mineira, acompanhados de café.

A arquitetura dos prediosinhos tem um encanto modesto, machadiano. Alguns deles são enriquecidos com pequenas colunas brancas, como o da sapataria Polar (34), antigo cinema Ideal, de teto decapotável. Em algumas lojas há malas penduradas e baloicantes, como mactros convidando viagens. O Bar Luiz (35) concentra um pouco das memórias de todos nós, memórias gustativas, amore com gosto de saladas. Depois, o luxo dos gradis e azulejos art nouveau do cinema Iris (36), beleza só há bem pouco tempo incorporada, das construções do início do século.

A Praça Tiradentes, alcançada, não contribui para imprimir maior ordem à paisagem. Uma igreja de estilo gótico à esquerda e o Rio Hotel (37) eclético, pintado em tons coloniais, preparam o espírito para o monumento de onde D. Pedro I apontava com respeito em direção à escola de Belas Artes, construída no Beco do Tesouro con



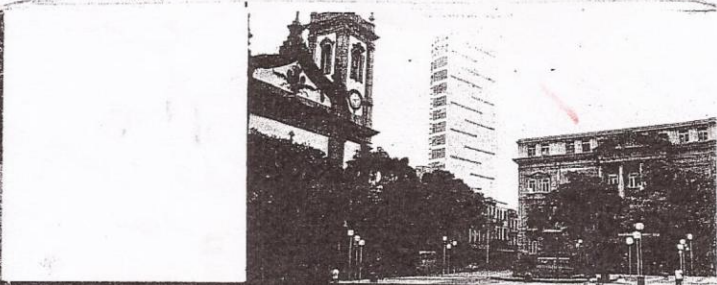
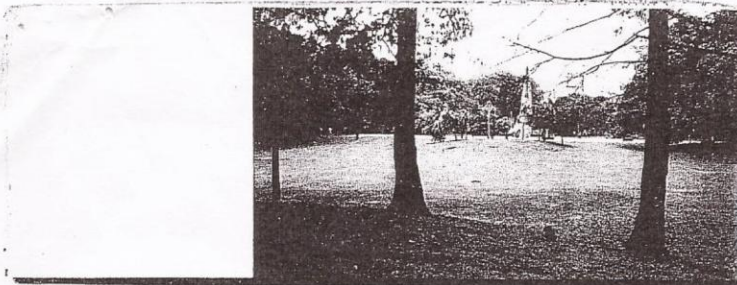
1



3



14

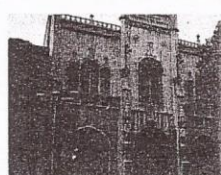


o suor do povo, por Grandjean de Montigny e derrubada por um sopro de poder, em 1938. Em vez da escola, o que existe ali agora, é um estacionamento de automóveis. A estátua de Louis Rochet e Pedro I (38) se eleva, cercada de finos gradis, coberta de adornos elaborados com o refinamento de uma arte decorativa tipicamente francesa, que vai desde os candelabros e "grifos" de ouro, até as imagens de índios, papegaios, tamanduás, tartarugas, pacas, em bronze, harmoniosamente dispostos.



Volto à Senhor dos Passos, e em seu final sinto no ar um perfume que evoca os quartos de empregadas nas casas de minha infância: é o cheiro evulado das lojas de essências. Desço a Rua dos Andradas olhando detidamente o belo conjunto de fachadas dos sobrados do lado direito, todas elas ornadas de cantarias e rendilhados de serralheria.

Cruza a Buenos Aires e a Praça Monte Castelo, não me deixando envolver pelos ônibus que passam. Ao lado da Praça alonga-se a lateral da igreja do Rosário (60) com sua fileira de velas acesas no chão, homenagem à antiga escrava Anastácia. Já sei onde quero, agora, parar, é o número 7 da Rua dos Andradas. A manhã vale bem uma fotografia emoldurada por uma cena campreste na Foto Automática (61). Indago se os deliciosos porta-retratos da vitrine são para vender. Não são.



Na Luís de Camões desvio-me até o Real Gabinete Português de Leitura (62), presente dos imigrantes, e entro no palácio maneirino todo feito em Portugal, depois de ter remexido nas quinilharias da Casa Arthur e da Casa Camelo. É, "tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Retorno ao Largo de São Francisco e paro diante do monumento José Bonifácio (63), reconhecendo o estilo de Louis Rochet, aqui mais moderado. Contemplo o portal barroco de Mestre Valentim da igreja de São Francisco de Paula (64) e a solene fachada neoclássica da antiga Escola Politécnica (65).

Penso em parar um pouco nas papelarias do Largo, onde há sempre descobertas a fazer, mas passo dessa vez, sem forças para a empreitada. À esquerda, numa casa de artistas do Norte (66), dispostos em belas vitrines e estantes, genipapo, pirarucu.

Na esquina do Ouvidor, o prédio da Casa Bagatelle (67), com seu medalhão encimado pela enorme cabeça de Mercúrio e seus azulejos entre pré-rafaelita e art nouveau, me fazem desejar um banco e um binóculo.

62



Na outrora francesa Rua do Ouvidor há muito deixou de existir o nobre comércio. Do alto das cimbalhas, cabecinhas do deus Mercúrio ainda abençoam algumas lojas. A Confeitaria Manon e a Casa Sloper recordam jornadas da minha juventude. Procuo me lembrar onde ficavam aquelas "dames do temps jadis" chamadas "Imperial", "Doll", "Sibéria", "Soares e Maia". Percorro a rua com humildade, pensando na precariedade das coisas. Pensando sobretudo na fragilidade das ruas, indefesas à brutalidade dos homens.

A Uruguaiana me consola oferecendo os adornos feéricos dos seus prédios coloridos, a graça das janelas arredondadas, das sacadas abauladas. Estou instalada em pleno reino encantado do Art Nouveau.

Desde o início do passeio, guardava no coração uma promessa dividida em duas: terminar a caminhada com um repasto, como nos piqueniques, na Confeitaria Colombo ou na Casa Cavé. E não sabia, durante todo o tempo, por qual dos dois lugares me decidir. Agora, chegando ao fim, detenho-me na esquina da Gonçalves Dias, tentando escutar meu coração, mas ele não vem ao meu auxílio. Entro na rua, constato aliviada que a velha Casa Daniel ainda está ali, e eis-me dentro da própria Colombo (68). Como se estivesse num palácio vienense, ponho-me a olhar os espelhos, as vitrines, as escadas, a clarabóia, o mundo de detalhes, esperando ouvir a cada momento o Danúbio Azul. Tanta beleza me põe tonta, e, de repente, meu coração se faz ouvir. É no pequeno ninho da Casa Cavé que desejo me aconchegar. Estou cansada.

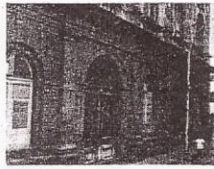


70

Vou andando apressada pela Gonçalves Dias, entro na Sete de Setembro, paro rapidamente nas vitrines de uma chapelaria feminina (69), na de uma joalheria que exhibe com pratos portuguesas jóias luxuriantes do mais fino labor, e entro na Casa Cavé (70). Nela tudo obedece à mais perfeita proporção, dentro de uma simetria especial. Enquanto aguardo o garçon, reparo numa tira de renda dourada com desenhos Art Deco presa numa das vitrines. Os motivos decorativos das paredes poderiam figurar em qualquer museu do mundo, raros e belos como são poucas coisas na vida. Sou cercada de uma atmosfera intimista, envolvente.

Peco sorvetes de creme e de pistache, fios de ovos, massa folhada. As doses do sorvete são pequenas, como devem ser. Não faz mal, posso repeti-las. Meus gestos se inserem nas linhas precisas do Art Deco, parto os folhados com disciplina geométrica e depois de repetir os sorvetes e ouvir da loja de discos em frente o Bolero de Ravel, pago a conta e saio, caminhando de novo pela Sete de Setembro.

Busco ainda um desejo que se ocultava, latente, em algum recôndito de mim mesma. Retorno a Rua Gonçalves Dias até o final e entro no Mercado das Flores (71), caminhando pelo que eu chamo Vale das Flores, como uma rainha passando revista no seu batalhão engalanado. Volto olhando, agora vagarosamente, as flores, esses espantosos acréscimos que um deus, deusa, colocou na superfície da terra, só para nosso deleite. Decido comprar, apenas, um buquê de violetas.



42

O luxuoso teatro João Caetano (39) me faz recordar o antigo, cujos cacos azuis do vitral art déco brilhavam na fachada de concreto. Imagino ainda o mais antigo, o Real Teatro São João, construído para abrigar o luxo imperial. O Carlos Gomes (40) continua ali, acenando à cobica dos homens, mas o cinema São José, mais frágil, a ela sucumbiu.

A arquitetura que vou percorrer agora é da mais nobre qualidade. Os gradis ondeados da Rua Imperatriz Leopoldina (41) flexionam a beleza dos prédios. Adiante, um palácio romano (42) em toda a sua glória, está decorado com aparelhos de ar condicionado enferrujados, que se destacam do ocre da fachada. Nas esquinas arredondadas da Rua Gonçalves Ledo com a Luiz de Camões, eleva-se o casarão neoclássico (43), com sua camarinha (a última da cidade?). Mais à frente, um pequeno sobrado (44) acrescenta à beleza de sua fachada um surpreendente jardim vertical feito por um paisagista doméstico.

Surge a Regente Feijó, onde as cantarias de pedra e gradis de ferro abrigam bechiores com suas alfaías que brilham na sombra. A doçura inesperada da Avenida Modelo (45), revela suas pequenas casas com beirais bordados, através do belo portão aberto.

Na Rua Buenos Aires o edifício da Real A. Beneficente C. de Mattosinhos e São Cosme do Valle (45), deixa à mostra pelas sacadas adornadas com graciosas luminárias, as flores do seu teto pintado. Adiante, a fábrica de manteiga Alhambra (47), lembra o tempo em que esta era comprada em latas e comida em abundância.

A Casa Koury Tapeçarias (48), quase na Praça da República, exhibe seus veludos, seus tecidos atalhados e gobelinados, desdobrados conspicuamente em panejamentos e drapeados. Há linóleos com flores européias estampadas, requinte da casa de pobre que a dos ricos jamais conhecerá.

Na esquina próxima da Constituição, a Faceira dos Calçados apresenta um sapato branco masculino de bico fino, que está a exigir um termo branco, impecável, e uma noite na gafeira. Aliás, a Elite (49) e a Estudantina (50) estão bem próximas.



45

Atravesso a rua para penetrar no Campo de Santana (51), tornado de uma delicadeza quase inacreditável nesta manhã invernal. Busco o banco instalado às margens de um gramado inglês e daí meu olhar começa a vagar preguiçosamente, detendo-se primeiro nas árvores mais próximas, partindo dos troncos crispados até alcançar as folhagens recortadas entre os pedaços de azul e sol. A luz transfigura todos os contornos, os objetos são esvaziados de seu peso. Pedras, bicas, estátuas, se transformam no Parque de Glaziou em silhuetas finíssimas esbatidas contra o azul e o verde. O Campo, àquela hora, pedia um Monet.

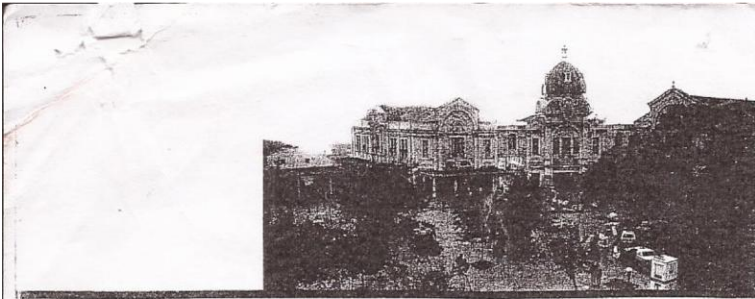
Saio dali pensando na coalhada e na pasta de grão de bico no mais antigo restaurante árabe da cidade, o Du Nil (52), no início da Rua da Alfândega, junto à igreja de São Jorge (Xangô) (53) dos pobres. Os azulejos translúcidos verde e rosa convidam para entrar no Du Nil, mas ainda é cedo para almoçar. Percorro a rua levantando o olhar para encontrar nos prédios desse mercado árabe-judaico, as fachadas preservadas, mas usurpadas pelos enormes letreiros de acrílico. Penso nos navios de emigrantes despejando ao ambiente francês do Rio do início do século, a cultura do oriente. As mercadorias avançam sobre a rua oferecendo-se sensualmente ao toque dos transeuntes. Duas igrejas de escala quase residencial aparecem, no fim da rua: a de Santa Efigênia e Santo Elesbão (54) com sua escada helicoidal (seria essa Santa Efigênia a versão cristã da filha martirizada de Agame non?) e a lateral da igreja de N. S. do Terço (55). Se entrar nesta, verei o modesto luxo dourado de sua nave, quase toda ela um altar. Mas, prossigo em direção à Rua Gonçalves Ledo, onde ao longe estão os belos sobrados do século XIX em estado quase irrepreensível.



Entro na Senhor dos Passos com a lembrança do delicioso Mineiro com Botas servido no restaurante Penafiel (56), e vejo as vitrines de latão da Casa Turuna (57) que exibem tecidos do mais puro refinamento. Desvio um pouco o olhar à direita no sentido da Avenida Passos e enxergo a igreja e matriz S. S. Sacramento da antiga Sé (58), mistura do estilo Luiz XV com o Barroco. Se andar um pouco, posso parar em seguida diante do prédio-pavão (59), produto de uma arquitetura comprometida apenas com a imaginação humana, agora transformado em logotipo do Corredor Cultural. Contemplo-o de longe.



59



### Roteiro N.º 3 — Carioca Misericórdia

Desço no Largo da Carioca e tomo a direção da Rua São José que, aberta no século XVII, é uma das mais antigas do Rio. Prossigo pelas Ruas da Quitanda e Sete de Setembro (a velha Rua do Cano) e me detenho, agora, na do Carmo. A capela do convento que ali existira, parece ter diminuído estranhamente de tamanho, transformando-se no pequeno oratório (72) vindo do antigo morro do Castelo, onde a Virgem parece sorrir ironicamente, alçada a um céu onde não há lugar para os desacertos urbanos. Ao fundo, como um pecado, o edifício da Faculdade Cândido Mendes.

Há detalhes curiosos nesse trecho da rua: azulejinhos no prédio n.º 48, um cofre de esmolas ornado de portinholas e de ferragens bem feitas, ao pé do oratório. Ao lado, um pequeno restaurante exhibe linguicas e salsichões pendurados. Penso que poderia passar no sebo em frente (73), mas resisto à idéia, que isto me tomaria toda a manhã.

O Beco dos Barbeiros deixa à mostra as suas calhas d'água. Deve ser delicioso ver a água passar pelas bocas encimadas por asas, que quase se encostam ao meio fio do passeio.

Na antiga Rua Direita, toldos em estilos dos mais variados abrigam drogarias que parecem vender mais barato. À esquerda, a igreja da Santa Cruz dos Militares (74) procura imitar a igreja de Gesu em Roma. Ao longe, a torre de ladrilho branco e azul da igreja da Lapa dos Mercadores empresta um insólito luxo oriental à paisagem.

Caminho em direção aos prédios monumentais: o do Tribunal Regional Eleitoral (75), exibindo o rosado raro do seu mármore, o dos Correios e Telégrafos (76) e o do Banco do Brasil (77), de construção mais recente. Entre eles, aos fundos da Travessa Tocantins, uma cúpula ocre e uma torre distantes surpreendem a vista.

Olhando à direita, mais duas torres aparecem, e logo desaparecem, quando ando um pouco mais, como as duas torres de Martinville descritas por Proust, a da igreja N. S. do Carmo (78) e da N. S. do Monte Carmo (79). Em frente e ao longe percebo o Mosteiro de São Bento (80), no alto da colina.



81

Finalmente, na Praça Pio XI, a igreja da Candelária (81). A abertura da Avenida Presidente Vargas, em 1940, privou-a da companhia dos velhos sobrados seus parentes, mas ela consegue manter sua dignidade e sobrepôr-se com sua pompa eclética aos enormes edifícios circundantes e ao Viaduto da Perimetral, como uma duquesa da Revolução Francesa indo para o cadafalso.

Todo esse caos urbano é uma moldura estranha para o prédio da antiga Praça do Comércio (82), construído por Grandjean de Montigny, quase arruinado, mas conservado intacto em sua beleza. Este verdadeiro templo de uma retardatária acrópole grega erigido ao deus Mercúrio, foi por ele certamente velado todos esses anos, o que impediu seu completo desmoronamento. O estilo neoclássico do edifício se reveste de uma nobreza helênica, nas suas sutilezas arquitetônicas, nas colunas internas de pedra cobertas de madeira marmorizada, na proporção absolutamente perfeita de suas medidas, no lanternim que ilumina seu interior e na harmonia sem par de todos os seus elementos.



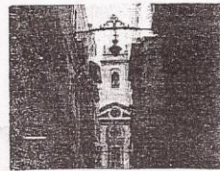
82

A Rua Visconde de Itaboraí, em que estou agora, mostra os fundos grandiosos do Tribunal Eleitoral e, como que para atenuar toda essa pomposidade, uma série de delicados sobradinhos coloridos onde duas casas iguais, pintadas de cores diferentes, ostentam nas cimeiras, guirlandas de minúsculas flores.

Na Rua do Rosário com a dos Mercadores, o prédio restaurado (83) que marcou a história do projeto Corredor Cultural. Incendiado quando os jornais começaram a falar na preservação do centro, provocou, em 1980, o decreto que fixava os gabaritos da Praça XV, origem da Lei atual, de proteção para toda a área abrangida pelo Corredor.

A visão da Rua do Rosário mostra um dos trechos mais velhos do Rio, com ruas, becos e travessas cujo traçado remonta ao início do século XVII. Vou penetrar os mais recônditos e antigos segredos desta cidade que ainda não consegui esgotar, apesar da minha atenção em perscrutá-la.

Fachadas do azulejo mais puro, luminárias em arco, gradis, cantarias, postes de ferro fundido, vão nos conduzindo a épocas diversas com a precisão de uma fuga de Bach. Na Rua do Rosário, descobro os arabescos delicadíssimos de um monograma na fachada (84) de um sobrado: BS. Que teria sido feito desse personagem, emergido ainda, da fachada de sua própria casa?



85

A Rua dos Mercadores interfere na do Rosário com a fachada neoclássica da igreja de N. S. da Lapa dos Mercadores (85), por cuja porta, caso estivesse aberta, se poderia adentrar em linha reta, aportando em sua nave. Naquela rua há, sobre os gradis, toldos redondos e coloridos. Também escadas, colunas egípcias e coríntias numa escala pequena, humana, cotidiana.

Tomando a Ouvidor, um prédio rosa (86), de quatro andares, destaca-se dos outros pelo seu maior despojamento, pela beleza de suas proporções. A casa de n.º 25 parece ser a mais antiga da rua. Paro diante de uma loja especializada em artigos do mar e sou tentada a remexer nos estranhos objetos. Armazéns de importação e exporta-



ção seguem a tradição do local. Uma casa minúscula que surge depois, não parece absolutamente uma moradia de bonecas e sim uma habitação humana, com todos os requisitos para abrigar vidas reais.

A Rua do Mercado, antiga Praia do Peixe, mostra seus sobrados imponentes, remanescentes modificados do século XVIII. Começam a aparecer os restaurantes e o gosto das peixadas fervilhantes e odorosas do Cabaca Grande (87), do Rio Minho (88) e da Tasca (89) me vêm à boca.

Na Travessa do Comércio, para onde sigo, os sobrados são mais despojados e parecem mais antigos. Abrigam restaurantes como a Cantina Mezzogiorno (90), o English Bar (91), e o Século XX (92). Neste, as últimas telhas de louca da região emolduram seu beiral. No sobrado de n.º 13 morou uma jovem Carmem Miranda que, nessas mourarias, certamente teria encontrado mais inspiração para cantar fados, do que sambas e marchinhas.



95

Prossigo em direção ao Arco do Telles (93) e vou dar na Praça XV, pensando como seria bom poder cortar pela metade, com uma espada de samurai, o grande prédio negro atrás do Convento do Carmo (94), de cujo claustro a rainha louca lançava seus gritos à rua. Teria mais razão de gritar hoje, a pobre rainha, perdida na incoerência urbana.

Avisto o Paço Imperial (95), brilhando ao sol como um diamante, e o chafariz de Mestre Valentim (96). Comovida com sua beleza, examino em seguida a estátua do General Osório (97), de Bernardelli e me demoro finalmente diante do Paço, tentando recompor o esplendor do Palácio Imperial visto nas antigas gravuras. O mar há muito se afastou dali em virtude dos aterros que se sucederam. Imagino o rei em seus aposentos olhando a bala e os pequenos navios atracados, vindos d'além-mar. Penso nos escravos chegando da África nos porões dos navios, a respiração suspensa diante da terra nova.



95

A passarela ali perto me fala do desamparo das cidades, violadas, esturpadas, negociadas, assassina-das, expostas impunemente ao lucro, à cobiça, ao poder. Vontade de voltar até o mosteiro de São Bento para rezar pela alma das cidades, mas vou deixar para fazer isso num domingo de manhã aproveitando para assistir à missa das dez na igreja dourada, ouvindo os cantos gregorianos e participando da sua solene liturgia.

Tento ver o mar, até há bem pouco tempo vislumbrado entre os pilares da Perimetral. A Ilha Fiscal (98), palácio verde de Scherzade tem, ao longe, batida pelo sol, fulgurações de jade. Ainda ecoarão ali os sons do último baile do Império? (Sic transit...)

A estação das barcas (99) contribui para o clima oriental com sua abóbada também verde, ornada de um pequeno minarete branco. Ando em direção ao Palácio Tiradentes (100) e, já esquecida de pureza arquitetônica do Paço, encanto-me com sua cúpula de vidro (uma das últimas da cidade), com as águas que se repetem até nas luminárias frontais.

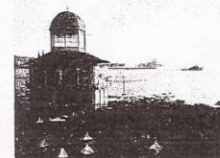
A igreja de São José (101) pode ser vista à distância, não contra o céu, como devem ser vislumbradas as igrejas, mas contra um grande edifício-garagem.

Encaminho-me à Rua Dom Manuel, onde a paisagem neoclássica e eclética é representada nos três prédios imponentes à esquerda. O primeiro deles abriga um pequeno Museu Naval (102) onde v expostas, entre protetoras e assustadoras, as carrancas dos barcos do São Francisco.



100

Prossigo em direção à Praça Marechal Âncora e lá está pousado o Albamar (103), meio escultura, meio edifício, frágil como uma papoula, o ferro transformado pelo artesão em rendilhados finíssimos, de mais pura delicadeza. Sobrado da destruição do Mercado Municipal para a passagem do viaduto, ele parece, de repente, encarnar alguma coisa que vinha buscando pela vida afora, alguma coisa saída dos contos de Andersen, dos textos de Proust, da Flauta Mágica de Mozart, algo raro e simples, anseio de liberdade fixado no ar pela mão humana. Aos sábados o prédio parece totalmente mágico, em meio às tendas da Feira de Antiguidades estendidas sobre o gramado verde, como se os mercadores tivessem aportado, para depois partir novamente, em misteriosos navios piratas.



103

Caminho em direção aos prédios do Museu Histórico (104), da Santa Casa da Misericórdia (105) e da igreja de Bonsucesso (106). Ai, neste local, nasceu, no antigo morro do Castelo, esta cidade. A pequena ladeira inacabada (107) registra o último trecho do morro demolido na década de 30. Chegamos ao fim do roteiro e ao começo da cidade.

Um prédio desprezencioso atrás do Museu da Imagem e do Som (108) me atrai: descobri nele uma deliciosa escadinha de ferro e, na fachada lateral, mãos francesas que nada seguram: Resolvo encerrar aqui o meu roteiro.

Uma sensação feliz, mas pungente, de fugacidade e evanescência me percorre. Com ela construirei meu dia, soerguerei minha cidade.

Rachel Jardim, Julho 85